UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIVERSIDADE BIOLÓGICA E CONSERVAÇÃO NOS TRÓPICOS

NELSON RODRIGUES DA SILVA

Aspectos da biologia reprodutiva de *Dendropsophus haddadi* (Anura: Hylidae) e a influência dos locais de oviposição no dimorfismo sexual e fecundidade em anuros

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Doutor em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS com ênfase em Biodiversidade.

Maceió - Alagoas
Junho de 2020

NELSON RODRIGUES DA SILVA

Aspectos da biologia reprodutiva de *Dendropsophus haddadi* (Anura: Hylidae) e a influência dos locais de oviposição no dimorfismo sexual e fecundidade em anuros

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Doutor em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS com ênfase em Biodiversidade.

Orientador(a): Profa. Dra. Tamí Mott
Coorientador(a): Profa. Dra. Cynthia Peralta de Almeida Prado

Maceió - Alagoas
Junho de 2020

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

S586a Silva, Nelson Rodrigues da.
Aspectos da biologia reprodutiva de *Dendropsophus haddadi* (Anura: Hylidae) e a influência dos locais de oviposição no dimorfismo sexual e fecundidade em anuros / Nelson Rodrigues da Silva. – 2020.
102 f. : il.

Orientadora: Tamí Mott.
Co-orientadora: Cynthia Peralta de Almeida Prado.
Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos. Maceió, 2020.

Inclui bibliografias.

1. *Amphibia*. 2. Anura - Comportamento reprodutivo. 3. Mata Atlântica. 4. Animais - Tamanho. 5. Seleção sexual. 6. Seleção natural. I. Título.

CDU: 597.8

Folha de aprovação

Nelson Rodrigues da Silva

Modos reprodutivos em anuros: Modos arborícolas e suas implicações

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Doutor em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS na área da Biodiversidade.

Tese aprovada em 03 de junho de 2020.

Dra. Tamí Mott/UFAL
Orientadora

Dra. Cynthia P.A. Prado/UNESP
(co-orientadora)

Dra. Cinthia Aguirre Brasileiro/UNIFESP
(membro titular)

Dr. Robson Guimarães dos Santos/ UFAL
(membro titular)

Dr. Fausto Nomura/UFG
(membro titular)

Dr. Diego José Santana/UFMS
(membro titular)

Dr. Mirco Solé Kienle/UESC
(membro titular)

MACEIÓ - AL
Junho/ 2020

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus pais, Genésio Rodrigues da Silva e Olga Maria Rodrigues, aos meus irmãos Marcelo, Maurício, Márcio e Nilson, às minhas sobrinhas Clarinha. Mariana, Marcela, Flávia, Lívia, Milena e Gyovanna, e aos meus sobrinhos, Tales, Túlio, Vinicius e Benício. E a inspiradora Mary Jane (litle).

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato os meus pais Genésio Rodrigues da Silva e Olga Maria Rodrigues e aos meus irmãos Marcelo, Maurício, Márcio e Nilson, que estiveram ao meu lado nesta longa caminhada e literalmente me carregaram nos braços e me fizeram vencer.

A cada um dos meus amigos que me ajudaram de alguma forma, em suas orações, vibrações e pensamentos positivos em todo este processo, mas como são muitos não caberiam aqui. Para eu conseguir expressar minha gratidão eu teria que escrever uma página sobre cada um deles. Também quero incluir aqui as pessoas que não me conheciam, mas mesmo assim me ajudaram de alguma forma. Agradeço aos médicos que estiveram em meu caminho, aos meus cuidadores Ronaldo e Gabriel. Quero agradecer também à Carol Leibold (Amplitude Fisioterapia), Miriam Tonon (Fisioterapeuta), Maura (Ápice Fisioterapia), Ricardo e Cláudio (Ápice Academia) e ao personal Giovani (Ápice Academia). São todos excelentes profissionais e me ajudaram muito.

Agradeço a todas as religiões e orações que para mim foram direcionadas, acredito que o amor é uma estrada que nos leva para um lindo caminho e não se restringe a religiões ou filosofias, quando vibramos boas energias para alguém, isso vai muito além de nossa crença.

Às minhas orientadoras Tamí Mott e Cynthia Prado, pelo carinho e pela enorme ajuda, que foi muito além de orientação. Na parte de desenvolvimento e evolução de pesquisa e escrita, tenho aprendido muito e, com certeza, vou carregar este aprendizado pelo resto de minha vida. Tamí e Cynthia me ensinaram muitas coisas importantes e, principalmente, ser fiel a sua pesquisa e ter paixão pelo que se faz. É isso que vejo nelas em cada conversa ou e-mail, a paixão pelo ensino e pesquisa. Olhando como elas se dedicam, eu fico grato por ter elas me orientando, estimulando e ensinando. Foram extremamente pacientes e abraçaram minha causa como se eu fosse um parente próximo. Essa capacidade delas de me fazer acreditar que era possível continuar e seguir com o doutorado, apesar das adversidades da vida, me marcou muito. Agradeço imensamente por este carinho e acho que elas não imaginam como foi, e está sendo, importante me manter conectado com a pesquisa. Isso foi muito mais que terapia. Com muito carinho, obrigado.

Ao Renato C. Nalli que, recentemente, cruzou meu caminho na pesquisa, e que vêm contribuindo para meu aprendizado e desenvolvimento como pesquisador. Tenho aprendido muito com Renato, apesar do pouco tempo.

Ao Netão (Neto Vieira Araujo) que foi um grande parceiro quando cheguei a Maceió e que me acolheu como um amigo antigo. Sem palavras para você meu caro. Você fez com que eu me sentisse em casa e foi de enorme importância na pesquisa, já que sabia muito das matas e dos bichos de Maceió. Não teve qualquer problema em me passar tudo que sabia. Espero um dia retribuir este carinho e camaradagem. Grande Neto, um abração.

Aos professores do PPG-DIBICT que permitiram que eu fizesse todas as disciplinas a distância. Foi extremamente importante esta oportunidade que me colocou de volta nas atividades do doutorado e me fez muito bem poder participar das aulas junto com os demais alunos, mesmo sendo à distância.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante os quatro anos de meu doutorado (2016-2020).

À Universidade de Sorocaba (UNISO), por ter permitido que eu fizesse meu estágio docência em seu câmpus. Ao professor doutor Tiago Marques por ter me aceito para fazer parte de suas disciplinas em meu estágio docência. Aprendi muito com Tiago Marques e foram dias muito produtivos.

À Universidade Estadual Paulista (UNESP-Sorocaba) por permitir que eu fizesse a qualificação oral 2 na UNESP, e principalmente ao professor doutor Alexandre Marco da Silva, que prontamente agilizou a banca e cuidou de todos os detalhes para a qualificação. Muito obrigado professor.

Ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), pela autorização de coletas durante a pesquisa do meu doutorado (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – SISBIO: licença de coleta número 54758-3).

RESUMO

Os anfíbios anuros apresentam uma grande diversidade de modos reprodutivos. Os comportamentos de ovipositar na água ou na terra envolvem diferentes adaptações e a terrestrialidade evoluiu no grupo de forma independente. Diferenças morfológicas entre machos e fêmeas e a fecundidade das fêmeas são características importantes ligadas aos modos reprodutivos. Porém, para muitas espécies não há dados básicos sobre biologia, dificultando estudos em ecologia e evolução de anuros. Deste modo, esta tese teve como objetivos estudar a biologia de uma espécie com modo reprodutivo arborícola, bem como investigar a inter-relação entre modos arborícolas, fecundidade e o dimorfismo sexual em anuros. No primeiro capítulo descrevemos a biologia reprodutiva de *Dendropsophus haddadi*, um anuro endêmico da Mata Atlântica. Duas populações foram estudadas em Maceió, Alagoas, nordeste do Brasil. Os indivíduos foram observados a uma altura média de 3-5 m na vegetação à beira de corpos d´água temporários. Os machos foram territoriais, emitiram cantos, sinais visuais e se envolveram em combates físicos. As desovas foram encontradas sobre troncos, folhas e galhos acima da água. O número de ovos correlacionou-se positivamente com o tamanho da desova e nossas observações sugerem que, na ausência de chuvas, as fêmeas podem proteger os ovos contra dessecação, juntando os ovos logo após a oviposição. Essa forma de cuidado parental é uma novidade para o gênero. O dimorfismo sexual em tamanho (SSD) resulta de pressões de seleção natural e sexual em ambos os sexos e a fecundidade é uma importante pressão seletiva sobre tamanho das fêmeas. Logo, no segundo capítulo, investigamos a influência dos diferentes locais de desova sobre o SSD e fecundidade das fêmeas em Anura e na família Hylidae. Analisamos 385 espécies de anuros (32 famílias) com desovas aquáticas (271), arborícolas (48), terrestres escondidas (35) e terrestres expostas (31). Para Hylidae, analisamos 221 espécies, sendo 175 com modos aquáticos, 30 arborícolas e 16 com desovas escondidas. O SSD médio não variou entre os locais de oviposição; em geral, os machos foram ca. 20% menores que as fêmeas, o que pode estar relacionado com a justaposição cloacal e o sucesso de fertilização. No entanto, em espécies com oviposição em locais escondidos, machos e fêmeas tenderam a ter tamanhos corporais semelhantes, o que poderia ser explicado por restrições ao tamanho das fêmeas devido à limitação de espaço para casais em amplexo. Também testamos a hipótese de que fêmeas com reprodução arborícola podem sofrer restrições ao aumento da fecundidade para compensar os custos impostos pelo transporte de machos em amplexo. No geral, a fecundidade foi menor nas espécies arborícolas comparada com a das aquáticas. No entanto, em hilídeos, a fecundidade tendeu a ser menor em espécies arborícolas quando comparada a todos os outros locais de oviposição, o que sugere que a arborealidade pode impor restrições à fecundidade. Nossos resultados para Anura e Hylidae mostraram a complexa interação entre locais de oviposição, fecundidade e SSD. Sugerimos que o microhabitat reprodutivo também possa influenciar o tamanho do corpo e a fecundidade das fêmeas. Portanto, o grau e a direção do SSD nos anuros pode ser o resultado dessa complexa combinação de processos evolutivos atuando em diferentes escalas evolutivas.

Palavras-chave: Amphibia, comportamento reprodutivo, Mata Atlântica, tamanho do corpo, seleção sexual, seleção natural.

ABSTRACT

Anuran amphibians exhibit a great diversity of reproductive modes. The behaviors of laying eggs in the water or on terrestrial habitats involve different adaptations and terrestriality evolved independently in the group. Morphological differences between males and females and female fecundity are important traits related to the reproductive modes. However, basic information on biology is not available for many species, hampering studies on ecology and evolution of anurans. Thus, the aims of this thesis were to study the biology of one species with arboreal reproductive mode and investigate the interplay among arboreal modes, fecundity and sexual dimorphism in anurans. In the first chapter, we describe the reproductive biology of *Dendropsophus haddadi*, a species endemic to the Atlantic forest. Two populations were studied in Maceió, Alagoas state, northeastern Brazil. Individuals were observed perched on the vegetation, approximately 3-5 m high, at the margins of temporary water bodies. Males were territorial, emitted calls, visual signs, and engaged in fights. Clutches were found on trunks, leaves and twigs above the water. Number of eggs was positively correlated with clutch size and our observations suggest that, in the absence of rains, females may protect the eggs against desiccation by joining them right after oviposition. This form of parental care is a novelty for the genus. Sexual size dimorphism (SSD) results from natural and sexual selection pressures on both sexes and fecundity is an important selective pressure on female size. Thus, in the second chapter, we investigated the influence of the oviposition site on SSD and female fecundity in Anura and in the Hylidae family. We analyzed 385 anuran species (32 families) exhibiting aquatic (271), arboreal (48), terrestrail hidden (35), and terrestrail exposed (31) clutches. For Hylidae, we analyzed 221 species with aquatic (175), arboreal (30) and hidden (16) clutches. Mean SSD did not vary among species with different oviposition sites; in general, males were ca. 20% smaller than females, what could be related to cloacal juxtaposition and fertilization success. Nonetheless, in species with hidden clutches, males and females tended to have similar body sizes, what could be explained by restrictions to female size increase because of space limitation to amplectant pairs. We also tested the hypothesis that females with arboreal clutches may suffer restrictions to fecundity increase to offset the costs of carrying amplectan males. In general, fecundity was smaller in arboreal breeders compared to that of aquatic breeders. However, in hylids, fecundity tended to be smaller in arboreal breeders compared to all other oviposition sites, what suggests that arboreality may restrict female fecundity increase. Our findings for Anura and Hylidae showed the complex relationship among oviposition site, fecundity and SSD in frogs, suggesting that the reproductive microhabitat may also influence female size and fecundity. Thus, degree and direction of SSD in anurans may result from complex mechanisms operating at different evolutionary scales.

Keywords: Amphibia, reproductive behaviour, Atlantic Forest, body size, sexual selection, natural selection.

Lista de Tabelas

Revisão de literatura

Lista de Figuras

SUPPLEMENTAL MATERIAL

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO

Os anfíbios anuros apresentam uma diversidade ímpar de modos reprodutivos (~50 modos reprodutivos; e.g. HADDAD; PRADO, 2005; GURURAJA et al., 2014; ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014; KUSRINI et al., 2015). A oviposição na água (considerado ancestral) ou em ambiente terrestre (estado derivado) são adaptações reprodutivas diferentes selecionadas ao longo da evolução que ocorreu de forma não linear (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012). Na desova aquática, geralmente são muitos ovos pequenos, com grande suscetibilidade a predadores aquáticos, porém sem o risco de dessecação (LUTZ, 1948; TOUCHON; WARKENTIM, 2008). No ambiente terrestre, por outro lado, os ovos são geralmente maiores e em menor número e apresentam uma camada protetora mais espessa para diminuir a dessecação (LUTZ, 1948). As adaptações para a oviposição terrestre ocorreram independentemente ao longo da história evolutiva dos anfíbios anuros e saber quais pressões e *trade-offs* estão envolvidos com este comportamento é um grande desafio (CRUMP, 2015; ZAMUDIO et al., 2016). A reconstrução filogenética de traços ancestrais, funcionalmente ligados ao desenvolvimento dos ovos aquáticos e terrestres auxilia no entendimento da evolução dos modos reprodutivos, mas geralmente estas análises são limitadas, pois há uma carência de dados sobre a biologia reprodutiva e de detalhes sobre os modos reprodutivos das espécies de anuros. De fato, atualmente, ainda faltam informações para um grande número de espécies.

A presente tese foi dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo apresenta aspectos da biologia reprodutiva da perereca *Dendropsophus haddadi*, uma espécie endêmica da Mata Atlântica encontrada nos pequenos fragmentos florestais existentes nos estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Pernambuco (ARAÚJO-NETO et al., 2012). A grande maioria das 108 espécies do gênero *Dendropsophus* (FROST, 2020) possui modo reprodutivo aquático, mas algumas espécies depositam ovos em ambientes terrestres. Porém, detalhes da biologia reprodutiva são desconhecidos para muitas das espécies. Desta forma, informações sobre o comportamento reprodutivo de machos e fêmeas, locais da desova, número e tamanho de ovos e das desovas e tempo de desenvolvimento dos embriões foram obtidos para duas populações de Maceió, estado de Alagoas, Brasil, e são aqui descritos.

O segundo capítulo é uma análise de como os locais de oviposição (aquático, terrestre, arborícola, escondido) podem afetar o grau de dimorfismo sexual e a fecundidade em anuros, com especial enfoque nos modos reprodutivos arborícolas. As análises foram realizadas em duas escalas evolutivas: para Anura e para a família Hylidae. Dados sobre o local de oviposição, tamanho e número de ovos (fecundidade) e tamanho corporal de machos e fêmeas de anuros foram analisados utilizando uma abordagem filogenética comparativa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DA ÁGUA PARA O AMBIENTE TERRESTRE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Os vertebrados iniciaram a saída da água para os ambientes terrestres há aproximadamente 385–359 m.a., no período Devoniano (DAESCHLER; SHUBIN; JENKINS, 2006). A saída dos animais da água para a terra está diretamente relacionada a fatores bióticos e abióticos. Restrições de oxigênio, superpopulação e altos riscos de predação nos ambientes aquáticos foram determinantes para a passagem dos vertebrados dos ambientes aquáticos para o terrestre (CARROLL, 2009; CLACK, 2012; CLOUDSLEY-THOMPSON, 2012). Nos ambientes terrestres, em contraste, havia maior disponibilidade de alimentos (e.g. primeiros artrópodes), ambientes livres de competidores e ausência de predadores terrestres (GRAY; SHEAR, 1992). Entretanto, a força da gravidade na terra e as menores densidades, viscosidade, condutividade de calor, e condutividade de eletricidade, quando comparada com a água, foram desafios a serem enfrentados (POUGH; HEISER; MCFARLAND, 2003). Mudanças morfofisiológicas, comportamentais e ecológicas foram mandatórias para estes animais (SELDEN; EDWARDS, 1989; PISANI et al., 2004), e tais modificações incluem atributos da história de vida como fecundidade, taxa de crescimento, período de reprodução, entre outras (BRADSHAW, 1986; NIELSEN, 2012).

Dentre os vertebrados, algumas linhagens de peixes ósseos sarcopterígeos sofreram modificações em suas características morfológicas, fisiológicas e comportamentais, que resultaram também em alterações e adaptações no sistema tegumentar, locomotor, respiratório e sensorial (CLARK, 2007). Tais alterações permitiram que algumas linhagens iniciassem a exploração dos ambientes terrestres. Com essas modificações e adaptações graduais, surgiram animais com características intermediárias, capazes de explorar tanto ambientes aquáticos quanto os ambientes terrestres, como o *Tiktaalik roseae*, bem como os primeiros tetrápodes conhecidos (e.g. *Ichthyostega*, *Acanthostega*), os quais, apesar de serem ainda organismos predominantemente aquáticos, já possuíam características mais adaptadas aos ambientes terrestres (CLARK, 2012). Posteriormente, surgem os Temnospondyli (batracomorfos), grupo mais diversificado e com maiores adaptações para ocuparem os ambientes terrestres (CASTROVIEJO-FISHER et al., 2015).

Acredita-se que linhagens de Temnospondyli tenham dado origem aos Lissamphibia, que inclui as três ordens dos anfíbios viventes: Gymnophiona, que compreende as cecílias; Caudata, que compreende as salamandras e tritões; e Anura, que compreende os sapos, rãs e pererecas (CASTROVIEJO-FISHER et al., 2015). Apesar da linhagem irmã dos anfíbios ter surgido há cerca de 365 milhões de anos e da maioria das espécies serem consideradas terrestres, todos os anfíbios atuais são sensíveis à baixa umidade (apresentam maior dessecação quando comparados a outros vertebrados terrestres). Os anfíbios possuem a pele nua e adaptada à respiração cutânea, sendo muito permeável (maior tendência à perda de água e absorção de calor). A maioria dos anfíbios continua dependente de ambientes aquáticos ou úmidos para sua sobrevivência e reprodução (DUELLMAN; TRUEB, 1994; CARROLL, 2009; CLARK, 2012).

Dentre as 8.156 espécies atuais de anfíbios, os anuros somam quase 90% da diversidade (FROST, 2020). Na maioria das espécies de anuros, o ciclo de vida inclui um macho vocalizando para atrair a fêmea. A fêmea é atraída, o casal entra em amplexo, há a liberação dos gametas e a fertilização dos ovócitos é externa. A desova geralmente é aquática. Ocorre o desenvolvimento dos embriões que eclodem em larvas chamadas de girinos (geralmente aquática), que sofrem modificações extremas na sua morfofisiologia durante a metamorfose. Estes animais recém metamorfoseados (imagos) apresentam morfofisiologia de um animal adulto (geralmente terrestres). Apesar deste padrão geral, a reprodução dos anuros é extremamente diversificada, incluindo variações morfológicas, fisiológicas e comportamentais, provavelmente devido à capacidade de explorar ambientes aquáticos, terrestres e intermediários (CALDWELL, 1992; DUELLMAN; TRUEB, 1994; POUGH; HEISER; MCFARLAND, 2003).

Nos anfíbios anuros, dentre as principais adaptações para a ocupação do meio terrestre podemos citar as mudanças nos modos reprodutivos (ANGELINI; GHIARA, 1984; HADDAD; PRADO, 2005; CRUMP, 2015). Como mencionado, na maioria das espécies, a fecundação é externa em meio aquático: o macho abraça a fêmea, em um ritual de acasalamento chamado amplexo, e suas cloacas se justapõe. Os ovócitos são fertilizados externamente no ambiente aquático, após os gametas serem eliminados pelas cloacas (DUELLMAN; TRUEB, 1994). O amplexo traz uma vantagem, pois permite que a fecundação possa ocorrer também fora da água, uma vez que não depende mais da água para carregar e/ou unir os gametas (CLOUDSLEY-THOMPSON, 2012). Entretanto, os zigotos e embriões não são totalmente adaptados a sobreviver fora da água e o risco de dessecação é um grande desafio (CLOUDSLEY-THOMPSON, 2012). A membrana protetora dos ovos protege contra a perda ou a absorção de água e também pode proteger contra ataques de predadores (FOX; CSEZAK, 2000; TOUCHON, 2012), ainda assim, as desovas terrestres são dependentes de ambientes úmidos (HADDAD; PRADO, 2005). A postura dos ovos fora da água pode ser vantajosa, pois melhora a respiração do embrião (já que é um ambiente mais rico em oxigênio), evita que o ovo seja levado pela correnteza e pode diminuir riscos de predação de ovos/larvas (MAGNUSSON; HERO, 1991; TOUCHON; WARKENTIM, 2008).

2.2 MODOS REPRODUTIVOS EM ANUROS: ESTADO DA ARTE

Estudos pioneiros sobre a reprodução em anfíbios datam de 1730 (TERRALL, 2011; CRUMP, 2015). O pesquisador René-Antoine Ferchault de Re'aumur, por volta de 1730, fazia as primeiras pesquisas para saber como um ovo de anfíbio era fecundado (TERRALL, 2011; CRUMP, 2015). Ele observou o amplexo e acreditou que a fertilização pudesse ocorrer de três possíveis formas: 1) os dedos dos machos poderiam, através de uma abertura no peito das fêmeas, inserir os espermatozoides e fecundar os ovócitos, ou 2) os machos poderiam inserir os espermatozoides através da pele das fêmeas, ou 3) as glândulas peitorais masculinas poderiam fertilizar as fêmeas (ver CRUMP, 2015). Para verificar como ocorria a fecundação dos ovócitos em sapos, ele colocou uma calça nos sapos machos com a intenção de isolar a parte da cloaca (CRUMP, 2015). Apesar do esforço, Re´aumur não teve sucesso e não conseguiu ver como os sapos se reproduziam. Entretanto, o italiano Lazzaro Spallanzani refez os experimentos e em 1768 concluiu que os sapos possuíam fecundação externa (TERRALL, 2011; CRUMP, 2015).

Até o ano de 1900, os dados sobre história natural ainda eram escassos, fragmentados e amplamente dispersos. Desta forma, era necessário um grande esforço e investimento de tempo em pesquisas para juntar esses dados (SAMPSON, 1900). Para contribuir com o conhecimento sobre os aspectos da história de vida dos anfíbios, Sampson (1900) reuniu e obteve algumas novas informações sobre reprodução para muitas espécies de anuros (e.g. *Hylodes*, *Rhacophorus*, *Phyllomedusa*, *Pipa*) de várias regiões do mundo, incluindo América Latina. O hemisfério Sul foi reconhecido como uma região com anuros de vários hábitos reprodutivos, inclusive com o desenvolvimento dos ovos e larvas extremamente variados (SAMPSON, 1900).

Também no sentido de tentar compreender melhor os modos reprodutivos, Noble (1925, 1927) trouxe algumas reflexões importantes sobre os modos reprodutivos: "(1) o modo de história de vida é um indicador muito melhor de relacionamento nos anfíbios do que o comumente utilizado; (2) especializações embrionárias ou larvais homólogas em diferentes gêneros de Amphibia podem ser tomadas como evidência da relação entre esses gêneros; (3) um modo muito especializado de história de vida ou estrutura larval que ocorre em dois tipos diferentes de anfíbios, geralmente, oferece algumas das melhores evidências de que essas formas estão relacionadas; (4) a posição filogenética de um anfíbio é melhor determinada pela comparação de seus hábitos e história de vida, bem como de sua estrutura, com os de seus parentes".

Posteriormente, Bertha Lutz foi extremamente importante nos estudos pioneiros dos modos reprodutivos, principalmente no Brasil (LUTZ 1947, 1948). Apresentou várias observações de história de vida resultantes de suas expedições ao Rio de Janeiro, juntamente com seu pai Adolpho Lutz, incluindo observações básicas ainda não registradas e/ou publicadas para muitos gêneros e espécies: *Hyla decipiens* (atualmente *Dendropsophus decipiens*), que possui ovos pequenos e em grande quantidade e desova nas pontas das folhas; *Phyllomedusa* oviposita sobre as folhas e, quando ocorre a desova, os adultos dobram as folhas com os pés e "colam" as pontas laterais das folhas com ovócitos; em *Gastrotheca*, a fêmea apresenta uma abertura ("bolsas") no dorso onde carrega os ovos (em algumas espécies, quando os embriões estão prontos para eclodir, a fêmea vai até a água e os libera; em outras, pode ocorrer o desenvolvimento completo dentro das bolsas). Bertha Lutz traz também informações para outros gêneros (e.g. *Pipa*, *Dendrobates*, *Phyllobates, Thoropa, Cyclorhamphus* e *Leptodactylus*) (LUTZ, 1947).

Lutz (1948) sugeriu que devido à grande diversidade de tipos de desenvolvimento das larvas, os anfíbios representam um grupo interessante para estudar a evolução molecular. Lutz (1948) também descreveu a tendência em direção a maior terrestrialidade. Ademais, a pesquisadora notou que tais modificações envolvem: modificações do comportamento reprodutivo, preferências de habitat e adaptações ecotópicas dos adultos, sendo a reserva de vitelo e a aceleração de desenvolvimento mudanças muito importantes. Lutz (1948) ainda observou que histórias de vida se repetiam em diferentes regiões do globo em condições ecológicas similares em grupos considerados filogeneticamente distintos (LUTZ, 1948) e que, quando ocorria ausência de evolução paralela ou convergente, isso poderia estar relacionado à falta de ecótonos similares.

Observações feitas por Jameson (1955) trouxeram dados de comportamento reprodutivo para várias espécies, incluindo 13 famílias de anuros (*Ascaphidae*, *Pipidae*, *Discoglossidae, Rhinophrynidae, Pelobatidae, Rhacophoridae, Ranidae, Microhylidae, Hylidae, Bufonidae, Leptodactylidae, Dendrobatidae* e *Atelopodidae*). Este trabalho teve como foco preencher muitas lacunas e procurou compreender tendências evolutivas e generalidades no comportamento reprodutivo. Jameson (1955) levantou uma importante questão: “a situação ambiental produz um impulso final para o ciclo hormonal no sentido fisiológico, ou serve como um estímulo passivo e mecânico para comportamento de reprodução?”. Em muitas espécies, as fêmeas não ovulam quando migram de um local para outro, outras não permitem o amplexo até a ovulação estar quase completa e outras não ovulam, exceto durante o amplexo (BRAGG, 1940). Desta forma, podemos ver que o acasalamento (amplexo), a ovulação e a oviposição são fatores independentes e fatores ambientais como temperatura, umidade do ar, precipitação e umidade do solo podem influenciar as etapas deste processo (CUMMINS, 1920; BARBOUR; WALTERS, 1941; BRAGG, 1940; JAMESON, 1955).

Em meados das décadas de 40-50, os modos reprodutivos eram conhecidos como “formas de história de vida”. Somente entre as décadas de 60-70 é que o termo “modo reprodutivo” começou a ser utilizado (LUTZ, 1947; CRUMP, 2015). Para os anfíbios, o conceito e definição de modos reprodutivos incluem uma combinação de fatores, tais como a fecundidade, tamanho e número dos ovos, tamanho das desovas, freqüência de oviposição, tempo de desenvolvimento dos embriões e dos estágios larvais, presença/ausência de estágios larvais, local de oviposição, local do desenvolvimento larval, tempo da primeira reprodução, duração da capacidade reprodutiva, esforço reprodutivo (incluindo cuidado parental) (SALTHE, 1969; SALTHE; DUELLMAN, 1973; DUELLMAN; TRUEB, 1994). Haddad e Prado (2005) revisaram os modos reprodutivos dos anuros, rearranjaram alguns modos já conhecidos e trouxeram informações novas para algumas famílias, gêneros e espécies. Nos últimos anos, maior esforço tem sido empregado em estudos sobre a evolução dos modos reprodutivos, tentando elucidar os fatores que poderiam explicar a grande diversidade de modos em anuros e a evolução dos modos terrestres, apresentados no item 2.5 (e.g. GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS 2012; ZAMUDIO et al., 2016; VÁGI et al., 2019).

2.3 MODOS REPRODUTIVOS EM ANUROS: CLASSIFICAÇÃO E DIVERSIDADE

Uma das primeiras classificações dos modos reprodutivos, considerando o local de oviposição, estágio de eclosão das larvas e local de desenvolvimento das larvas, foi proposta por Lutz (1948). Quatro tipos principais de local de oviposição foram reconhecidos: aquáticos (desovas e girinos ocorrem em ambientes aquáticos), semi-terrestres (desovas terrestres com girinos aquáticos), terrestres (desovas e girinos terrestres ou arborícolas) e terrestres com desenvolvimento direto (ovo terrestre sem fase larval) (LUTZ, 1948; DUELLMAN; TRUEB, 1994; HADDAD; PRADO, 2005). Essa classificação foi revista, primeiramente, por Duellman e Trueb (1986) e, posteriormente, por Haddad e Prado (2005). Duellman e Trueb (1986) propuseram três categorias (ovos aquáticos, ovos terrestres ou arborícolas e ovos retidos nos ovidutos) e 29 modos reprodutivos para anuros.

Haddad e Prado (2005) revisaram os modos reprodutivos dos anuros. Nesta revisão, os autores adicionaram sete novos modos reprodutivos à lista anterior proposta por Duellman e Trueb (1986). Haddad e Prado (2005) reconheceram, mundialmente, 39 modos reprodutivos para anuros, sendo estes classificados em três categorias principais: ovos aquáticos (modos 1 a 16), ovos terrestres ou arborícolas (não aquáticos, modos 17 a 37), e ovos retidos nos ovidutos (modo 38 - ovoviviparidade, onde nutrição é fornecida pelo vitelo, e modo 39 - viviparidade, onde a nutrição é fornecida por secreções do oviduto) (Tabela 1, fonte HADDAD; PRADO, 2005). O modo 1 (Modo 1: Ovos e girinos exotróficos em água lêntica) foi considerado o mais basal e generalizado e os outros modos graus de especialização como respostas adaptativas a diferentes ambientes (HADDAD; PRADO, 2005).

A maioria dos anfíbios deposita seus ovos diretamente na água (HADDAD; PRADO, 2005). A reprodução não aquática pode ocorrer de duas formas: semi-terrestre ou terrestre (HADDAD; PRADO, 2005). Na reprodução semi-terrestre, as fêmeas podem depositar os ovos em folhas, galhos e troncos nos arredores dos corpos d’água e os girinos eclodem e caem na água onde terminam seu desenvolvimento (e.g. gêneros *Dendropsophus*, *Phyllomedusa*). Ou então, ainda considerada reprodução semi-terrestre, as fêmeas podem depositar seus ovos fora da água, mas utilizam rochas úmidas (e.g. gêneros *Thoropa*, *Cycloramphus*); nesses ambientes, ovos e girinos se desenvolvem em águas rasas na superfície das rochas (LUTZ, 1947; CARAMASCHI; SAZIMA, 1983; GIARETTA; FACUE, 2004). Geralmente, a reprodução terrestre pode ser definida como os casos em que a fêmea deposita os ovos diretamente sobre o solo, ou os transporta; em muitas espécies, do ovo já sai o juvenil formado (desenvolvimento direto; DUELLMAN; TRUEB, 1994; HADDAD; PRADO, 2005). Entretanto, na reprodução terrestre, existem casos em que mesmo a espécie possuindo desovas terrestres, não ocorre desenvolvimento direto (e.g. dendrobatídeos). Dos ovos eclodem girinos que são transportados até um corpo d´água (e.g. poças, fitotelmatas) e nesses ambientes terminam seu desenvolvimento (FURNESS; CAPELLINI, 2019). Aproximadamente 24% das espécies de anuros têm desenvolvimento direto (DUELLMAN, 2007; CRUMP, 2015).

Também podemos encontrar uma classificação dos ovos e modos de oviposição e uma terminologia padronizada tanto para estruturas que recobrem os ovos quanto para desovas. Altig e McDiarmid (2007) dividem os sítios/locais de oviposição em quatro categorias (associados aos pais, terrestres, semi-terrestres e aquáticos) e indicam que cada categoria pode ser subdividida com base em fatores biológicos e físicos. Esses autores também reconhecem cinco categorias de tipos de desova (desovas com ovos independentes, tridimensionais, desovas flutuantes, ninhos de espuma e desovas lineares). Por serem extremamente frágeis, os ovos dos anfíbios podem sofrer conseqüências de fatores físicos e biológicos. Tais fatores somados à disponibilidade de diferentes tipos de habitats podem ser responsáveis pelas diferentes formas e estruturas de desovas e ovos. Em resumo, os padrões de oviposição identificados refletem a morfologia dos ovos, ecologia, eventos pós-desova, condições bióticas e abióticas, local da desova e comportamento dos pais (ALTIG; MCDIARMID, 2007). Tais padrões podem ser entendidos por uma perspectiva filogenética e/ou ecológica (ALTIG; MCDIARMID, 2007).

Os anfíbios são conhecidos como o grupo com maior diversidade de modos reprodutivos entre os vertebrados tetrápodes (DUELLMAN; TRUEB, 1994), incluindo até fertilização interna. A fertilização interna aparece em apenas algumas espécies nos gêneros *Nectophrynoides* e *Nimbaphrynoides*, na extinta espécie *Eleutherodactylus jasperi* (ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014), além do gênero *Ascaphus* (WELLS, 2007).

Novos modos reprodutivos, com relação à fecundação e desenvolvimento dos ovos e girinos, continuam a ser descobertos e descritos. Podemos citar, como exemplo, a espécie *Limnonectes larvaepartus* (de "larvae", plural de larva, a forma inicial de um animal e "partus", dar à luz) (ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014). Os pesquisadores descobriram girinos nos ovidutos enquanto preparavam os espécimes. Ao eutanasiar as fêmeas, observaram movimentos na parte abdominal e ao fazer uma incisão, os girinos saíram vivos. Os pesquisadores observaram, também, a fêmea dar à luz a girinos no momento da captura e também deram à luz em sacos de coleta, enquanto eram transportadas. É provável que nesta espécie o desenvolvimento dos girinos até imagos ocorra no oviduto, com nascimento de sapos formados, como em *Eleutherodactylus jasperi*, *Nectophrynoides* e *Nimbaphrynoides* (ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014). A fertilização de *L. larvaepartus* ocorre internamente. Entretanto, como ocorre à fertilização ainda não foi registrado, pois não há existência aparente de órgão intromitente para o transporte dos espermatozoides, o mesmo observado para *Eleutherodactylus jasperi*, *Nectophrynoides* e *Nimbaphrynoides* (WELLS, 2007). Não se sabe com certeza se a reprodução de *L. larvaepartus* sempre envolve o nascimento de girinos; se sim, é provável que eles sejam ovovivíparos (ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014).

Em suma, atualmente, em torno de 50 modos reprodutivos são reconhecidos para anuros no mundo (e.g. HADDAD, PRADO, 2005; GURURAJA et al., 2014; ISKANDAR; EVANS; MCGUIRE, 2014; KUSRINI et al., 2015). Considerando a grande diversidade de espécies, diversidade na ocupação de habitats, bem como a escassez de informações sobre a biologia de muitas espécies, podemos supor que novos modos reprodutivos poderão vir a ser descobertos e descritos nos próximos anos.

Tabela 1 Os 39 modos reprodutivos conhecidos para anfíbios anuros (Adaptada de HADDAD; PRADO, 2005).

Ovos aquáticos		
	Ovos depositados na água	
		Modo 1: Ovos e girinos exotróficos em água lêntica
		Modo 2: Ovos e girinos exotróficos em água lótica
		Modo 3: Ovos e estágios iniciais das larvas em câmaras subaquáticas construídas; girinos exotróficos em riachos
		Modo 4: Ovos e estágios iniciais das larvas em cavidades naturais ou construídas; após inundações, girinos exotróficos em lagoas ou riachos .
		Modo 5: Ovos e estágios iniciais das larvas em ninhos subterrâneos construídos; após inundações, girinos exotróficos em lagoas ou riachos
		Modo 6: Ovos e girinos exotróficos na água em buracos de árvores ou fitotelmos
		Modo 7: Ovos e girinos endotróficos em depressões cheias de água.
		Modo 8: Ovos e girinos endotróficos na água em buracos de árvores ou fitotelmos
		Modo 9: Ovos depositados em um riacho e engolidos por fêmeas; ovos e girinos completam o desenvolvimento no estômago.

	Ovos em ninhos de bolhas na água	
		Modo 10: Ninho de bolhas flutuando na lagoa; girinos exotróficos em lagoas
	Ovos em ninho de espuma na água	
		Modo 11: Ninho de espuma flutuando na lagoa; girinos exotróficos em lagoas Modo 12: Ninho de espuma flutuando na lagoa; girinos exotróficos em riachos. Modo 13: Ninho de espuma flutuando na água acumulada em bacias construídas; girinos exotróficos em lagoas Modo 14: Ninho de espuma flutuando na água acumulada nas axilas das bromélias terrestres; girinos exotróficos em lagoas
	Ovos embutidos no dorso da fêmea (aquática)	
		Modo 15: Ovos eclodem em girinos exotróficos Modo 16: Ovos eclodem em sapos.
Ovos terrestres ou arborícolas (não na água)		

	Ovos no chão, em pedras ou em tocas	
		Modo 17: Ovos e girinos iniciais em ninhos escavados; após inundações, girinos exotróficos em lagoas ou córregos Modo 18: Ovos no chão ou pedras acima da água; após a eclosão, os girinos exotróficos movem-se para a água Modo 19: Ovos em rochas úmidas, em fendas rochosas ou em raízes de árvores acima da água; girinos semiterrestres exotróficos vivendo em rochas e fendas no filme da água ou na interface água-terra Modo 20: Ovos que dão origem a girinos exotróficos que são transportados para a água pelo adulto Modo 21: Ovos que dão origem a girinos endotróficos que completam seu desenvolvimento no ninho Modo 22: Ovos que dão origem a girinos endotróficos que completam seu desenvolvimento no dorso ou nas bolsas de adultos Modo 23. Desenvolvimento direto de ovos terrestres
	Ovos arborícolas	
		Modo 24: Ovos eclodem em girinos exotróficos que caem na água lêntica Modo 25: Ovos eclodem em girinos exotróficos que caem na água lótica

	Modo 26: Ovos eclodem em girinos exotróficos que se desenvolvem em cavidades cheias de água nas árvores Modo 27: Ovos eclodem em sapos (desenvolvimento direto).
Ovos em ninho de espuma (terrestre ou arborícola)	
	Modo 28: Ninho de espuma no chão úmido da floresta; após inundações, girinos exotróficos em lagoas Modo 29: Ninho de espuma com ovos e estágios iniciais das larvas nas depressões; após inundações, girinos exotróficos em lagoas ou córregos Modo 30: Ninho de espuma com ovos e estágios iniciais de larvas em ninhos subterrâneos construídos; após inundações, girinos exotróficos em lagoas Modo 31: Ninho de espuma com ovos e estágios iniciais de larvas em ninhos subterrâneos construídos; após inundações, girinos exotróficos em riachos Modo 32: Ninho de espuma em câmaras subterrâneas construídas; girinos endotróficos completam o desenvolvimento no ninho Modo 33: Ninho de espuma arborícola; girinos caem em lagoas ou córregos.
Ovos transportados por adulto	

	Modo 34: Ovos transportados nas pernas do macho; girinos exotróficos em lagoas. Modo 35: Ovos transportados em bolsa dorsal da fêmea; girinos exotróficos em lagoas. Modo 36: Ovos transportados no dorso ou em bolsa dorsal da fêmea; girinos endotróficos em bromélias ou bambus Modo 37: Ovos transportados no dorso ou em bolsa dorsal da fêmea; desenvolvimento direto
Ovos retidos nos ovidutos	
	Modo 38. Ovoviviparidade; nutrição fornecida pelo vitelo. Modo 39. Viviparidade; nutrição fornecida por secreções do oviduto.

2.4 MODOS REPRODUTIVOS: DIVERSIDADE NA FLORESTA ATLÂNTICA

A Floresta Atlântica, um *hotspot* mundial (MYERS et al., 2000), abriga uma grande diversidade de anuros. Mais da metade das 1.000 espécies de anuros, já registradas no Brasil, ocorre neste bioma, com elevadíssimo endemismo (80% dos anuros são endêmicos deste bioma, HADDAD et al., 2013; MELCHIOR; ROSSA-FERES; DA SILVA, 2017; DA SILVA et al., 2017). A complexa heterogeneidade do bioma proporcionou uma grande diversidade nos modos reprodutivos dos anuros (HADDAD; PRADO, 2005). De fato, dentre os 31 modos reprodutivos encontrados nos trópicos, 27 deles ocorrem na Floresta Atlântica e seis são endêmicos deste bioma (HADDAD; PRADO, 2005).

Especificamente para a Floresta Atlântica, podemos dividir os modos reprodutivos em dois grupos: associados à vegetação e associados ao solo (HADDAD; PRADO, 2005). Hylidae (pererecas) e Leptodactylidae (rãs) são as famílias mais ricas em espécies e diversas em modos reprodutivos (HADDAD; PRADO, 2005). Para Hylidae, foram registrados quatro modos associados à vegetação e três associados ao solo; para Leptodactylidae, três modos associados à vegetação e 10 ao solo (HADDAD; PRADO, 2005). A grande diversidade de modos reprodutivos encontrada na Floresta Atlântica pode ser o resultado de diversos fatores, como a topografia acidentada e com grande variação altitudinal em várias regiões do bioma, propiciando a ocorrência de uma ampla variedade de microhabitas, a sua grande extensão latitudianal e variação climática associada, bem como os altos índices de precipitação e alta umidade da floresta, o que diminui os riscos de dessecação dos ovos e favorece a ocorrência de modos reprodutivos mais terrestres (HADDAD; PRADO, 2005; DA SILVA et al., 2012; THOMÉ et al., 2020). Além disso, a longa história evolutiva de diferentes grupos filogenéticos e existência de pressões seletivas diversas (e.g. disponibilidade de microhabitats adequados, imprevisibilidade das chuvas, predação e competição intra-específica) podem, também, ter favorecido a diversificação dos modos reprodutivos de anuros na Floresta Atlântica (HADDAD; PRADO, 2005; HARTMANN; HARTMANN; HADDAD, 2010; THOMÉ et al., 2020).

2.5 MODOS REPRODUTIVOS EM ANUROS: EVOLUÇÃO

Classicamente, o modo reprodutivo considerado mais ancestral e generalizado entre os anfíbios anuros é o aquático (Ovos e girinos exotróficos em água lêntica) (DUELLMAN; TRUEB, 1994; HADDAD; PRADO, 2005). A partir do modo aquático, outros modos reprodutivos teriam surgido (e.g. semi-terrestre, terrestre, e terrestre com desenvolvimento direto). Tanto os modos mais ancestrais (e.g. ovos e girinos aquáticos), quanto os modos mais derivados (e.g. ovos semi-terrestres) mantêm, na maioria, girinos que se desenvolvem em ambientes aquáticos e isso é altamente difundido entre os anuros (CRUMP, 2015; TOUCHON; WORLEY, 2015; ZAMUDIO et al., 2016).

A evolução dos modos reprodutivos em uma seqüência gradual e ordenada (ovos e larvas aquáticas, ovos terrestres e larvas ainda aquáticas, ovos e larvas terrestres, e por fim, ovos terrestres com desenvolvimento direto) era hipotetizado (LUTZ, 1948; SALTHE; DUELLMAN, 1973; WELLS, 2007). Entretanto, Gomez-Mestre, Pyron e Wiens (2012), utilizando métodos filogenéticos comparativos para tentar entender a evolução dos modos reprodutivos em anuros, testaram se o desenvolvimento direto foi precedido por modos reprodutivos com ovos terrestres versus ovos aquáticos, larvas exotróficas versus endotróficas e ovos ou larvas aparentemente protegidos de predadores aquáticos. A partir da análise de 720 espécies de anuros com dados reprodutivos, os autores confirmaram o modo aquático como sendo ancestral. Além disso, recuperaram transições evolutivas entre espécies com ovos aquáticos para espécies com desenvolvimento direto, sem a existência de formas intermediárias, enfatizando a não linearidade na evolução dos modos reprodutivos. Na história evolutiva dos anfíbios, a reprodução terrestre evoluiu independentemente 48 vezes e o desenvolvimento direto evoluiu 19 vezes. Ademais, muitos padrões inesperados na seqüência de mudanças entre os modos reprodutivos foram recuperados: 1) ovos aquáticos dão origem ao desenvolvimento terrestre, igualmente aos ovos terrestres; 2) o desenvolvimento direto, geralmente, não tem origem a partir de modos com larvas endotróficas e, sim, de modos com larvas exotróficas; 3) modos em que ovos e larvas são protegidos têm origem, freqüentemente, de ovos e larvas desprotegidas e raramente dão origem ao desenvolvimento direto. Ademais, o estudo de Gomez-Mestre, Pyron e Wiens (2012) mostrou que o tamanho corporal, tamanho do ovo, tamanho da desova, cuidados parentais, distribuição climática (e.g. ambientes com alta precipitação) e cobertura vegetal (e.g. Floresta Atlântica) estão correlacionados com a evolução dos modos reprodutivos e podem explicar a persistência e freqüência dos modos aquáticos e as origens repetidas dos modos terrestres (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012). Outro resultado inesperado desse estudo foi que dentro das mudanças graduais esperadas em direção ao desenvolvimento terrestre, foram encontradas reversões de modos terrestres para modos considerados mais basais, incluindo a reversão aquática. Para que alguns anfíbios pudessem ter o início da vida fora da água, foi necessário o aumento do conteúdo do vitelo no ovo, levando ao aumento no tamanho dos ovos nas espécies com reprodução terrestre. Mas, em alguns casos, a quantidade de vitelo sofreu diminuição ou foi perdida secundariamente, com ressurgimento do girino aquático (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012).

Segundo Gomez-Mestre, Pyron e Wiens (2012), a explicação para as repetidas origens da reprodução terrestre e a diversidade geral dos modos reprodutivos seria a permanência do modo primitivo ao longo de centenas de milhões de anos entre as espécies (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012). A ocorrência e a permanência do modo reprodutivo aquático (considerado mais basal) há tantos milhões de anos podem ser evidências da existência de vantagens relacionadas a este modo (e.g. grandes tamanhos de desovas, grandes tamanhos corpóreos e capacidade de colonizar regiões mais secas) (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012). Mudanças da reprodução aquática para a terrestre podem ocorrer de forma relativamente rápida e muitos passos intermediários podem ser desnecessários. Os resultados desse trabalho sugerem, também, que essa mudança para a reprodução terrestre pode ter sido associada à redução do tamanho do corpo e da desova, aumento do tamanho dos ovos, cuidados parentais e ocorrência em climas com alta precipitação, densa cobertura vegetal e temperaturas anuais médias (GOMEZ-MESTRE; PYRON; WIENS, 2012).

Alguns trabalhos sugerem que a pressão exercida pela predação aquática sobre ovos e girinos (e.g. peixes, cobras, insetos, larvas) seria um fator importante para saída da água e colonização de habitats terrestres, levando a evolução de modos reprodutivos terrestres em anfíbios (LUTZ, 1947, 1948; MAGNUSSON; HERO, 1991; ALTIG; MCDIARMID, 2007; TOUCHON; WARKENTIM, 2008). Muitos são os estudos que mostram a importância dos predadores aquáticos e como influenciam no comportamanto dos anuros (BUXTON; SPERRY, 2017). Alguns anuros (e.g. *Hoplobatrachus occipitalis*) podem detectar diferenças sutis na quantidade e no tamanho das larvas predadoras, usando apenas pistas olfativas ou químicas. Outras espécies podem escolher locais com alta densidade de girinos da mesma espécie, e isso pode ser um indicador de boa qualidade da água, baixa predação e também de disponibilidade de alimentos (BUXTON; SPERRY, 2017). Também pode ocorrer a oviposição em locais com ovos e desovas de espécies diferentes que podem servir de futuro alimento para os futuros girinos. Podemos encontrar também espécies (e.g. *Ranitomeya variabilis*) que são capazes, ainda, de identificar predadores diferentes para ovos e desovas (BUXTON; SPERRY, 2017). Alterações sazonais também podem mudar o comportamento e influenciar na escolha do melhor local para colocar os ovos. Essa estratégia pode ser usada para aumentar as chances de sobrevivência da prole frente às alterações nos corpos d´água (BUXTON; SPERRY, 2017). A presença de ovos e girinos da mesma espécie em determinados locais pode ser uma indicação positiva ou negativa. Dependendo do local, áreas com alta densidade devem ser evitadas, pois podem dificultar a maximização da aptidão individual e, por outro lado, a presença de ovos e girinos da mesma espécie pode indicar bom local para reprodução e servir como parâmetro para escolha de local ideal (BUXTON; SPERRY, 2017). O papel da presença de predadores e fatores relacionados às escolhas de locais de postura dos ovos são extremamente complexos e muitos estudos devem ser feitos para melhorar a nossa compreensão (BUXTON; SPERRY, 2017).

Recentemente, procurando entender a evolução dos modos reprodutivos por uma nova perspectiva, foi testada a hipótese de que a seleção sexual teria favorecido a evolução de modos reprodutivos terrestres em anuros (ZAMUDIO et al., 2016). O mecanismo seletivo para origem de novos modos reprodutivos pode não estar somente relacionado à pressão de predação sobre ovos e girinos em ambientes aquáticos, mas também a reprodução em locais escondidos, como uma forma dos machos evitarem a poliandria, teria levado ao surgimento de modos terrestres (ZAMUDIO et al., 2016). Desta forma, o macho, ao tentar se livrar da competição com outros machos acaba explorando habitats mais seguros e livres de competidores para oviposição, contribuindo para uma maior diversidade no local de deposição de ovos. O risco de poliandria, portanto, seria menor em espécies com oviposição terrestre e deposição de ovos e comportamentos de acasalamento em locais que reduzem a exposição dos casais (e.g. bromélias, buracos de árvores ou câmaras subterrâneas). Usando análises comparativas filogenéticas, foram mapeados padrões de diversificação dos modos reprodutivos, analisando-se as principais causas que alteram locais de deposição de ovos e de desenvolvimento dos girinos em Hylidae e Leptodactylidae. O amplexo em locais escondidos apareceu 18 vezes em diferentes clados, todos em espécies tropicais. Para as duas famílias, foi encontrada uma relação entre deposição de ovos terrestres e amplexo escondido, sugerindo que a seleção intra-sexual, ou seja, estratégias dos machos para evitar a competição e poliandria pode desempenhar um papel importante na evolução para a deposição de ovos terrestres (ZAMUDIO et al., 2016).

E se a espécie puder escolher, dependendo das condições (e.g. precipitação, predadores), entre colocar os ovos na água ou na terra? A plasticidade reprodutiva consiste na capacidade comportamental e fisiológica em que, de alguma forma, os organismos percebem e escolhem os melhores locais ou momentos para maximizar o sucesso reprodutivo frente às diferentes condições ambientais (SOWA et al., 2015). Especificamente nos anfíbios, a plasticidade reprodutiva pode ser vista como a combinação da capacidade de reprodução e desenvolvimento aquático, com a capacidade de também realizar a desova e desenvolvimento em ambientes terrestres, podendo ser vista como um estágio intermediário aquático-terrestre, importante no contexto da evolução dos modos reprodutivos (TOUCHON; WARKENTIN, 2008). Foi descoberta, através de experimentos e observações na natureza, uma espécie de anuro (*Dendropsophus ebraccatus*) que tem plasticidade reprodutiva, ou seja, se reproduz tanto na água como em ambiente terrestre (TOUCHON; WARKENTIN, 2008). No estudo conduzido no Panamá, foi observado que o casal em amplexo pode colocar os ovos em ambiente aquático, na superfície da água ou totalmente submerso, mas também sobre folhas acima da água. Além disso, a escolha do local de oviposição é feita em resposta a fatores que afetam o risco de dessecação do ovo terrestre (TOUCHON; WARKENTIN, 2008). Este registro foi extremamente importante e revelou que, além da grande diversidade de modos reprodutivos em anfíbios, algumas espécies podem combinar modos diferentes dependendo das condições e pressões ambientais (plasticidade). Não se tinha o registro de um vertebrado que fosse capaz de ovipositar tanto na terra quanto na água, sendo este o primeiro registro (TOUCHON; WARKENTIN, 2008). Esta variação reflete respostas comportamentais plásticas dos anuros a diferentes contextos ambientais e não está ligada à variação genética ou polimorfismo (TOUCHON; WARKENTIN, 2008).

Entender a variação dos comportamentos de cuidado parental pode também nos ajudar na compreensão da origem e evolução dos diferentes modos reprodutivos em anuros (VÁGI et al., 2019). A diversidade do cuidado parental em anfíbios anuros é enorme e podemos encontrar cuidado parental realizado somente pelo macho ou somente pela fêmea, ou por ambos ao mesmo tempo. Isso ocorre de forma generalizada entre várias linhagens (VÁGI et al., 2019). O cuidado parental aumenta as chances dos filhotes sobreviverem, principalmente em ambientes hostis e imprevisíveis, e pode ter contribuído para a colonização de ambientes terrestres, assim como para origem e diversificação dos vertebrados terrestres (VÁGI et al., 2019). Desta forma, entender a origem e evolução das diferentes formas de cuidado parental pode nos ajudar a entender muito além deste cenário e pode nos trazer pistas importantes sobre a origem, inclusive, dos primeiros tetrápodes (VÁGI et al., 2019).

2.6 MODOS REPRODUTIVOS EM ANUROS: o gênero *Dendropsophus*

A família Hylidae representa 10% da diversidade de anuros e o gênero *Dendropsophus*, com 108 espécies em nove grupos reconhecidos, representa 15% da diversidade de Hylidae (FROST, 2020). Apesar da maioria das espécies do gênero apresentar reprodução aquática, sabe-se que a reprodução terrestre surgiu independente pelo menos quatro vezes (TOUCHON; WARKENTIN, 2008; CRUMP, 2015). No entanto, para mais de 50% das espécies de *Dendropsophus* não há informações sobre seus modos reprodutivos e é provável que ocorra oviposição terrestre entre essas espécies (TOUCHON; WARKENTIN, 2008; CRUMP, 2015). Ademais, algumas espécies, como *D. ebraccatus*, apresentam plasticidade reprodutiva, ou seja, dependendo das condições ambientais, a desova pode ser depositada na água ou sobre folhas em ambiente terrestre, como descrito acima (TOUCHON; WARKENTIN, 2008). Assim, estudos sobre biologia reprodutiva destas espécies podem alterar o entendimento sobre a evolução dos modos reprodutivos no gênero, principalmente com relação aos modos arborícolas.

No gênero *Dendropsophus,* o grupo *D. decipiens* inclui quatro espécies: *D. decipiens*, *D. berthalutzae, D. oliveirai* e *D. haddadi* (FAIVOVICH et al., 2005). Uma característica considerada como sinapomorfia para o grupo é o comportamento reprodutivo de suas espécies (FAIVOVICH et al., 2005). Essa sinapomorfia consiste na deposição dos ovos fora da água, na ponta das folhas de árvores e arbustos localizados nos arredores de corpos d´água, dos quais eclodem girinos que caem e se desenvolvem nos ambientes aquáticos (FAIVOVICH et al., 2005). Como faltam informações mais completas sobre o modo reprodutivo de espécies do grupo *D. decipiens*, é difícil saber se ocorre variação nos modos reprodutivos entre as espécies e entre populações da mesma espécie. Como pode ocorrer variação reprodutiva frente a diferentes condições ambientais (WORLEY, 2009), é provável que essas espécies possam apresentar comportamentos reprodutivos ainda não registrados.

2.7 DIMORFISMO SEXUAL EM TAMANHO EM ANUROS

Quando nos referimos às diferenças de tamanho entre machos e fêmeas, classicamente duas explicações são amplamente utilizadas, seleção sexual e seleção natural. A seleção sexual pode ser dividida em duas categorias: seleção intrasexual, quando ocorre a disputa direta entre indivíduos do mesmo sexo (e.g. competição entre machos por fêmeas ou defesa de territórios); e seleção intersexual, onde um sexo escolhe seu parceiro (a) (e.g. a escolha dos machos pelas fêmeas de anuros) (WELLS, 1979; TEJEDO, 1988; NALI et al., 2014). No caso da seleção natural, podemos citar a pressão para o aumento do tamanho/massa do corpo que favorece o aumento da fecundidade (e.g. número de ovos) (NALI et al., 2014). Entretanto, muitas outras pressões podem causar alterações morfológicas e resultar em diferenças de tamanho em machos e fêmeas como, por exemplo, o habitat em que a espécie ocorre (LIAO et al., 2014), disponibilidade de alimento (GIRISH; SAIDAPUR, 2000) e gradientes ou condições climáticos (GVOŽDÍK et al., 2008; GOLDBERG et al., 2018).

Alterações ou variações de tamanho do corpo também podem afetar a capacidade reprodutiva das espécies de anuros, uma vez o tamanho das fêmeas está positivamente correlacionado com número e tamanho dos ovos (PRADO & HADDAD, 2005). Além disso, nos anuros em que a fecundação é externa na maioria das espécies, a justaposição da cloaca é extremamente importante para uma fertilização mais eficiente dos ovócitos (ROBERTSON, 1990; BOURNE, 1993; BASTOS; HADDAD, 1996). Nos anfíbios anuros as fêmeas são maiores que os machos em 90% das espécies e estudos apontam que a pressão para o aumento do tamanho da fêmea esteja relacionada à vantagem do aumento da fecundidade (SHINE, 1979; KATSIKAROS; SHINE, 1997; NALI et al., 2014). No entanto, podemos encontrar grandes variações de tamanho em machos e fêmeas, conseqüentemente no grau de dimorfismo sexual em tamanho (NALI et al., 2014). Diferentes pressões, tais como disputas por territórios ou características ecológicas (e.g. variáveis ambientais, padrão reprodutivo) podem influenciar o tamanho dos anuros (NALI et al., 2014).

2.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIG, Ronald; MCDIARMID, Roy W. Morphological diversity and evolution of egg and clutch structure in amphibians. **Herpetological Monographs**, v. 21, n. 1, p. 1-32, 2007.

ANGELINI, Francesco; GHIARA, Gianfranco. Reproductive modes and strategies in vertebrate evolution. **Italian Journal of Zoology**, v. 51, n. 1-2, p. 121-203, 1984.

ARAÚJO-NETO, José et al. New records and geographic distribution map of Dendropsophus haddadi (Bastos and Pombal, 1996)(Anura: Hylidae) with comments on color patterns. **Check List**, v. 8, p. 248, 2012.

BARBOUR, Roger W.; WALTERS, Elmon P. Notes on the breeding habits of *Pseudacris brachyphona*. **Copeia**, v. 1941, n. 2, p. 116, 1941.

BASTOS, Rogério P.; HADDAD, Célio FB. Breeding activity of the neotropical treefrog *Hyla elegans* (Anura, Hylidae). **Journal of Herpetology**, p. 355-360, 1996.

BOURNE, Godfrey R. Proximate costs and benefits of mate acquisition at leks of the frog *Ololygon rubra*. **Animal Behaviour**, v. 45, n. 6, p. 1051-1059, 1993.

BRADSHAW, William Emmons et al. **The evolution of insect life cycles**. New York: Springer-Verlag, p. 66-85, 1986.

BRAGG, Arthur N. Observations on the ecology and natural history of Anura. I. Habits, habitat and breeding of *Bufo cognatus* Say. **The American Naturalist**, v. 74, n. 753, p. 322-349, 1940.

BUXTON, Valerie L.; SPERRY, Jinelle H. Reproductive decisions in anurans: a review of how predation and competition affects the deposition of eggs and tadpoles. **BioScience**, v. 67, n. 1, p. 26-38, 2017.

CALDWELL, Janalee P. Diversity of reproductive modes in anurans: facultative nest construction in gladiator frogs. In: **Reproductive biology of South American vertebrates**. Springer, New York, NY,p. 85-97, 1992.

CARAMASCHI, Ulisses; SAZIMA, Ivan. Uma nova espécie de *Thoropa* da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil (Amphibia, Leptodactylidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 2, n. 3, p. 139-146, 1983.

CARROLL, Robert Lynn. **The rise of amphibians: 365 million years of evolution**. Johns Hopkins University Press, 2009.

CASTROVIEJO-FISHER, Santiago et al. Phylogenetic systematics of egg-brooding frogs (Anura: Hemiphractidae) and the evolution of direct development. **Zootaxa**, v. 4004, n. 1, p. 1-75, 2015.

CLACK, Jennifer A. Devonian climate change, breathing, and the origin of the tetrapod stem group. **Integrative and Comparative Biology**, v. 47, n. 4, p. 510-523, 2007.

CLACK, Jennifer A. **Gaining ground: the origin and evolution of tetrapods**. Indiana University Press, 2012.

CLOUDSLEY-THOMPSON, John L. **Evolution and adaptation of terrestrial arthropods.** Springer Science & Business Media, 2012.

CRUMP, Martha L. Anuran reproductive modes: evolving perspectives. **Journalof Herpetology**, v. 49, n. 1, p. 1-16, 2015.

CUMMINS, H. The role of voice and coloration in spring migration and sex recognition in frogs. **Journal of Experimental Zoology**, v.30, p. 325-344, 1920.

DAESCHLER, Edward B.; SHUBIN, Neil H.; JENKINS, Farish A. A Devonian tetrapod-like fish and the evolution of the tetrapod body plan. **Nature**, v. 440, n. 7085, p. 757-763, 2006.

DA SILVA, Fernando Rodrigues et al. Humidity levels drive reproductive modes and phylogenetic diversity of amphibians in the Brazilian Atlantic Forest. **Journal of Biogeography**, v. 39, n. 9, p. 1720-1732, 2012

DA SILVA, Fernando Rodrigues da et al. Expanding the knowledge about the occurrence of anurans in the highest amphibian diversity area of Atlantic Forest: Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 17, n. 2, 2017.

DUELLMAN, William E.; TRUEB, Linda. **Biology of amphibians**. JHU press, p. 1-670, 1986.

DUELLMAN, William E.; TRUEB, Linda. **Biology of amphibians**. JHU press, p. 1-670, 1994.

DUELLMAN, W. E. Amphibian life histories: their utilization in phylogeny and classification. **Amphibian Biology**, v. 7, p. 2843-2892, 2007.

FAIVOVICH, Julián et al. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: phylogenetic analysis and taxonomic revision. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 2005, n. 294, p. 1-240, 2005.

FOX, Charles W.; CZESAK, Mary Ellen. Evolutionary ecology of progeny size in arthropods. **Annual Review of Entomology**, v. 45, n. 1, p. 341-369, 2000.

FROST, D. R. **Amphibian species of the world: an online reference**. Version 6.0. New York: American Museum of Natural History,2020.Acesso em 24 de Março de 2020.

FURNESS, Andrew I.; CAPELLINI, Isabella. The evolution of parental care diversity in amphibians. **Nature communications**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2019.

GIARETTA, Ariovaldo A.; FACURE, Kátia G. Ecologia e Comportamento Reprodutivo de *Thoropa miliaris* (Spix, 1824) (Anura, Leptodactylidae, Telmatobiinae). **Biota Neotropica**, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2004.

GIRISH, S.; SAIDAPUR, S. K. Interrelationship between food availability, fat body, and ovarian cycles in the frog, *Rana tigrina*, with a discussion on the role of fat body in anuran reproduction. **Journal of Experimental Zoology**, v. 286, n. 5, p. 487-493, 2000.

GOLDBERG, Javier et al. Body size variation and sexual size dimorphism across climatic gradients in the widespread treefrog *Scinax fuscovarius* (Anura, Hylidae). **Austral Ecology**, v. 43, n. 1, p. 35-45, 2018.

GOMEZ-MESTRE, Ivan; PYRON, Robert A.; WIENS, John J. Phylogenetic analyses reveal unexpected patterns in the evolution of reproductive modes in frogs. **Evolution: International Journal of Organic Evolution**, v. 66, n. 12, p. 3687-3700, 2012.

GRAY, Jane; SHEAR, William. Early life on land. **American Scientist**, v. 80, p. 444-444, 1992.

GURURAJA, Kotambylu V. et al. Mud-packing frog: a novel breeding behaviour and parental care in a stream dwelling new species of *Nyctibatrachus* (Amphibia, Anura, Nyctibatrachidae). **Zootaxa**, v. 3796, n. 1, p. 33-61, 2014.

GVOŽDÍK, VÁCLAV; MORAVEC, JIŘÍ; KRATOCHVÍL, LUKÁŠ. Geographic morphological variation in parapatric Western Palearctic tree frogs, *Hyla arborea* and *Hyla savignyi*: are related species similarly affected by climatic conditions?. **Biological Journal of the Linnean Society**, v. 95, n. 3, p. 539-556, 2008.

HADDAD, Célio F.B.; PRADO, Cynthia P.A. Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic Forest of Brazil. **BioScience**, v. 55, n. 3, p. 207-217, 2005.

HADDAD, Célio FB et al. **Guia dos anfíbios da Mata Atlântica: diversidade e biologia**. Anolis Books, 2013.

HARTMANN, Marilia T.; HARTMANN, Paulo A.; HADDAD, Célio F.B. Reproductive modes and fecundity of an assemblage of anuran amphibians in the Atlantic rainforest, Brazil. **Iheringia. Série Zoologia**, v. 100, n. 3, p. 207-215, 2010.

ISKANDAR, Djoko T.; EVANS, Ben J.; MCGUIRE, Jimmy A. A novel reproductive mode in frogs: a new species of fanged frog with internal fertilization and birth of tadpoles. **PLoS One**, v. 9, n. 12, p. e115884, 2014.

JAMESON, David L. Evolutionary trends in the courtship and mating behavior of Salientia. **Systematic Zoology**, v. 4, n. 3, p. 105-119, 1955.

KATSIKAROS, Kaliope; SHINE, Richard. Sexual dimorphism in the tusked frog, *Adelotus brevis* (Anura: Myobatrachidae): the roles of natural and sexual selection. **Biological Journal of the Linnean Society**, v. 60, n. 1, p. 39-51, 1997.

KUSRINI, Mirza D. et al. The reproductive biology and larvae of the first tadpole-bearing frog, *Limnonectes larvaepartus*. **PloS one**, v. 10, n. 1, 2015.

LIAO, W. B.; LU, X.; JEHLE, R. Altitudinal variation in maternal investment and trade- offs between egg size and clutch size in the Andrew's toad. **Journal of Zoology**, v. 293, n. 2, p. 84-91, 2014.

LUTZ, Bertha. Trends towards non-aquatic and direct development in frogs. **Copeia**, v. 1947, n. 4, p. 242-252, 1947.

LUTZ, Bertha. Ontogenetic evolution in frogs. **Evolution**, v. 2, n. 1, p. 29-39, 1948.

MAGNUSSON, William E.; HERO, Jean-Marc. Predation and the evolution of complex oviposition behaviour in Amazon rainforest frogs. **Oecologia**, v. 86, n. 3, p. 310-318, 1991.

MELCHIOR, Lara G.; ROSSA-FERES, Denise de C.; DA SILVA, Fernando R. Evaluating multiple spatial scales to understand the distribution of anuran beta diversity in the Brazilian Atlantic Forest. **Ecology and evolution**, v. 7, n. 7, p. 2403-2413, 2017.

MYERS, Norman et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, n. 6772, p. 853, 2000.

NALI, Renato C. et al. Size-dependent selective mechanisms on males and females and the evolution of sexual size dimorphism in frogs. **The American Naturalist**, v. 184, n. 6, p. 727-740, 2014.

NIELSEN, Claus. **Animal evolution: interrelationships of the living phyla.** Oxford University Press on Demand, 2012.

NOBLE, Gladwyn Kingsley et al. An outline of the relation of ontogeny to phylogeny within the Amphibia. 1. **American Museum Novitates**,n. 165, 1925.

NOBLE, Gladwyn Kingsley. The value of life history data in the study of the evolution of the Amphibia. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 30, n. 1, p. 31-128, 1927.

PISANI, Davide et al. The colonization of land by animals: molecular phylogeny and divergence times among arthropods. **BMC Biology**, v. 2, n. 1, p. 1, 2004.

POUGH, F. Harvey; HEISER, John B.; MCFARLAND, William N. **A vida dos vertebrados**. São Paulo: Atheneu, p. 1-26, 2003.

ROBERTSON, Jeremy GM. Female choice increases fertilization success in the Australian frog, *Uperoleia laevigata*. **Animal Behaviour**, v. 39, n. 4, p. 639-645, 1990.

SALTHE, Stanley N. Reproductive modes and the number and sizes of ova in the urodeles. **American Midland Naturalist**, p. 467-490, 1969.

SALTHE, Stanley N.; DUELLMAN, William E. Quantitative constraints associated with reproductive mode in anurans. **Evolutionary biology of the anurans**, p. 229-249, 1973.

SAMPSON, Lilian V. Unusual modes of breeding and development among Anura. **The American Naturalist**, v. 34, n. 405, p. 687-715, 1900.

SELDEN, Paul A.; EDWARDS, Dianne. Colonisation of the land. **Evolution and the fossil record**, p. 122-152, 1989.

SHINE, Richard. Sexual selection and sexual dimorphism in the Amphibia. **Copeia**, p. 297-306, 1979.

SOWA, Jessica N. et al. Olfaction modulates reproductive plasticity through neuroendocrine signaling in *Caenorhabditis elegans*. **Current Biology**, v. 25, n. 17, p. 2284-2289, 2015.

TEJEDO, Miguel. Fighting for females in the toad *Bufo calamita* is affected by the operational sex ratio. **Animal behaviour**, v. 36, n. 6, p. 1765-1769, 1988.

TERRALL, Mary. Frogs on the mantelpiece: The practice of observation in daily life, p. 185–205, 2011.

THOMÉ, Maria T. C. et al. Outstanding diversity and microendemism in a clade of rare Atlantic Forest montane frogs**. Molecular Phylogenetics and Evolution**, p. 106813, 2020.

TOUCHON, Justin C. A treefrog with reproductive mode plasticity reveals a changing balance of selection for nonaquatic egg laying. **The American Naturalist**, v. 180, n. 6, p. 733-743, 2012.

TOUCHON, Justin C.; WARKENTIN, Karen M. Reproductive mode plasticity: aquatic and terrestrial oviposition in a treefrog. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 105, n. 21, p. 7495-7499, 2008.

TOUCHON, Justin C.; WORLEY, Julie L. Oviposition site choice under conflicting risks demonstrates that aquatic predators drive terrestrial egg-laying. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 282, n. 1808, 2015.

VÁGI, Balázs et al. Parental care and the evolution of terrestriality in frogs. **Proceedings of the Royal Society B**, v. 286, n. 1900, p. 20182737, 2019.

WELLS, Kentwood D. Reproductive behavior and male mating success in a neotropical toad, *Bufo typhonius*. **Biotropica**, p. 301-307, 1979.

WELLS, Kentwood D. **The ecology and behavior of amphibians**. University of Chicago Press, 2007.

WORLEY, Julie. Oviposition site choice in a Neotropical treefrog, *Dendropsophus ebraccatus*. **PSU McNair Scholars Online Journal**, v. 3, n. 1, p. 22, 2009.

ZAMUDIO, Kelly R. et al. Polyandry, predation, and the evolution of frog reproductive modes. **The American Naturalist**, v. 188, n. S1, p. S41-S61, 2016.

3 CAPÍTULO 1: REPRODUCTIVE BIOLOGY OF *DENDROPSOPHUS HADDADI* (BASTOS AND POMBAL, 1994), A SMALL TREEFROG OF THE ATLANTIC FOREST

Nelson R. Silva, José A. Neto, Cynthia P.A. Prado, Tamí Mott

(published online on 23 March 2019: Herpetology Notes, volume 12: 319-325).

Reproductive biology of *Dendropsophus haddadi* (Bastos and Pombal, 1994), a small treefrog of the Atlantic forest

Nelson R. Silva[1,2*], José A. Neto[1,2], Cynthia P.A.Prado[3],Tamí Mott[1,2]

[1]Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Campus A.C. Simão, CEP 57072-900 Maceió, Alagoas, Brazil
[2]Universidade Federal de Alagoas, Museu de História Natural, CEP 57010-020 Maceió, Alagoas, Brazil
[3]Universidade Estadual Paulista (UNESP), Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Campus Jaboticabal, CEP 14884-900 Jaboticabal, São Paulo, Brazil

*Corresponding author. E-mail: nelsonrodrigues031016@gmail.com

Abstract. Terrestrial reproduction has evolved at least 48 times in the evolutionary history of anurans. Most species in the genus *Dendropsophus* deposit eggs in water, but some, including *Dendropsophus haddadi*, lay terrestrial eggs. This species is restricted to the Atlantic forest in Brazil and herein, we describe its reproductive biology. Individuals were observed at a height of 3-5 meters on vegetation at the edge of temporary ponds. Males are territorial, emitted calls, visual signals, and engaged in physical combats. Clutches were found at the margins of temporary ponds on trunks, leaves and branches. The number of hatchlings correlated with clutch size and our observations suggest that females may protect the eggs against desiccation following oviposition in the absence of rain. This form of parental care is a novelty for the genus and future studies should detail and assess costs and benefits of this behaviour. The Atlantic forest harbours an extremely rich frog diversity, however information on species natural history is scarce, which may hamper studies on behavioural evolution, phylogeny, as well as conservation actions and decisions.

Keywords. Anura, courtship, eggs, embryo development, territoriality

3.1 INTRODUCTION

The reproductive modes of anurans are remarkably diverse, from aquatic to terrestrial eggs and larvae (Haddad and Prado, 2005; Crump, 2015). Egg development out of water has evolved at least 48 times in the evolutionary history of anurans (Gomez-Mestre, Pyron and Wiens, 2012). Such characteristic may have influenced the dependence of water sources and may have been a significant step towards terrestriality (Touchon and Worley, 2015). The evolution of terrestrial reproduction in amphibians is therefore of great interest to evolutionary biologists (Magnusson and Hero, 1991; Zamudio et al., 2016), but requires accurate baseline data to improve our understanding of the presumptive evolutionary pathway.

Regions characterized by altitudinal and latitudinal variation, rich floristic composition and high rainfall present greater complexity and, consequently, contribute to a greater diversity of reproductive modes in anurans (Silva et al., 2012). The Atlantic forest has complex and diverse characteristics in its horizontal and vertical structure, producing different microhabitats, and the species display various ways of exploring this mosaic (Carnaval et al., 2009; Ribeiro et al., 2009). Behavioural and natural history studies are scarce for the majority of the species described in this biome, which hampers testing hypotheses on ecology, phylogeny, and behavioural evolution (Haddad and Prado, 2005; Crump, 2015; Zamudio et al., 2016).

Approximately 100 species are known for the Neotropical genus *Dendropsophus* (Frost, 2019). The reproductive mode with aquatic eggs and tadpoles is present in nearly 80% of the species (Touchon and Warkentin, 2008; V.G.D. Orrico, pers. comm.). However, terrestrial eggs have been recorded for some species (e.g. *D. leucophyllatus*, *D. berthalutzae*, and *D. haddadi*; Crump, 1974; Hartmann, Hartmann and Haddad, 2010; Mageski, Silva-Soares and Ferreira, 2014), and others exhibit reproductive plasticity, with aquatic and terrestrial spawns (e.g. *D. ebraccatus* and *D. werneri*; Miranda et al., 2008; Touchon and Warkentin, 2008). One of the terrestrial breeders is *D. haddadi* (Bastos and Pombal, 1996), a small treefrog restricted to the Atlantic forest (Frost, 2019) described about 20 years ago. In all known localities, this species has generally been associated with the interior of fragments of the Atlantic forest (Bastos and Pombal, 1996; Araújo-Neto et al., 2012). This biome is constantly affected by anthropogenic actions that lead to the decrease and fragmentation of areas that were previously continuous (e.g. Becker et al., 2007). In this context, this species, as many others, may be negatively impacted by these alterations, including climate and environmental changes (Silva et al., 2012; Loyola et al., 2014). Some information has already been published on the morphology of adults, tadpoles and spawning of *D. haddadi*, however, its reproductive behaviour remains poorly known (Toledo et al., 2011; Lourenço de Moraes, Campos and Toledo, 2012; Mageski, Silva-Soares and Ferreira, 2014; De Abreu et al., 2013). In this way, our objective was to describe in more detail the reproductive biology of *D. haddadi* to contribute with future studies interested in phylogeny and the evolution of the reproductive behaviours in the genus.

3.2 MATERIAL AND METHODS

We carried out field work in the Municipal Park of Maceió (MP) (9.607778 S and 35.764167 W) and in the protected area of Catolé and Fernão Velho (CFV) (9.556112 S and 35.799722 W), Maceió, Alagoas, northeastern Brazil. Our active searches lasted from 17:00 to 23:00 PM (6 hours/person; n = 2 persons), from May to June, 2011, and June to September, 2016, the rainy season in the area, when the species is breeding. Our observations of *D. haddadi* adults occurred in a natural environment. Clutches were classified as terrestrial when fully in contact with air, semiaquatic when on the surface of water (water / air), and aquatic when fully submerged (see Touchon and Warkentin, 2008). For each clutch, information on type of substrate used (shrub, tree, trunk), oviposition site (pond, temporary, permanent pool) and the height of clutches were collected. The ImageJ program was used to count and measure egg and clutch diameters. Plastic containers filled with water from the sampling site were placed just beneath the clutches, until all embryos had hatched. To test for correlation between size of clutches and number of eggs, and number of hatchlings and number of eggs, we performed Pearson's correlation coefficient analysis. We used the R software environment for all analyses (R Development Core Team, 2009).

3.3 RESULTS

We observed adult males, gravid females and spawns of *D. haddadi* from May to September, the rainy season in the region. Females were larger in SVL (X = 20.96

mm ± 2.18; range = 17.00 - 23.75; N = 15) than males (X = 17.73 mm ± 0.94; range = 15.14 - 19.43; N = 58; t = 10.14; p = <0.001. All clutches were laid on the vegetation above lentic environments and exotrophic tadpoles fell into the water to complete development (mode 24 sensu Haddad and Prado, 2005). Males were observed emitting advertisement and aggressive calls. Moreover, two males were observed engaging in physical combat. The combat occurred when a male invaded the territory of a resident male. The resident male was emitting advertisement call and the invading male approached in silence. Before engaging in physical combat, we observed that the resident male, in the presence of an invading male, performed movements with the hind limbs raised and swinging them (foot-flagging, sensu Hödl and Amézquita, 2001) while emitting aggressive vocalizations (Fig. 1A). Two amplectant pairs were observed at the MP study site on July 30, 2016. During courtship, before amplexus, males performed similar movements with their hind limbs, as described above (foot-flagging, sensu Hödl and Amézquita, 2001). Following, during axillary amplexus (Fig.1B) males made discrete movements with their heads, pressing on top of female´s head. The females oviposited three times with the same male and each spawning was deposited in a different place; each amplexus lasted about 30 minutes until spawning occurred. Intervals between one amplexus and another were about 40 minutes (n = 3 amplexus of each pair). After spawning in the absence of rain, we observed one female joining the eggs with her hind limbs (Fig. 1C). Approximately 40 minutes later, the same pair amplexed again and following oviposition on another leaf, the female stayed on top of the spawn for about 24 minutes. With rain, females abandoned clutches immediately after spawning (n = 6 clutches). After each spawning, males jumped off immediately from the female's back, began calling (Fig. 1D) and performed movements with their limbs.

All clutches observed were associated with temporary ponds and were considered terrestrial. They were deposited on leaves above water bodies at a mean height of 1.28 m (SD = 0.74; n = 58 clutches). The mean number of eggs per clutch was 29.34 (SD = 11.38; n = 24 clutches), mean diameter of the eggs was 2.0 mm (SD = 1.0; n = 1,056 eggs), and mean diameter of clutches was 2.29 cm (SD = 1.91; n = 24). Larger clutches, i.e. with larger number of eggs, presented higher percentage of eggs developing until hatching (P < 0.001; r = 0.633; n = 24 clutches).

The mean time for embryos to hatch was 4.3 days (SD = 1.69; n = 500 embryos). From all clutches, 95% were deposited on the tip of the leaves of the dendê palm (*Elaeis guineensis*) (Fig. 2A), 4% on trunks (Fig. 2B), and 1% on branches (Fig. 2C).

Figure 1. (A) A male of *Dendropsophus haddadi* signaling with his left hind limb in the Catolé and Fernão Velho protected area. (B) Axillary amplexus. (C) A female joining the eggs with her hind limbs. (D) A male calling soon after spawning in the Municipal Park, Maceió, Alagoas, Brazil.

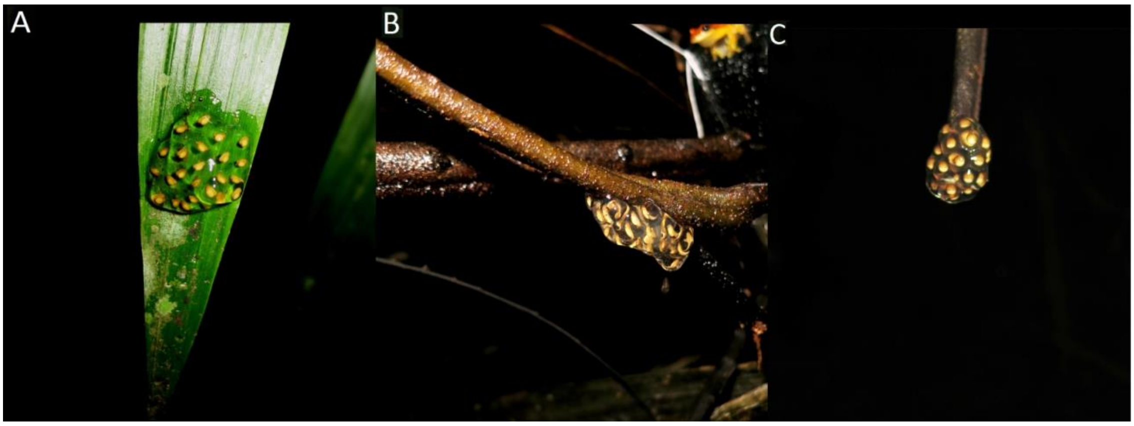


Figure 2. Clutches of *Dendropsophus haddadi* (A) deposited on the tip of *dendê* palm leaves (*Elaeis guineensis*), (B) on bole and (C) on a branch in the Municipal Park, Maceió, Alagoas, Brazil.

3.4 DISCUSSION

Individuals of *D. haddadi* reproduced from May to September, characterizing a prolonged reproductive pattern (sensu Wells, 1977). For *D. haddadi*, a previous study registered clutches on leaves of terrestrial bromeliads, however, authors did not record where tadpoles developed (Mageski, Silva-Soares and Ferreira, 2014). According to our observations, we conclude that all species of the *D. decipiens* clade (*D. decipiens*, *D. berthalutzae*, *D. oliveirai* and *D. haddadi*) (Faivovich et al., 2005) have the reproductive mode 24: terrestrial eggs on leaves above lentic environments and exotrophic tadpoles that fall and complete development in the water (Bokermann, 1962; Bokermann, 1963; Lutz, 1973; Bastos and Pombal, 1996; this study).

Anurans may employ, in addition to acoustic communication, visual signals as part of their courtship behaviour and territorial defence (Haddad and Giaretta, 1999) and male combat may occur when the above strategies do not work (Costa, Guimarães and Bastos, 2010; Miranda et al., 2008). Visual communication used to be more reported for diurnal species and was considered rare in nocturnal frogs, which was associated with habitat light availability (Haddad and Giaretta, 1999; Hartmann et al., 2005). However, studies reporting visual communication in nocturnal anurans of different families increased in the last years, including many hylid species (Hartmann et al., 2005; Toledo et al., 2007; Miranda et al., 2008). In the nocturnal hylid *D. parviceps*, males call from perches with high vegetation density, which may protect from predators but decrease sound propagation (Amézquita and Hödl, 2004). These males also perform visual signals, which may favour conspecific locatability in acoustic and visual complex habitats at low light conditions (Amézquita and Hödl, 2004). Our observations of *D. haddadi* support that this species also performs visual signals during aggressive and courtship interactions, similar to those observed for *D. werneri* in the Atlantic forest of south Brazil (Miranda et al., 2008). Future studies should detail the visual communication in *D. haddadi* and the evolution of this behaviour in a phylogenetic context.

We observed that the protective gelatine capsule surrounding the eggs of *D. haddadi* was generated soon after hydration by water. The eggs and gelatinous capsule need to be hydrated immediately after oviposition to perform its protective function (Touchon and Warkentin, 2008; Valencia-Aguilar, Castro-Herrera and

RamírezPinilla, 2012), otherwise development may be disrupted and embryos may die (Altig and McDiarmid, 2007; Warkentin, 2011). In anurans, the gelatinous capsule protects the eggs against predation, fungal infection and regulates gas exchange with the external environment, maintaining moisture and oxygenation (Warkentin, 2011). Furthermore, we found that hatching success was positively correlated with the number of eggs in the spawn, possibly due to the smaller ratio between surface area and volume, reducing dehydration (Zina, 2006). This might explain the behaviour of *D. haddadi* female that joined the spawn in the absence of rain and right after stayed on top of another spawn for more than 20 minutes. In addition, by dividing the spawn into multiple masses, *D. haddadi* females may increase offspring survival. Although rare (from 10-20% of species), anurans exhibit a great diversity of parental care behaviour (Wells, 2007) that evolved close related with terrestrial reproduction (Gomez-Mestre, Pyron and Wiens, 2012). In spite of this great diversity, we still lack information whether parental care is present in many groups and recent studies have shown that it is more common and diverse than previously thought (Delia, Bravo-Valencia and Warkentin, 2017). For instance, recently, short-term female care of eggs, only during the first night after oviposition, has been described for some centrolenids, which also deposit eggs on leaves above water (Delia, Bravo-Valencia and Warkentin, 2017). The behaviours of *D. haddadi* female, joining the eggs and sitting on the spawn, we described here have never been observed in other species of the genus and suggest some form of short-term maternal care of eggs. Further observations are needed to better describe the circumstances triggering these behaviours and their importance for offspring survival.

Toledo et al. (2011) described a spawn of *D. haddadi* on leaves above water, in Itacaré, Bahia state, northeastern Brazil, and observed that embryos were active on the fourth day and when they fell into the water they immediately started to swim. In our study, development took four days before tadpoles fell into the water. However, some tadpoles did not swim right on, probably because they were not fully developed. Tadpoles that fall into the water with the ability to swim are more likely to avoid predators and to be able to feed themselves (Warkentin et al., 2017). However, as described for *Agalychnis callidryas*, in cases of predator attack risks, embryos are able to hatch and fall earlier in the water and have a chance of surviving (Warkentin et al., 2017). We did not observe predators attacking spawns of *D. haddadi*, thus we could not confirm that embryos are able to hatch earlier.

At our study site, clutches of *D. haddadi* were mostly deposited on leaves of *Elaeis guineensis* (95% of observations), an exotic palm very common in this region present in great abundance surrounding all bodies of water. We also observed other anuran species (e.g., *Boana albomarginata* and *Hylomantis granulosus*) using *Elaeis guineensis* leaves as perches to vocalize. Other *Dendropsophus* species, such as *D. ebraccatus* and *D. microcephalus*, have also been observed associated with *Elaeis guineensis* in Costa Rica (Aranda et al., 2014). *Dendropsophus haddadi*, *D. microcephalus* and *D. ebraccatus* present the same reproductive mode (terrestrial eggs on leaves above lentic environments and exotrophic tadpoles that complete development in the water). Thus, the use of *Elaeis guineensis* by these species could be related with their similar reproductive biology and also due to the availability of this palm species commonly associated with humid environments.

Throughout the distribution of *D. haddadi*, in the Atlantic forest along the coast of Brazil, from the state of Pernambuco to the state of Rio de Janeiro (Bastos and Pombal 1996; De Abreu et al., 2013; Frost, 2019), populations face different rainy periods, habitat conditions and altitudes. We do not know how these variations can affect populations, but we can predict, through models indicating temperature increases (Lemes, Melo and Loyola, 2014) and forests' decrease and fragmentation (Ranta et al., 1998; Tabarelli et al., 2010), that they may suffer serious consequences, since they are associated with the few remaining areas of Atlantic forest. Amphibians are at serious risk of extinction in many regions of the world (da Silva et al., 2012; Vasconcelos, Nascimento and Prado, 2018). Studies using predictive models of climate change indicate that the extinction of 37 anuran species (10.57%) may occur in the Atlantic forest between 2050-2070 (Vasconcelos, Nascimento and Prado, 2018). The reasons for this scenario include global warming, rising temperatures, decreasing rainfall periods, spaced and torrential rains, habitat fragmentation, invasion of exotic species, diseases, use of pesticides, among many others (Young et al. 2005; Vasconcelos, Nascimento and Prado, 2018). For amphibians, decrease of forest area and fragmentation represent great threats when comparing with other impacts (Young et al., 2005). Thus, information about species´ ecology and behaviour serves not only to enhance our knowledge on their natural history, but are also extremely important to support conservation actions and policies (Loyola et al., 2008; da Silva et al., 2012).

Acknowledgements. N.R. Silva thanks CAPES (Coordenacão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). T. Mott thanks CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) for research fellowship (309904/2015-3). We thank Bruno Vilela for providing figure 1A and the reviewers and editor for valuable suggestions on the manuscript. This study was supported in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

3.5 REFERENCES

Altig, R., McDiarmid, R.W. (2007): Morphological diversity and evolution of egg and clutch structure in amphibians. Herpetological Monographs **21**: 1–32.

Amézquita, A., Hödl, W. (2004): How, when, and where to perform visual displays: the case of the Amazonian frog *Hyla parviceps*. Herpetologica **60**: 420–429.

Aranda, C.J.M, Morazán, F.F, Gutiérrez, S.D.R., Jiménez E.R., Anna, G., Arévalo, H., Díaz, G.N., Burbano, D., Coello, H.L., Guerra, L.F., Guevara, C., Narváez, V., Rico U.A., Cortés, S.J. E., Reinke, H., Lobos, L. (2014): Vertebrate abundance in oil palm (*Elaeis guineensis*) plantations in the southern Pacific of Costa Rica, according to landscape and site conditions. ASD Oil Palm Papers **43**: 23–38.

Araújo-Neto, J.V., Silva, B.V.M., Galdino, J.Y.A., Nascimento, F.A.C., Lisboa, B.S. (2012): New records and geographic distribution map of *Dendropsophus haddadi* (Bastos and Pombal 1996) (Anura: Hylidae) with comments on color patterns. Check List **8**: 248–250.

Bastos, R.P., Pombal, J.P. (1996): A new species of Hyla (Anura: Hylidae) from eastern Brazil. Amphibia-Reptilia 17: 325–331. Becker, C.G., Fonseca, C.R., Haddad, C.F.B., Batista, R.F., Prado, P.I. (2007): Habitat split and the global decline of amphibians. Science 318: 1775–1777.

Bokermann, W.C.A. (1962): Cuatro nuevos hylidos del Brasil. Neotropica **8**: 81–91.

Bokermann, W.C. (1963): Nova espécie de *Hyla* da Bahia, Brasil (Amphibia, Salientia). Atas da Sociedade Biológica do Rio de Janeiro **7**: 6–8.

Carnaval, A.C., Hickerson, M.J., Haddad, C.F.B., Rodrigues, M.T., Moritz, C. (2009): Stability predicts genetic diversity in the Brazilian Atlantic Forest hotspot. Science 323: 785–789.

Costa, T.B., Guimarães, L.D.A., Bastos, R.P. (2010): Territorial and mating behavior in *Phyllomedusa azurea* (Anura: Hylidae) at a temporary pond in west-central Brazil. Phyllomedusa: Journal of Herpetology **9**: 99–108.

Crump, M.L. (1974): Reproductive strategies in a tropical anuran community. Misc. University of Kansas publications. Museum of Natural History **61**: 1–68.

Crump, M.L. (2015): Anuran reproductive modes: evolving perspectives. Journal of Herpetolology **49**: 1–16.

da Silva, F.R., Almeida Neto, M., do Prado, V.H.M., Haddad, C.F.B., de Cerqueira Rossa Feres, D. (2012): Humidity levels drive reproductive modes and phylogenetic diversity of amphibians in the Brazilian Atlantic Forest. Journal of Biogeography **39**: 1720–1732.

De Abreu, R.O., Napoli, M.F., Camardelli, M., Fonseca, P.M. (2013): The tadpole of *Dendropsophus haddadi* (Amphibia, Anura, Hylidae): additions on morphological traits and comparisons with tadpoles of the *D. decipiens* and *D. Microcephalus* species groups. Sitientibus série Ciências Biológicas **13**: 1-4.

Delia, J., Bravo-Valencia, L., Warkentin, K.M. (2017): Patterns of parental care in Neotropical glassfrogs: fieldwork alters hypotheses of sex role evolution. Journal of Evolutionary Biology **30**: 898–914.

Faivovich, J., Haddad, C.F.B., Garcia, P.C.A., Frost, D.R., Campbell, J.A., Wheeler, W.C. (2005): Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: phylogenetic analysis and taxonomic revision. Bulletin of the American Museum of Natural History 294: 1–240.

Frost, D.R. (2019): Amphibian Species of the World: an Online Reference. Version 6.0. Available at: http://research.amnh. org/herpetology/amphibia/index.html. Accessed on 27 January 2019.

Gomez-Mestre, I., Pyron, R.A., Wiens, J.J. (2012): Phylogenetic analyses reveal unexpected patterns in the evolution of reproductive modes in frogs. Evolution **66**: 3687–3700.

Haddad, C.F.B., Giaretta, A.A. (1999): Visual and acoustic communication in the Brazilian torrent frog, *Hylodes asper* (Anura: Leptodactylidae). Herpetologica **55**: 324–333.

Haddad, C.F.B., Prado, C.P.A. (2005): Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic forest in Brazil. BioScience **55**: 207–217.

Hartmann, M.T., Giasson, L.O., Hartmann, P.A., Haddad, C.F. (2005): Visual communication in Brazilian species of anurans from the Atlantic forest. Journal of Natural History **39**: 1675– 1685.

Hartmann, M.T., Hartmann, P.A., Haddad, C.F. (2010): Reproductive modes and fecundity of an assemblage of anuran amphibians in the Atlantic rainforest, Brazil. Iheringia. Série Zoologia **100**: 207–215.

Hödl, W., Amézquita, A. (2001): Anuran Communication. Washington D.C., Smithsonian Institution Press. Lemes, P., Melo, A.S., Loyola, R.D. (2014): Climate change threatens protected areas of the Atlantic Forest. Biodiversity and Conservation **23**: 357–368.

Lourenço-De-Moraes, R., Campos, F.S., Toledo, L.F. (2012): The tadpole of *Dendropsophus haddadi* (Bastos & Pombal 1996) (Hylidae: Hylinae). Zootaxa **3476**: 86–88.

Loyola, R.D., Becker, C.G., Kubota, U., Haddad, C.F.B., Fonseca, C.R., Lewinsohn, T.M. (2008): Hung out to dry: choice of priority ecoregions for conserving threatened Neotropical anurans depends on life-history traits. PloSone 3: e2120.

Loyola, R.D., Lemes, P., Brum, F.T., Provete, D.B., Duarte, L.D.S. (2014): Clade-specific consequences of climate change to amphibians in Atlantic Forest protected areas. Ecography **37**: 65–72.

Lutz, B. (1973): Brazilian species of *Hyla*. Austin and London, USA, University of Texas Press.

Mageski, M., Silva-Soares, T., Ferreira, R.B. (2014): Hábito bromelígena de *Dendropsophus haddadi* (Anura: Hylidae) em ambiente de Mata Atlântica no sudeste do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão **34**: 97–100.

Magnusson, W., Hero, J.M. (1991): Predation and the evolution of complex oviposition behaviour in Amazon rainforest frogs. Oecologia **86**: 310–318.

Miranda, D.B., Garey, M.V., Monteiro-Filho, E.L., Hartmann, M.T. (2008): Sinalização visual e biologia reprodutiva de *Dendropsophus werneri* (Anura: Hylidae) em área de Mata Atlântica no Estado do Paraná, Brasil. Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo) **48**: 335–343.

R Core Development Team (2016): R: a language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

Ranta, P., Blom, T.O.M., Niemela, J., Joensuu, E., Siitonen, M. (1998): The fragmented Atlantic rain forest of Brazil: size, shape and distribution of forest fragments. Biodiversity Conservation **7**: 385–403.

Ribeiro, M.C., Metzger, J.P., Martensen, A.C., Ponzoni, F.J., Hirota, M.M. (2009): The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. Biological Conservervation **142**: 1141–1153.

Silva, F.R., Almeida-Neto, M., do Prado, V.H.M., Haddad, C.F.B., de Cerqueira Rossa-Feres, D. (2012): Humidity levels drive reproductive modes and phylogenetic diversity of amphibians in the Brazilian Atlantic Forest. Journal of Biogeography **39**: 1720–1732.

Tabarelli, M., Aguiar, A.V., Ribeiro, M.C., Metzger, J.P., Peres, C.A. (2010): Prospects for biodiversity conservation in the Atlantic Forest: lessons from aging human-modified landscapes. Biological Conservation **143**: 2328–2340.

Toledo, L.F., Araújo, O.G., Guimarães, L.D., Lingnau, R., Haddad, C.F. (2007): Visual and acoustic signaling in three species of Brazilian nocturnal tree frogs (Anura, Hylidae). Phyllomedusa: Journal of Herpetology **6**: 61–68.

Toledo, L.F., Garey, M.V., Costa, T.R., Lourenço-de-Moraes, R., Hartmann, M.T., Haddad, C.F. (2011): Alternative reproductive modes of Atlantic forest frogs. Journal of Ethology **30**: 331–336.

Touchon, J.C., Warkentin, K.M. (2008): Reproductive mode plasticity: aquatic and terrestrial oviposition in a treefrog. Proceedings of the National Academy of Sciences **105**: 7495– 7499.

Touchon, J.C., Worley, J.L. (2015): Oviposition site choice under conflicting risks demonstrates that aquatic predators drive terrestrial egg-laying. In Proc. R. Soc. B. Proceedings of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences **282**: 20150376.

Valencia-Aguilar, A., Castro-Herrera, F., Ramírez-Pinilla, M.P. (2012): Microhabitats for oviposition and male clutch attendance in *Hyalinobatrachium aureoguttatum* (Anura: Centrolenidae). Copeia **2012**: 722–731.

Vasconcelos, T.S., do Nascimento, B.T., Prado, V.H. (2018): Expected impacts of climate change threaten the anuran diversity in the Brazilian hotspots. Ecology and evolution **8**: 7894–7906.

Warkentin, K.M. (2011): Plasticity of hatching in amphibians: evolution, trade-offs, cues and mechanisms. Integrative and Comparative Biology **51**: 111–127.

Warkentin, K.M., Diaz, J.C., Güell, B.A., Jung, J., Kim, S.J., Cohen, K.L. (2017): Developmental onset of escape-hatching responses in red-eyed treefrogs depends on cue type. Animal Behaviour **129**: 103–112.

Wells, K.D. (1977): The social behavior of anuran amphibians. Animal Behaviour **25**: 666–693.

Wells, K.D. (2007): The ecology and behaviour of amphibians. Chicago, EUA, University of Chicago Press.

Young, B.E., Stuart, S.N., Chanson, J.S., Cox, N.A., Boucher, T.M. (2005): Disappearing jewels: the status of new world amphibians. Applied Herpetology **2**: 429–435.

Zamudio, K.R., Bell, R.C., Nali, R.C., Haddad, C.F.B., Prado, C.P.A. (2016): Polyandry, predation, and the evolution of frog reproductive modes. The Americam Naturalist **188**: S41–S61.

Zina, J. (2006): Communal nests in *Physalaemus pustulosus* (Amphibia: Leptodactylidae): experimental evidence for female oviposition preferences and protection against desiccation. Amphibia-Reptilia **27**: 148–150.

4 CAPÍTULO 2: EGG LAYING SITE, FECUNDITY AND DEGREE OF SEXUAL SIZE DIMORPHISM IN FROGS

Nelson R. da Silva, Bianca V.M. Berneck, Hélio R. da Silva, Célio F.B. Haddad, Kelly R. Zamudio, Tamí Mott, Renato C. Nali, , Cynthia P. A. Prado

(Submitted to the Biological Journal of the Linnean Society on 06 May, 2020).

Egg laying site, fecundity and degree of sexual size dimorphism in frogs

NELSON RODRIGUES DA SILVA[1,2], BIANCA V.M. BERNECK[3], HELIO R. DA SILVA[3], CÉLIO F.B. HADDAD[4], KELLY R. ZAMUDIO[5], TAMÍ MOTT[1,2], RENATO C. NALI[6,*, #], CYNTHIA P. A. PRADO[7, #]

[1]*Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Alagoas, 57072-900, Maceió, Alagoas, Brazil*

[2]*Museu de História Natural, Universidade Federal de Alagoas, 57072-900, Maceió, Alagoas, Brazil*

[3]*Departamento de Biologia Animal, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Caixa Postal 74524, 23897-970, Seropédica, Rio de Janeiro, Brazil*

[4]*Departamento de Biodiversidade e Centro de Aquicultura, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, 13506-900, Rio Claro, São Paulo, Brazil*

[5]*Department of Ecology and Evolutionary Biology, E209 Corson Hall, Cornell University, Ithaca, NY 14850 USA*

[6]*Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 36036-900, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil*

[7]*Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, 14884-900, Jaboticabal, São Paulo, Brazil*

*Corresponding author. E-mail: r_nali@yahoo.com.br

[#]Co-senior authors

RUNNING TITLE: Oviposition site and sexual size dimorphism in frogs

ABSTRACT

Female fecundity is an important selective force leading to female-biased sexual size dimorphism (SSD) in frogs. Because anurans exhibit diverse reproductive modes, we investigated whether variation in SSD and fecundity are correlated with oviposition site. Speciafically, we asked whether arboreal breeding species will show pronounced female-biased SSD and if, paradoxically, females will have lower fecundity because of the costs of carrying amplectant males. Conversely, we tested if species that deposit eggs in concealed terrestrial sites will show less pronounced SSD, because females do not carry males and space limitation may reduce fecundity and female size. Our results across all frogs and for hylids only showed that, in general, males were approximately 20% smaller than females. However, for hidden oviposition sites, males and females tended to have more similar body sizes, corroborating our hypothesis. Overall, fecundity was higher in aquatic breeders, as expected, but in hylids, fecundity was smaller in arboreal breeders, which suggests that arboreality may impose restrictions to fecundity. By analyzing SSD in a broader and more specific lineage, we found that the reproductive microhabitat may also influence female size and fecundity, playing an important role in the evolution of SSD in frogs at different evolutionary scales.

ADDITIONAL KEYWORDS: Anura, body size, costs of reproduction, female investment, Hylidae, reproductive mode

4.1 INTRODUCTION

Animals have undergone morphological, physiological, and behavioral adaptations in the transition from the aquatic to terrestrial habitats (Stearns, 1977; McInerney *et al*., 2011). Among these changes, the evolution and diversification of reproductive behaviors are highly related to environmental conditions and habitat types (Sadleir, 1973; Shine, 2005; Schoch, 2014; Pereira *et al*., 2015). Predation pressure by aquatic predators, water physico-chemical alterations, and terrestrial vacant niches have been considered as important selective factors leading to the evolution of terrestrial reproduction (Oparin, 1957; Magnusson & Hero, 1991; Touchon & Worley, 2015). More recently, sexual selection in the form of male-male competition (Zamudio *et al*., 2016) and parental care (Vági *et al*., 2019) have also been suggested as important pressures in the evolution of terrestrial reproduction in anuran amphibians. Among tetrapods, the extraordinary diversity of reproductive modes in frogs provides an opportunity to investigate hypotheses about the ecological and behavioral adaptations related to the aquatic-terrestrial transition (Grosjean *et al*., 2008; Crump, 2015; Zamudio *et al*., 2016; de Sá *et al*., 2019).

The most uptodate survey of anurans indicates that the group exhibits approximately 50 reproductive modes (e.g. Haddad & Prado, 2005; Gururaja *et al*., 2014; Iskandar *et al*., 2014; Kusrini *et al*., 2015) ranging from aquatic eggs to viviparity, and with great variation in egg deposition site, larval development site (if any), and type of parental care (Haddad & Prado, 2005; Wells, 2007; Furness & Capelini, 2019). Aquatic eggs and tadpoles are hypothesized as the ancestral mode in anurans and terrestrial modes evolved independently many times (Gomez-Mestre *et al*., 2012). Females of terrestrial breeding frogs tend to have small body sizes and deposit small clutches with large eggs (Salthe & Duellman, 1973; Pupin *et al*., 2010; Gomez-Mestre et al., 2012). In contrast, females of species with aquatic reproductive modes tend to be larger in body size and deposit a large number of small eggs (Salthe & Duellman, 1973; Crump, 1974; Gomez-Mestre *et al*., 2012). Because the reproductive output of females exerts a strong selective pressure on female body size, this can lead to differences in body sizes between the sexes, a phenomenon known as sexual size dimorphism (e.g. Shine, 1979; Nali *et al*., 2014).

Fecundity is positively correlated with female size (Hartmann *et al*., 2010; Gomez-Mestre *et al*., 2012; Torres-Cervantes *et al*., 2019) and the ‘fecundity advantage' hypothesis (Darwin, 1874; Shine, 1989; Nali *et al*., 2014) has been invoked as one of the main forces in the evolution of sexual size dimorphism (SSD) in frogs, where females are larger in nearly 90% of the species (Shine, 1979; Katsikaros & Shine, 1997; Nali *et al*., 2014). However, the degree of SSD is highly variable among species, indicating that males and females may suffer different selective pressures on body size (Han & Fu, 2013; Nali *et al*., 2014). Moreover, pressures are not linear, with stronger selective forces for fecundity increase being observed on females of smaller species (Nali *et al*., 2014). Costs of reproduction for females may also influence the evolution of sexual dimorphism (Shine *et al*., 1998). Although large females may have the advantage of higher fecundity, there might be constraints or trade-offs imposed by the costs of reproduction (Shine, 1992; Shine *et al*., 1998). Gravid females potentially have reduced survivorship due to decreases in locomotor ability, difficulties in using narrow shelters, and reduced predator escape capacity (Vitt, 1981; Shine *et al*., 1998). Moreover, interspecific differences in female fecundity may also be shaped by costs of reproduction associated to different habitat use and forms of locomotion, as reported for snakes and lizards (Gans, 1975; Shine, 1988; Shine *et al*., 1998). In frogs, females deposit eggs in a great variety of microhabitats, from water bodies to terrestrial humid sites, such as the surface of pendant leaves, rock crevices and tree holes (Haddad & Prado, 2005). Additionally, females need to choose suitable oviposition sites and sometimes escape from predators carrying amplectant males on their backs (Murphy, 2003; Wells, 2007). Thus, female size and fecundity, and consequently SSD, might be modulated by the habitat type used for oviposition.

Here, we used phylogenetic comparative methods to investigate the relationship among reproductive modes, degree of SSD, and fecundity in frogs. Aquatic, arboreal, exposed terrestrial, and concealed terrestrial (hereafter 'hidden') habitats encompass the majority of oviposition sites used by anuran species, and these habitats might impose different challenges for females and amplectant pairs. Therefore, we evaluated how SSD and fecundity varied among these reproductive site categories. We specifically tested the hypotheses that: (1) arboreal breeding species will show pronounced female-biased SSD (larger females and smaller males) because females need to move on the vegetation to deposit eggs carrying amplectant males on their back; (2) species that deposit eggs in concealed terrestrial sites (‘hidden sites’) will show less pronounced or absent SSD, because females do not carry males and space limitations to amplectant pairs may reduce female size and fecundity; and (3) species that deposit eggs in exposed sites (either aquatic or terrestrial) will follow the SSD pattern for frogs (females larger than males), but at an intermediate degree when compared to species breeding in arboreal and concealed sites. Because fecundity is an important selective force affecting female size and SSD in frogs, we also investigated clutch size variation (number of eggs) among different oviposition sites. We asked whether in arboreal species, female fecundity will be smaller compared to species that use other terrestrial oviposition sites (e.g. leaf litter, rock crevices, holes, subterranean chamber), because of the extra load that females have to carry in their abdomen. Thus, although we expect larger females in arboreal breeders, we paradoxically expect lower fecundity because of the transport cost for females.

4.2 MATERIALS AND METHODS

4.2.1 Data Collection and Phylogeny

We extracted from the literature data on average snout-vent length of males and females (SVL, standard measurement of body size), as well as clutch size (average number of eggs per clutch) and egg size (average diameter of eggs). In the absence of clutch and egg size, we complemented our dataset including average number of oocytes per gravid female and average oocyte diameter (see Nali *et al*., 2014). Based on literature description of reproductive modes (*sensu* Haddad and Prado, 2005), we classified the oviposition sites in four main categories: (1) arboreal (species with eggs deposited on leaves, twigs or trunks), (2) aquatic (species with eggs deposited directly in the water, both lentic and lotic), (3) terrestrial (species with eggs deposited directly on the soil or litter) and (4) hidden (species with eggs in concealed sites, including natural or constructed nests, such as burrows, tree holes, subterranean chambers, crevices, and phytotelmata).

We ran all phylogenetic comparative analyses (see below) using the amphibian topology proposed by Pyron *et al*. (2011) with original branch lengths. For each analysis, we pruned the original tree in the software Mesquite v. 3.51 (Maddison & Maddison, 2018) to contain only the species with available data.

4.2.2 Sexual Size Dimorphism and Oviposition Site

Each species was assigned a sexual size dimorphism index (SDI) based on a two-step ratio of male and female body sizes (Lovich & Gibbons, 1992; revised by Smith, 1999), a value that is symmetrical around one, when males and females have the same body sizes. For species in which male SVL ≥ female SVL, SDI = male SVL / female SVL. For species in which female SVL > male SVL, SDI = 2 - (female SVL / male SVL). Thus, species with female-biased sexual size dimorphism show SDI < 1, and those with male-biased sexual size dimorphism show SDI > 1. We then compared SDI among the different oviposition site categories using phylogenetic analyses of variance (phylogenetic ANOVAs), with pairwise post hoc tests under a thousand simulations yielding adjusted *P* values, according to Holm (1979). We conducted the analyses for all anuran species in our dataset and also separately only for species of Hylidae (*sensu* Faivovich *et al*. 2005), the most speciose family in our dataset that exhibits a great diversity of reproductive modes (Haddad & Prado, 2005). For Anura, all four oviposition site categories were used, but for hylids only three categories were used: aquatic, arboreal and hidden, because there were no exposed terrestrial breeding species in the hylid dataset. Because we had different sample sizes in our oviposition categories for both Anura and Hylidae, we ran additional analyses to check for biases (Supporting Information, Supplemental Analyses). We ran all analyses and visualized the data using the *phytools* and *ggplot2* packages on the R platform (Revell, 2012; Wickham, 2016; R Core Team, 2019).

4.2.3 Female Fecundity and Oviposition Site

Given that the number of eggs may correlate negatively with egg size (Gomez-Mestre *et al*., 2012), which may affect comparisons of fecundity among species, we conducted an exploratory analysis with a smaller database for which we had egg diameter and number (*N* = 54 species; Supporting information, Table S1). We log-transformed these variables and ran a simple regression analysis using phylogenetic independent contrasts performed in the *phytools* package in R (Felsenstein, 1985; Revell, 2012; R Core Team, 2019). Although significant (*F* = 4.83; *P* = 0.032), the low value of the adjusted R^2 (0.067) indicated a very weak relationship between those two variables. Thus, we did not account for egg size in the fecundity analyses, which enabled us to increase our sample size.

Because females of larger species usually produce a larger number of eggs (Prado & Haddad, 2005; Nali *et al*. 2014), we first ran a Phylogenetic Generalized Least Squares (PGLS) regression analysis between log number of eggs per clutch and log female SVL to extract the residuals. The residual values were then used as a proxy for fecundity measurement, eliminating the effect of female body size. Then, to test restrictions to fecundity due to arboreality, fecundity was compared among four oviposition site categories for Anura (aquatic, arboreal, terrestrial, and hidden) and three oviposition site categories for Hylidae (aquatic, arboreal, and hidden). We ran phylogenetic ANOVAs for Anura and for Hylidae using the same statistical procedures described above. We ran all analyses and visualized the data using the *phytools*, *nlme* and *ggplot2* packages in R (Revell, 2012; Wickham, 2016; Pinheiro et al., 2019; R Core Team, 2019).

4.3 RESULTS

4.3.1 Dataset

We compiled data for a total of 385 species in 32 anuran families: 271 aquatic, 48 arboreal, 35 hidden, and 31 terrestrial (Supporting information, Table S1, Figs. S1 and S3). For Hylidae, we analyzed a total of 221 species: 175 aquatic, 30 arboreal, and 16 hidden (Supporting information, Table S1, Figs. S2 and S4). From this large dataset, each analysis included a different subset of species according to the type of data available for each species.

4.3.2 Sexual Size Dimorphism and Oviposition Site

For anurans, we had representatives of aquatic, arboreal, terrestrial, and hidden oviposition sites; we found no differences in SDI when we compared among these sites (phylogenetic ANOVA, N = 385 species of 32 families; F = 7.27; P = 0.205). However, variation in SDI was much higher in species with aquatic oviposition (Fig. 1A; Table 1). For the Hylidae family, we had representatives of aquatic, arboreal, and hidden oviposition sites; similarly, the overall phylogenetic ANOVA indicated no differences in SDI among oviposition sites (N = 221 species; F

= 10.34; *P* = 0.282), but the post hoc simulations indicated a difference between species with aquatic and hidden oviposition sites (*P* = 0.048). We also found a tendency of species with hidden oviposition to show SDI closer to 1 (males and females with similar body sizes) compared to the other oviposition categories (Fig. 1; Table 1). We had very similar results in our additional analyses with random equal sample sizes (Supporting Information, Supplemental Analyses).

4.3.3 Female Fecundity and Oviposition Site

Fecundity, based on the residuals of number of eggs per clutch relative to female body size, differed significantly among oviposition sites for anurans (236 species of 32 families; *F* = 104.62; *P* = 0.001; Fig. 2A; Supporting information, Table S2). For the Hylidae family, we had representatives from aquatic, arboreal, and hidden oviposition sites, and we also found a significant difference in fecundity (103 species; *F* = 50.89; *P* = 0. 004; Fig. 2B; Supporting information, Table S2). For both Anura and Hylidae, our results showed that fecundity in aquatic breeders was higher compared to that of other oviposition sites. Moreover, for anurans, fecundity in arboreal breeders was similar to those of terrestrial and hidden (Fig. 2A); for hylids, arboreal fecundity was similar to that of hidden (Fig. 2B). However, hylids with arboreal clutches showed a tendency to have lower fecundity (Fig. 2B).

4.4 DISCUSSION

Most anurans show female-biased sexual size dimorphism (SSD), however there is a great variation in the degree of SSD across species (Shine, 1979; Nali *et al*., 2014). Our results indicate that oviposition site may impose some restrictions to female size and fecundity, which may contribute to the variation in SSD observed among frogs. In many animal groups, SSD has been classically explained based on selective pressures in which (1) larger males gain direct reproductive advantages because of male-male competition or as a consequence of female choice (leading to male-biased SSD) or (2) larger females are favored because of increased fecundity (leading to female-biased SSD; Reeve & Fairbairn, 1999; Dale *et al*., 2007; Kupfer, 2009; Nali *et al*., 2014). Thus, SSD may be the result of differences in the effects of natural and sexual selection on body sizes of males and females, making the study of SSD a challenge for evolutionary biologists (Oufiero & Garland, 2007; Littleford-

Colquhoun *et al*., 2019). In the case of anurans, many studies have focused on sexual selection, fecundity, and differences in growth rate, age, and breeding strategies to explain differences between male and female size (e.g. Monnet & Cherry, 2002; Han & Fu, 2013; Nali *et al*., 2014; de Sá *et al*., 2019). Our data show that the reproductive habitat may also play an important role in the evolution of SSD in frogs.

We did not find an association between SSD and type of oviposition site. Mean SDIs were statistically similar among species breeding in different microhabitat types, for both Anura and Hylidae. For most oviposition sites we compared, SDI ranged from 0.82 – 0.86, which means that males are 14 – 18% smaller than females independent of the phylogenetic lineage analyzed here (Anura and Hylidae). Studies on anuran mating strategies have shown that physical or mechanical constraints may influence pair formation, leading females to choose males that have similar sizes (‘size-assortative’ mating) (e.g. Bastos & Haddad, 1996; Lu *et al*., 2010); indeed, assortative mating has been shown to be a general tendency in animals (Jiang *et al*., 2013; Janicke *et al*., 2019). Specifically for frogs, where the majority of species exhibit axillary amplexus and external fertilization, juxtaposition of cloacae may be crucial for fertilization success. For some species, optimum fertilization rate was attained when males were approximately 20% smaller than females (Robertson, 1990; Bourne, 1993; Bastos & Haddad, 1996), which coincides with the SDI values we found for species that deposit eggs in the water, on the vegetation, or in exposed terrestrial habitats. The exception was the group of species that lay eggs in hidden/concealed sites, which showed SDI close to 1, i.e., males and females with similar body sizes (Fig. 1 and Table 1). Indeed, for hylids, the post hoc analysis showed significant differences in SDI between species that lay aquatic eggs vs. those with hidden clutches. In species that lay eggs in hidden sites, many selective pressures may contribute to decrease female size and, hence, attenuate SSD. In these species, the pair must fit in a restricted space during oviposition (e.g. rock crevices, tree holes, subterranean chamber) and this limitation might extend to the amount of eggs that can be laid in such space, which may diminish the selective pressures for increases in female body size. Furthermore, in many species, males construct chambers where eggs will be laid and females do not carry amplectant males, instead they follow males into these structures where amplexus occurs (e.g.

Haddad *et al*., 2005; Lucas *et al*., 2008; Faggioni *et al*., 2017), what may also reduce pressures for female body increase. In fact, studies with some anuran lineages have shown that when males construct subterranean chambers, males and females have similar body sizes (e.g. Heyer, 1978; Haddad *et al*., 2005; Berneck *et al*., 2017). Thus, our results suggest that the evolution of oviposition in hidden and limited spaces might have been accompanied by a reduction in female body size and decrease in SSD, in support of our hypothesis.

Another interesting result was that SDI was more variable among aquatic breeding frogs when compared to those that use other oviposition sites, ranging from 0.56 – 1.43 in Anura and 0.58 – 1.17 in Hylidae (Table 1). Intensity of sexual selection, in the forms of male-male competition (intrasexual selection) or female choice (intersexual selection) are quite different among anuran species exhibiting different reproductive strategies (e.g. temporal breeding pattern, reproductive mode), which may affect the intensity of selection on body size of males and females (Wells, 1977; Zamudio *et al*., 2016; de Sá *et al*., 2019). In explosive reproduction, which is more common among aquatic breeders (Wells, 1977; Prado *et al*., 2005), individuals form dense aggregations around and inside water bodies, where males attempt to amplect any individual, engage in scramble competition, and females have less opportunities for mate choice (Wells, 1977). This context may lead to a random mating relative to size (e.g. Wells, 1977; Howard & Kluge, 1985) and consequently to a greater variation in SSD. Alternatively, the explanation for the greater variation in SSD among aquatic breeders could be that juxtaposition of cloacae may be more critical for fertilization success in terrestrial habitats than in aquatic ones, because of fertilization facilitation provided by the water. The mechanics of fertilization in different environments deserves further investigation.

Advantages conferred by increases in female fecundity explain much of the female-biased SSD in frogs (Han & Fu, 2013), however selective forces vary according to species body size and reproductive pattern (Nali *et al*., 2014). Regarding other vertebrate groups, many studies in squamates have shown that females may be constrained in increasing fecundity because of the costs imposed by clutch mass burden, which may lead to trade-offs between fecundity and locomotor performance, affecting predator escape ability and survival (e.g. Seigel *et al*., 1987; Miles *et al*., 2000;Shine, 2003). Frog species exhibit a great diversity of habits, including aquatic, arboreal, terrestrial and fossorial, offering an opportunity to investigate the relationship between habitat use, performance and sexual dimorphism (Herrel *et al*., 2012). In many species, female frogs that deposit eggs on the vegetation above water, besides climbing the vegetation, carry amplectant males prior and during oviposition, and eventually need to scape from predators (Wells, 2007; Silva *et al*., 2019). Thus, we expected a lower fecundity in arboreal species due to the high costs of carrying both the male and the egg mass; this was partially corroborated for hylids, as we found a significant decrease in fecundity in these species when compared to aquatic ones. Furthermore, our data showed a tendency toward decreased fecundity for hylid species that lay eggs on vegetation (Fig. 2B) when compared to all other species in the family, suggesting that arboreality may influence fecundity in this lineage. The Hylidae family (*sensu* Faivovich et al., 2005) is one of the most diverse among anurans (Frost, 2020), composed mainly of arboreal species that exhibit the generalized aquatic reproductive mode (aquatic eggs and larvae), but also includes species with arboreal reproductive modes (Haddad & Prado, 2005; Touchon & Warkentin, 2008; Zamudio *et al*., 2016). Because we analyzed variation in fecundity for a limited number of species in the family, we suggest that this hypothesis deserves further investigation by adding more taxa to the comparative analysis, which will be possible with the accumulation of natural history studies and fecundity data.

The fact that fecundity of hylids that deposit eggs in hidden oviposition sites was similar to that of arboreal breeding species may be related to other limiting factors, such as the deposition of eggs in a restricted space, as discussed above. In the classical paper by Salthe and Duellman (1973), although analyzing a small diversity of species in different families, they described some interesting patterns. For instance, among species that lay eggs on vegetation, those that deposit eggs on leaves and tadpoles develop in lentic water have larger clutches and smaller eggs compared to species that deposit eggs on leaves and tadpoles develop in lotic habitats, and both arboreal modes exhibit larger clutches and smaller eggs compared to terrestrial breeders with direct development (Salthe & Duellman, 1973). Thus, what seems like a small environmental change, whether tadpoles develop in lentic or lotic environments, has the potential to influence fecundity. Terrestrial reproductive modes include a myriad of reproductive specializations so that eggs can be laid out of water (e.g. on humid floor, in rock crevices, on leaves above the water, in bromeliads, tree holes, subterranean chambers), including indirect and direct development (Haddad & Prado, 2005). Although we are aware that the reproductive modes in our analyses do not capture these detailed differences, and that some of our reproductive categories are limited in sample size, our results show that fecundity increase in females that breed arborealy and/or in limited space may be constrained, and therefore represents one more selective axis influencing the evolution of SSD.

When analyzing complex features, such as SSD and reproductive investment, at a broad phylogenetic scale, it is often difficult to disentangle the complex interactions between natural and sexual selection (e.g. John-Alder *et al*., 2007; Nali *et al*., 2014; Zamudio *et al*., 2016). By studying SSD in a broader (Anura) and a smaller lineage of frogs (Hylidae), we detected low variation in SSD across taxa reproducing in different microhabitats, albeit less pronounced in species laying eggs in concealed sites, and a tendency of reduced fecundity in hylids with arboreal reproductive mode. Thus, we conclude that the degree and direction of SSD in anurans result from a complex combination of evolutionary processes acting on both males and females at different evolutionary scales (Nali *et al*., 2014; de Sá *et al*., 2019; this study).

ACKNOWLEDGEMENTS

NRS thanks the Coordenacão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) for the doctoral scholarship. We are grateful to Diego J. Santana (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Robson G. dos Santos (Universidade Federal do Alagoas) and Fausto Nomura (Universidade Federal de Goiás) for their valuable contributions and suggestions on the manuscript, and to Letícia A. C. Silva for help with data and previous discussions on the manuscript. TM and HRS thank the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) for research fellowships (TM: #309904/2015-3 and #312291/2018-3; HRS: #306963/2018-3). CFBH thanks the CNPq for a research fellowship (306623/2018-8) and the São Paulo Research Foundation (FAPESP) for financial support (#2013/50741-7). BVMB thanks to the FAPESP for financial support (#2013/18807-8). This study was supported in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) [# 001].

4.5 REFERENCES

Bastos RP, Haddad CFB. 1996. Breeding activity of the Neotropical treefrog, *Hyla elegans* (Anura, Hylidae). *Journal of Herpetology* 30: 355–360.

Berneck BM, Segalla MV, Haddad CFB. 2017. A first observation of amplexus in *Aplastodiscus* (Anura; Hylidae). *Herpetology Notes* 10: 351–354.

Bourne GR. 1993. Proximate costs and benefits of mate acquisition at leks of the frog *Ololygon rubra*. *Animal Behaviour* 45: 1051–1059.

Crump ML. 1974. Reproductive strategies in a Tropical Anuran community. *Miscelaneous Publication Kansas University* 61: 1–68.

Crump ML. 2015. Anuran reproductive modes: evolving perspectives. *Journal of Herpetology* 49: 1–16.

Dale J, Dunn PO, Figuerola J, Lislevand T, Székely T, Whittingham LA. 2007. Sexual selection explains Rensch's rule of allometry for sexual size dimorphism. *Proceedings of the Royal Society. B Biological Sciences* 274: 2971–2979.

Darwin CR. 1874. *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*. New York: Appleton and Company.

de Sá FP, Haddad CFB, Gray MM, Verdade VK, Thomé MTC, Rodrigues MT, Zamudio KR. 2019. Male-male competition and repeated evolution of terrestrial breeding in Atlantic Coastal Forest frogs. *Evolution* 74: 459–475.

Faggioni GP, Souza FL, Uetanabaro M, Landgref-Filho P, Prado CPA. 2017. Reproductive biology of the nest building Vizcacheras frog *Leptodactylus bufonius* (Amphibia, Anura, Leptodactylidae), including a description of unusual courtship behaviour. *Herpetological Journal* 27:73–80.

Faivovich J, Haddad CFB, Garcia PC, Frost DR, Campbell JA,Wheeler WC. 2005. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of the American Museum Natural History* 294: 1-240.

Frost DR. 2020. Amphibian species of the world: an online reference. Version 6.0. Available at: http://research.amnh. org/herpetology/amphibia/index.html. Accessed on 10 April 2020.

Furness AI, Capellini I. 2019. The evolution of parental care diversity in amphibians. *Nature Communications*, 10: 1–12.

Gans C. 1975. Tetrapod limblessness: evolution and functional corollaries. *American Zoologist* 15: 455–467.

Gomez-Mestre I, Pyron RA, Wiens JJ. 2012. Phylogenetic analyses reveal unexpected patterns in the evolution of reproductive modes in frogs. *Evolution* 66: 3687–3700.

Grosjean S, Delorme M, Dubois A, Ohler A. 2008. Evolution of reproduction in the Rhacophoridae (Amphibia, Anura). *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 46: 169–176.

Gururaja KV, Dinesh KP, Priti H, Ravikanth G. 2014. Mud-packing frog: a novel breeding behaviour and parental care in a stream dwelling new species of *Nyctibatrachus* (Amphibia, Anura, Nyctibatrachidae). *Zootaxa* 3796: 33–61.

Haddad CFB, Prado CPA. 2005. Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic Forest of Brazil. *Bioscience* 55: 207-217.

Haddad CFB, Faivovichi J, Garcia PCA. 2005. The specialized reproductive mode of the treefrog *Aplastodiscus perviridis* (Anura: Hylidae). *Amphibia-Reptilia* 26: 87–92.

Han X, Fu J. 2013. Does life history shape sexual size dimorphism in anurans? A comparative analysis. *BMC Evolutionary Biology* 13: 1-11.

Hartmann M, Hartmann PA, Haddad CFB. 2010. Reproductive modes and fecundity of an assemblage of anuran amphibians in the Atlantic rainforest, Brazil. *Iheringia. Série Zoologia* 100: 207–215.

Herrel A, Gonwouo LN, Fokam EB, Ngundu WI, Bonneaud C. 2012. Intersexual differences in body shape and locomotor performance in the aquatic frog, *Xenopus tropicalis*. *Journal of Zoology* 287: 311–316.

Heyer W. 1978. Systematics of the *fuscus* group of the frog genus *Leptodactylus* (Ampbibia, Leptodactylidae). *Natural History Museum of Los Angeles County Science Bulletin* 29: 1- 85.

Holm S. 1979. A simple sequentially rejective multiple test procedure. *Scandinavian Journal of Statistics* 6: 65–70.

Howard RD, Kluge AG. 1985. Proximate mechanisms of sexual selection in wood frogs. *Evolution* 39: 260-277.

Iskandar DT, Evans BJ, McGuire JA. 2014. A novel reproductive mode in frogs: a new species of fanged frog with internal fertilization and birth of tadpoles. *PLoS*

One 9: 1–14.

Janicke T, Marie-Orleach L, Aubier TG, Perrier C, Morrow EH. 2019. Assortative mating in animals and its role for speciation. *The Americam Naturalist* 194: 865–875.

Jiang Y, Bolnick DI, Kirkpatrick M. 2013. Assortative mating in animals. *The Americam Naturalist* 181: E125-E138.

John-Alder HB, Cox RM, Taylor EN. 2007. Proximate developmental mediators of sexual dimorphism in size: case studies from squamate reptiles. *Integrative and Comparative Biology* 47: 258–271.

Katsikaros K, Shine R. 1997. Sexual dimorphism in the tusked frog, *Adelotus brevis* (Anura:Myobatrachidae): the roles of natural and sexual selection. *Biological Journal of the Linnean Society* 60: 39–51.

Kupfer A. 2009. Sexual size dimorphism in caecilian amphibians: analysis, review and directions for future research. *Zoology* 112: 362–369.

Kusrini MD, Rowley JJL, Khairunnisa LR, Shea GM, Altig R. 2015. The reproductive biology and larvae of the first tadpole-bearing frog, *Limnonectes larvaepartus*. *PLoS One* 10: 1–9.

Littleford-Colquhoun BL, Clemente C, Thompson G, Cristescu RH, Peterson N, Strickland K, Stuart-Fox D, Frere CH. 2019. How sexual and natural selection shape sexual size dimorphism: evidence from multiple evolutionary scales. *Functional Ecology* 33: 1446–1458.

Lovich JE, Gibbons JW. 1992. A review of techniques for quantifying sexual size dimorphism . *Growth Development and Aging* 56: 269–281.

Lu X, Chen W, Zhang L, Ma X. 2010. Mechanical constraint on size-assortative paring success in a temperate frog: an experimental approach. *Behavioural Processes* 85: 181–184.

Lucas EM, Brasileiro CA, Oyamaguchi HM, Martins M. 2008. The reproductive ecology of *Leptodactylus fuscus* (Anura, Leptodactylidae): new data from natural temporary ponds in the Brazilian Cerrado and a review throughout its distribution. *Journal of Natural History* 42: 2305–2320.

Maddison WP, Maddison DR. 2018. Mesquite: a modular system for evolutionary analysis. Version 3.51. Accessible at: http://www.mesquiteproject.org.

Magnusson WE, Hero JM. 1991. Predation and the evolution of complex oviposition behaviour in Amazon rainforest frogs. *Oecologia* 86:310-318.

McInerney JO, Pisani D, Bapteste E, O'Connell MJ. 2011. The public goods hypothesis for the evolution of life on Earth. *Biology Direct* 6: 1–17.

Miles DB, Sinervo B, Frankino WA. 2000. Reproductive burden, locomotor performance, and the cost of reproduction in free ranging lizards. *Evolution* 54: 1386–1395.

Monnet JM, Cherry MI. 2002. Sexual size dimorphism in anurans. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences* 269: 2301–2307.

Murphy PJ. 2003. Context-dependent reproductive site choice in a Neotropical frog. *Behavioral Ecology* 14: 626-633.

Nali RC, Zamudio KR, Haddad CFB, Prado CPA. 2014. Size-dependent selective mechanisms on males and females and the evolution of sexual size dimorphism in frogs. *The Americam Naturalist* 184: 727–740.

Oparin AI. 1957. *The Origin of Life on the Earth*. New York: Academic.

Oufiero CE, Garland T. 2007. Evaluating performance costs of sexually selected traits. *Functional Ecology* 21: 676–689.

Pereira EB, Collevatti RG, Kokubum MNC, Miranda NEO, Maciel NM. 2015. Ancestral reconstruction of reproductive traits shows no tendency toward terrestriality in leptodactyline frogs. *BMC Evolutionary Biology* 15: 91.

Pinheiro J, Bates D, DebRoy S, Sarkar D, R Core team. 2019*. nlme: linear and nonlinear mixed effects models.* R package version 3.1-142. Available at: https://CRAN.R-project.org/package=nlme.

Prado CPA, Haddad CFB. 2005. Size-fecundity relationships and reproductive investment in female frogs in the Pantanal, south-western Brazil. *The Herpetological Journal* 15: 181–189.

Prado CPA, Uetanabaro M, Haddad CFB. 2005. Breeding activity patterns , reproductive modes, and habitat use by anurans. *Amphibia-Reptilia* 26: 211–221.

Pupin NC, Gasparini JL, Bastos RP, Haddad CFB, Prado CPA. 2010. Reproductive biology of an endemic *Physalaemus* of the Brazilian Atlantic Forest, and the trade-of between clutch and egg size in terrestrial breeders of the *P. signifer* group. *The Herpetological Journal* 20: 147–156.

Pyron RA, Wiens JJ. 2011. A large-scale phylogeny of Amphibia including over 2800 species, and a revised classification of extant frogs, salamanders, and caecilians.

Molecular Phylogenetics and Evolution 61: 543–583.

R Core Team, 2019. R: A language and environment for statistical computing (Version 3.5.3) Vienna, Austria.

Reeve JP, Fairbairn DJ. 1999. Change in sexual size dimorphism as a correlated response to selection on fecundity. *Heredity* 83: 697–706.

Revell LJ. 2012. *phytools*: an R package for phylogenetic comparative biology (and other things). *Methods in Ecology and Evolution* 3: 217–223.

Robertson JGM. 1990. Female choice increases fertilization success in the Australian frog, *Uperoleia laevigata. Animal Behaviour* 39: 639–645.

Sadleir R. 1973*. The Reproduction of Vertebrates*. New York: Academic.

Salthe SN, Duellman WE. 1973. Quantitative constraints associated with reproductive mode in anurans. In: Savage JM, Vial JL, eds. *Evolutionary biology of the anurans: contemporary research on major problems*. Columbia: University of Missouri Press, 110–133.

Schoch RR. 2014. *Amphibian Evolution: The Life of Early Land Vertebrates*. New Jersey: Wiley-Blackwell.

Seigel RA., Huggins MM, Ford NB. 1987. Reduction in locomotor ability as a cost of reproduction in gravid snakes. *Oecologia* 73: 481–485.

Shine R. 1979. Sexual selection and sexual dimorphism in the Amphibia. *Copeia* 297-306.

Shine R. 1988. Constraints on reproductive investment : acomparison between aquatic and terrestrial snakes. *Evolution* 42: 17–27.

Shine R. 1989. Ecological causes for the evolution of sexual dimorphism: a review of the evidence. *The Quarterly Review of Biology* 64: 419–461.

Shine R. 1992. Relative clutch mass and body shape in lizards and snakes: is reproductive investment constrained or optimized? *Evolution* 46: 828-833.

Shine R, Keogh S, Doughty P, Giragossyan H. 1998. Costs of reproduction and the evolution of sexual dimorphism in a “flying lizard” *Draco melanopogon* (Agamidae). *Journal of Zoology* 246: 203–213.

Shine R. 2003. Effects of pregnancy on locomotor performance: an experimental study on lizards. *Oecologia* 136: 450–456.

Shine R. 2005. Life-history evolution in reptiles. *Annual Review of Ecology, Evolution and Systematics* 36: 23–46.

Silva NR, Neto JA, Prado CPA, Mott T. 2019. Reproductive biology of *Dendropsophus haddadi* (Bastos & Pombal, 1994), a small treefrof of the Atlantic forest. *Herpetology Notes* 12: 319-325.

Smith RJ. 1999. Statistics of sexual size dimorphism. *Journal of Human Evolution*, 36: 423–458.

Stearns SC. 1977. The evolution of life history traits: acritique of the theory and a review of the data. *Annual Review of Ecology and Systematics*, 8: 145–171.

Torres-Cervantes R, Ramírez-Bautista A, Berriozabal-Islas C, Cruz-Elizalde R, Hernández-Salinas U. 2019. Morphology and reproductive patterns of an assemblage of anurans from the Chihuahuan desert region, Mexico. *Journal of Arid Environments* 165: 28–33.

Touchon JC, Warkentin KM. 2008. Reproductive mode plasticity: aquatic and terrestrial oviposition in a treefrog. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 105: 7495–7499.

Touchon JC, Worley JL, 2015. Oviposition site choice under conflicting risks demonstrates that aquatic predators drive terrestrial egg-laying. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences* 282: 20150376.

Vági B, Végvári Z, Liker A, Freckleton RP, Székely T. 2019. Parental care and the evolution of terrestriality in frogs. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences* 286: 20182737.

Vitt LJ. 1981. Lizard reproduction: habitat specificity and constraints on relative clutch mass. *The American Naturalist* 117: 506–514.

Wells KD. 1977. The social behaviour of anuran amphibians. *Animal Behaviour* 25: 666–693.

Wells KD. 2007. *The Ecology and Behavior of Amphibians*. Chicago: University of Chicago.

Wickham H. 2016. *ggplot2: elegant graphics for data analysis.* New York: Springer-Verlag.

Zamudio KR, Bell RC, Nali RC, Haddad CFB, Prado CPA. 2016. Polyandry, predation, and the evolution of frog reproductive modes. *The American Naturalist* 188: S41–S61.

TABLE

Table 1. Mean, standard deviation (SD) and range of sexual dimorphism index (SDI) for anurans and hylids in the four categories of oviposition sites. Species with SDI < 1 have female-biased dimorphism, and SDI >1 have male-biased dimorphism.

	SDI Anura			SDI Hylidae		
Oviposition site	Mean	SD	Range	Mean	SD	Range
Aquatic	0.86	0.11	0.56 – 1.43	0.86	0.10	0.58 – 1.17
Arboreal	0.83	0.08	0.66 – 1.04	0.82	0.08	0.66 – 1.04
Hidden	0.94	0.09	0.72 – 1.14	0.96	0.10	0.72 – 1.15
Terrestrial	0.84	0.10	0.65 – 1.02	NA	NA	NA

FIGURES

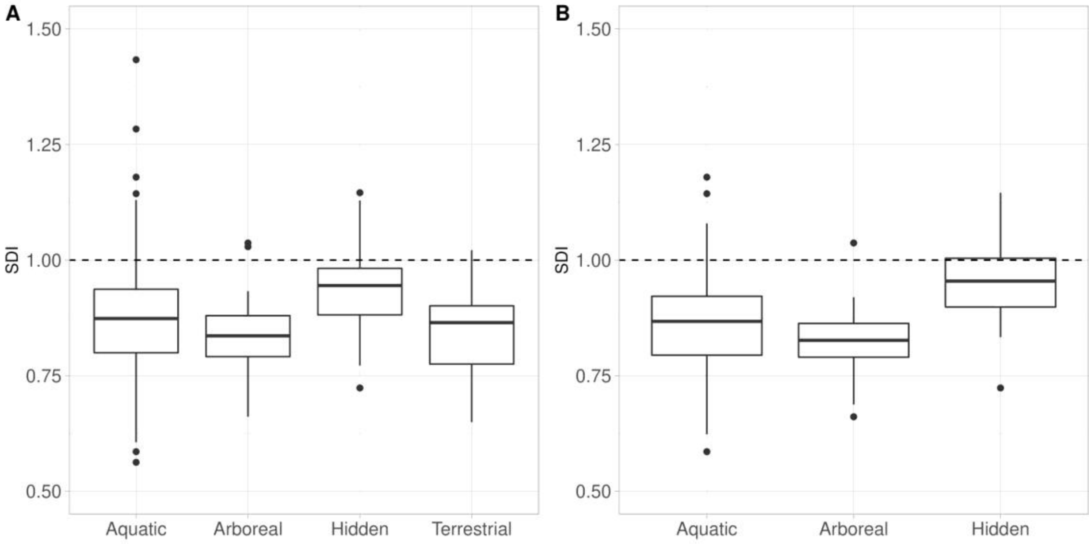


Figure 1. Boxplots showing the differences in sexual dimorphism index (SDI) among oviposition site categories for (A) 385 anuran species from 32 families, with aquatic, arboreal, hidden, and terrestrial clutches, and (B) 221 hylid species, with aquatic, arboreal, and hidden clutches. Species with SDI < 1 have female-biased dimorphism, those with SDI >1 have male-biased dimorphism, and the dashed lines indicate males and females with equal body sizes (SDI = 1). Overall Phylogenetic ANOVAs were not significant for either A or B, but the post hoc simulation showed differences between aquatic and hidden species in B (see text for details).

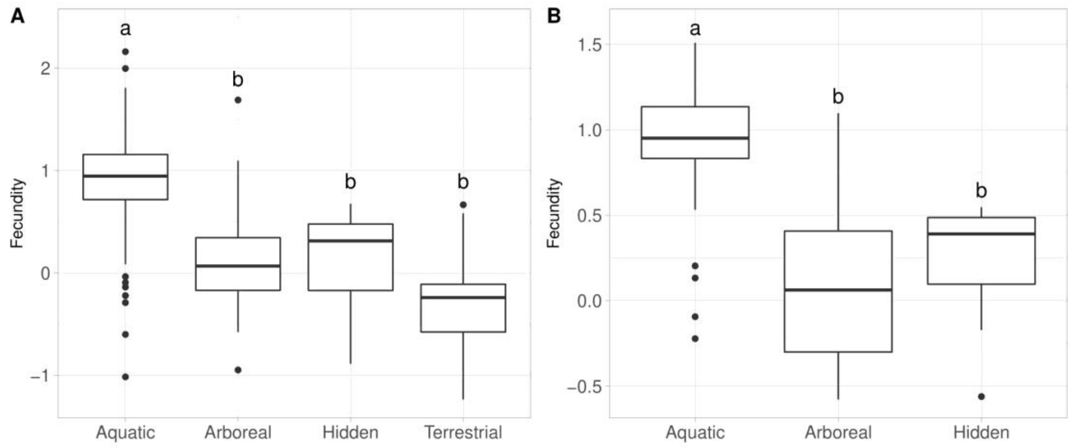


Figure 2. Boxplots showing the differences in the residuals of number of eggs per clutch relative to female body size (proxy for fecundity) among oviposition site categories for (A) 236 anuran species in 32 families, with aquatic, arboreal, hidden and terrestrial reproduction, and (B) 103 hylid species, with aquatic, arboreal and hidden reproduction. Letters above each boxplot indicate statistical significance under a phylogenetic ANOVA with post hoc simulations (see text for details).

SUPPORTING INFORMATION

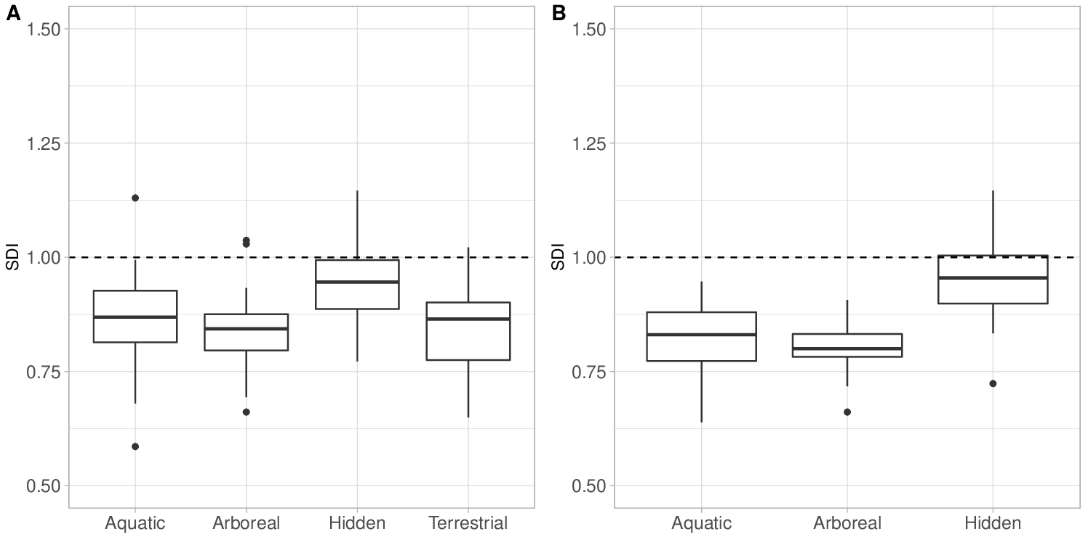
Supplemental Analyses

To account for possible biases in our analyses of SDI due to different sample sizes in oviposition site categories, we conducted additional phylogenetic ANOVAs. Please refer to the main article for details of the analyses and software references.

For Anura, the oviposition site category with fewer observations was terrestrial (N = 31), so we randomly sampled 31 species for each of the other three categories (aquatic, arboreal and hidden) by using the function *sample* in the R software. We then pruned the tree accordingly in the software Mesquite and ran the phylogenetic ANOVA with this reduced dataset. The phylogenetic ANOVA remained non-significant in this analysis, i.e., SDI was similar among all oviposition site categories (F = 9.12, P = 0.079). The post hoc tests indicated a difference between aquatic vs. hidden ($P < 0.05$), different from the main analysis. However, this tendency was already reported in the main article (species with hidden oviposition sites with higher SDI values). Thus, our interpretations did not change.

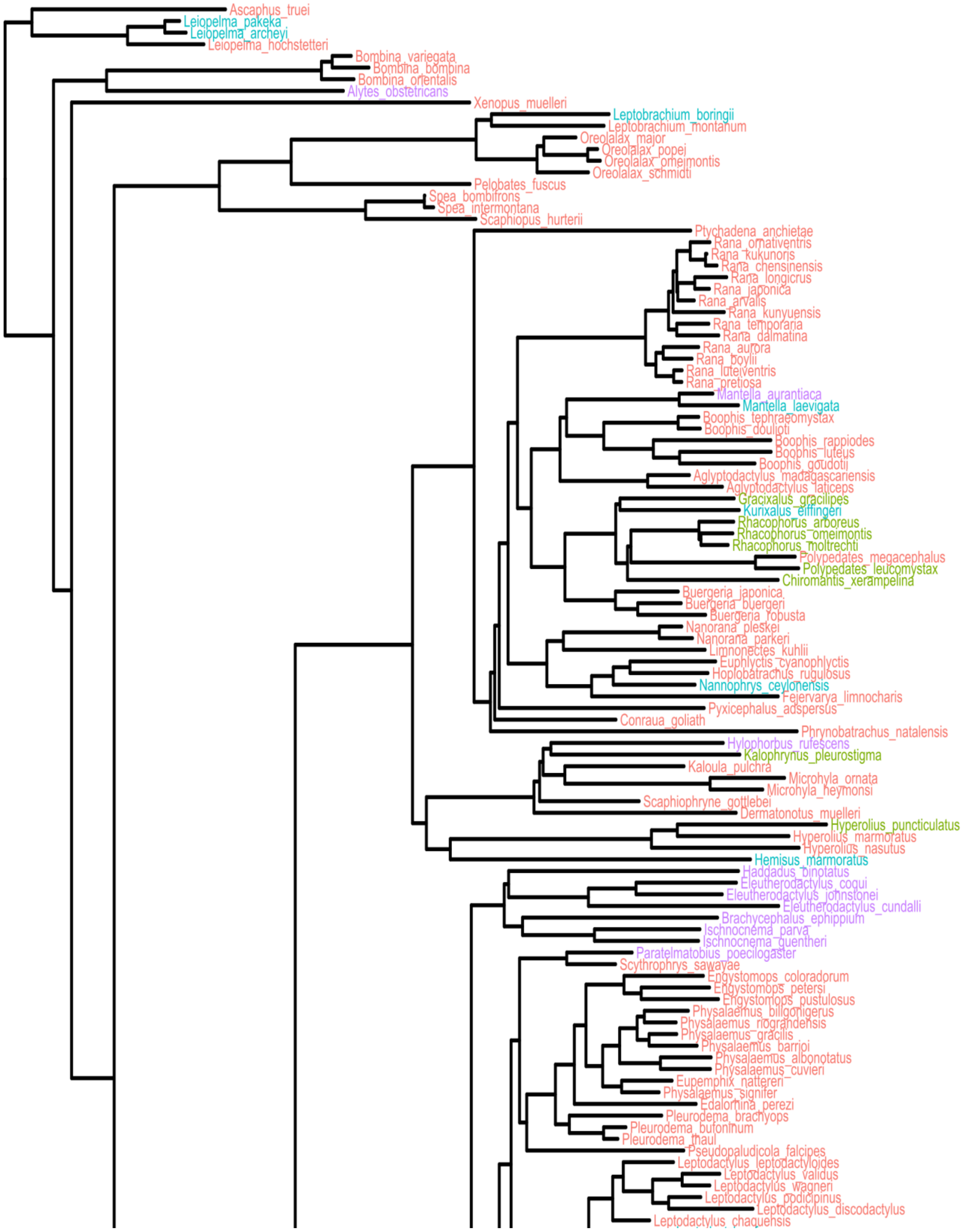
For Hylidae, the oviposition site category with fewer observations was hidden (N = 16), so we did the same procedure as described above for the other two categories (aquatic and arboreal). Post hoc tests indicated the same difference found in the main analysis (aquatic vs. hidden; $P < 0.05$). The overall phylogenetic ANOVA was significant (F = 16.29, $P < 0.05$), different from the main analysis in the article. However, since the post hoc differences were the same, our interpretations did not change.

The figure below shows the comparison of SDI among species with different oviposition sites in Anura (A) and Hylidae (B) and is comparable to our results shown in Figure 1 in the main article.



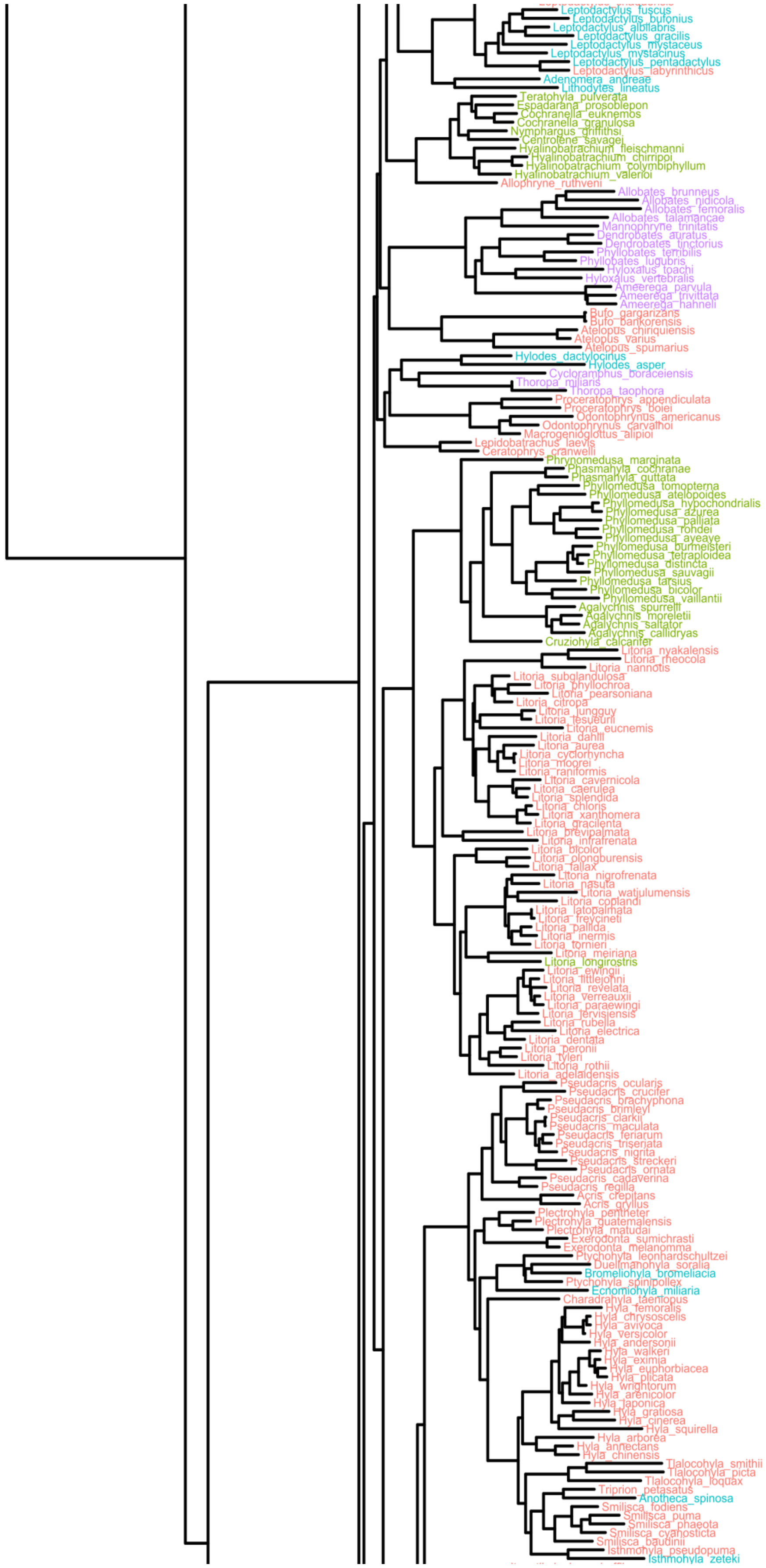
The 124 species selected in the Anura analysis in alphabetical order were: *Adenomera andreae, Agalychnis saltator, Agalychnis spurrelli, Allobates brunneus, Allobates femoralis, Allobates nidicola, Allobates talamancae, Alytes obstetricans, Ameerega hahneli, Ameerega parvula, Ameerega trivittata, Aplastodiscus arildae, Aplastodiscus cochranae, Aplastodiscus leucopygius, Aplastodiscus perviridis, Ascaphus truei, Boana crepitans, Boana heilprini, Boana lundii, Boana raniceps, Bokermannohyla martinsi, Bombina variegata, Brachycephalus ephippium, Bromeliohyla bromeliacia, Buergeria buergeri, Chiromantis xerampelina, Corythomantis greeningi, Cruziohyla calcarifer, Cycloramphus boraceiensis, Dendrobates auratus, Dendrobates tinctorius, Dendropsophus branneri, Dendropsophus brevifrons, Dendropsophus leucophyllatus, Dendropsophus robertmertensi, Dendropsophus sarayacuensis, Ecnomiohyla miliaria, Eleutherodactylus coqui, Eleutherodactylus cundalli, Eleutherodactylus johnstonei, Exerodonta melanomma, Exerodonta sumichrasti, Haddadus binotatus, Hemisus marmoratus, Hoplobatrachus rugulosus, Hyalinobatrachium chirripoi, Hyalinobatrachium colymbiphyllum, Hyalinobatrachium fleischmanni, Hyla arenicolor, Hylodes asper, Hylodes dactylocinus, Hylophorbus rufescens, Hyloxalus toachi, Hyloxalus vertebralis, Hyperolius puncticulatus, Ischnocnema guentheri, Ischnocnema parva, Isthmohyla zeteki, Kurixalus eiffingeri, Leiopelma archeyi, Leiopelma pakeka, Leptobrachium boringii, Leptodactylus bufonius, Leptodactylus discodactylus, Leptodactylus fuscus, Leptodactylus gracilis, Leptodactylus mystaceus, Leptodactylus mystacinus, Leptodactylus pentadactylus, Lithodytes lineatus, Litoria dentata, Litoria electrica, Litoria fallax, Litoria longirostris, Litoria* *nannotis, Litoria peronii, Litoria watjulumensis, Mannophryne trinitatis, Mantella aurantiaca, Mantella laevigata, Metacrinia nichollsi, Mixophyes fasciolatus, Myobatrachus gouldii, Nannophrys ceylonensis, Nyctimantis rugiceps, Nymphargus griffithsi, Osteopilus septentrionalis, Osteopilus wilderi, Paratelmatobius poecilogaster, Phasmahyla cochranae, Phasmahyla guttata, Phrynomedusa marginata, Phyllobates lugubris, Phyllobates terribilis, Phyllodytes luteolus, Phyllomedusa atelopoides, Phyllomedusa ayeaye, Phyllomedusa azurea, Phyllomedusa bicolor, Phyllomedusa distincta, Phyllomedusa hypochondrialis, Phyllomedusa rohdei, Phyllomedusa sauvagii, Phyllomedusa tetraploidea, Phyllomedusa tomopterna, Phyllomedusa vaillantii, Physalaemus albonotatus, Physalaemus riograndensis, Polypedates leucomystax, Pseudacris cadaverina, Pseudacris clarkii, Pseudacris crucifer, Rana japonica, Rana ornativentris, Rhacophorus moltrechti, Rhacophorus omeimontis, Scinax elaeochroa, Smilisca puma, Sphaenorhynchus lacteus, Stefania evansi, Thoropa miliaris, Thoropa taophora, Trachycephalus resinifictrix, Xenohyla truncata*.

The 48 species selected in the Hylidae analysis in alphabetical order were: *Agalychnis saltator, Anotheca spinosa, Aplastodiscus arildae, Aplastodiscus cochranae, Aplastodiscus leucopygius, Aplastodiscus perviridis, Boana heilprini, Boana pardalis, Boana rufitelus, Boana semilineata, Bokermannohyla martinsi, Bromeliohyla bromeliacia, Cruziohyla calcarifer, Dendropsophus branneri, Dendropsophus leucophyllatus, Dendropsophus marmoratus, Dendropsophus sarayacuensis, Dendropsophus triangulum, Ecnomiohyla miliaria, Hyla avivoca, Isthmohyla zeteki, Litoria adelaidensis, Litoria citropa, Litoria cyclorhyncha, Litoria dahlii, Litoria littlejohni, Litoria nasuta, Litoria nigrofrenata, Nyctimantis rugiceps, Osteopilus crucialis, Osteopilus marianae, Osteopilus vastus, Osteopilus wilderi, Phrynomedusa marginata, Phyllodytes luteolus, Phyllomedusa bicolor, Phyllomedusa burmeisteri, Phyllomedusa distincta, Phyllomedusa hypochondrialis, Phyllomedusa rohdei, Phyllomedusa sauvagii, Phyllomedusa tarsius, Phyllomedusa tomopterna, Phyllomedusa vaillantii, Pseudacris clarkii, Ptychohyla spinipollex, Scinax ruber, Trachycephalus resinifictrix.*

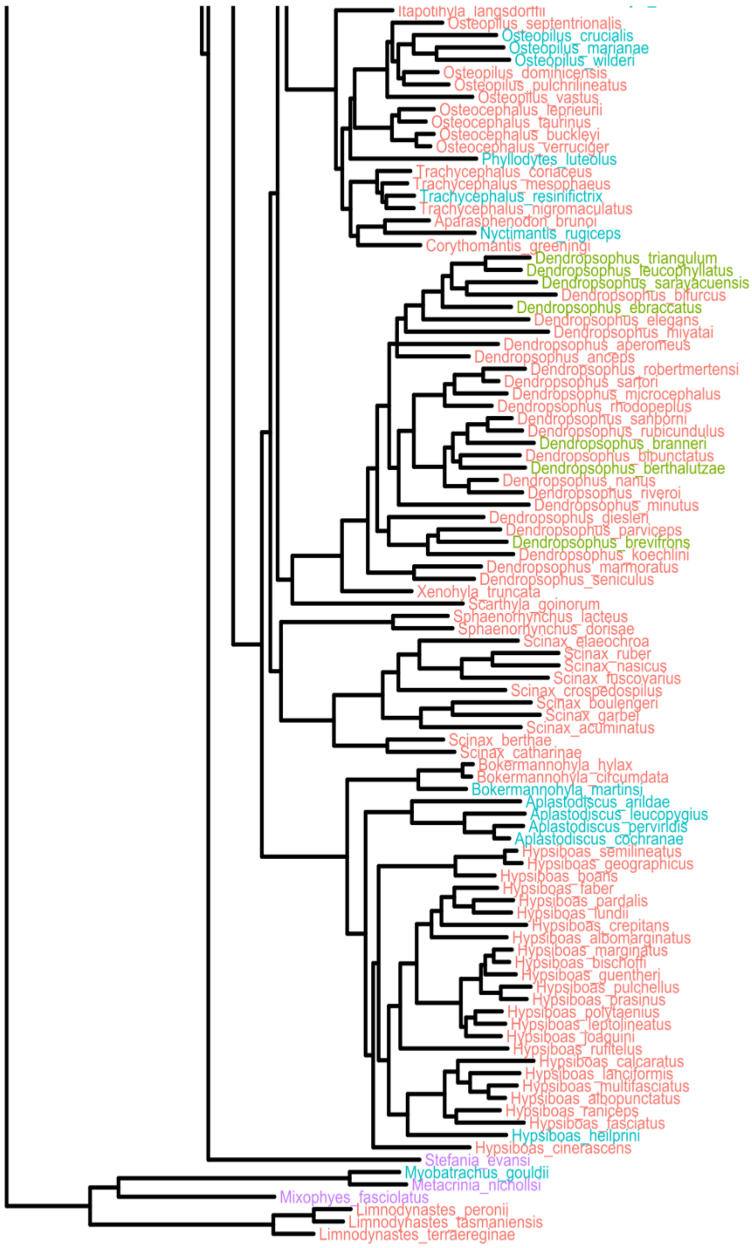


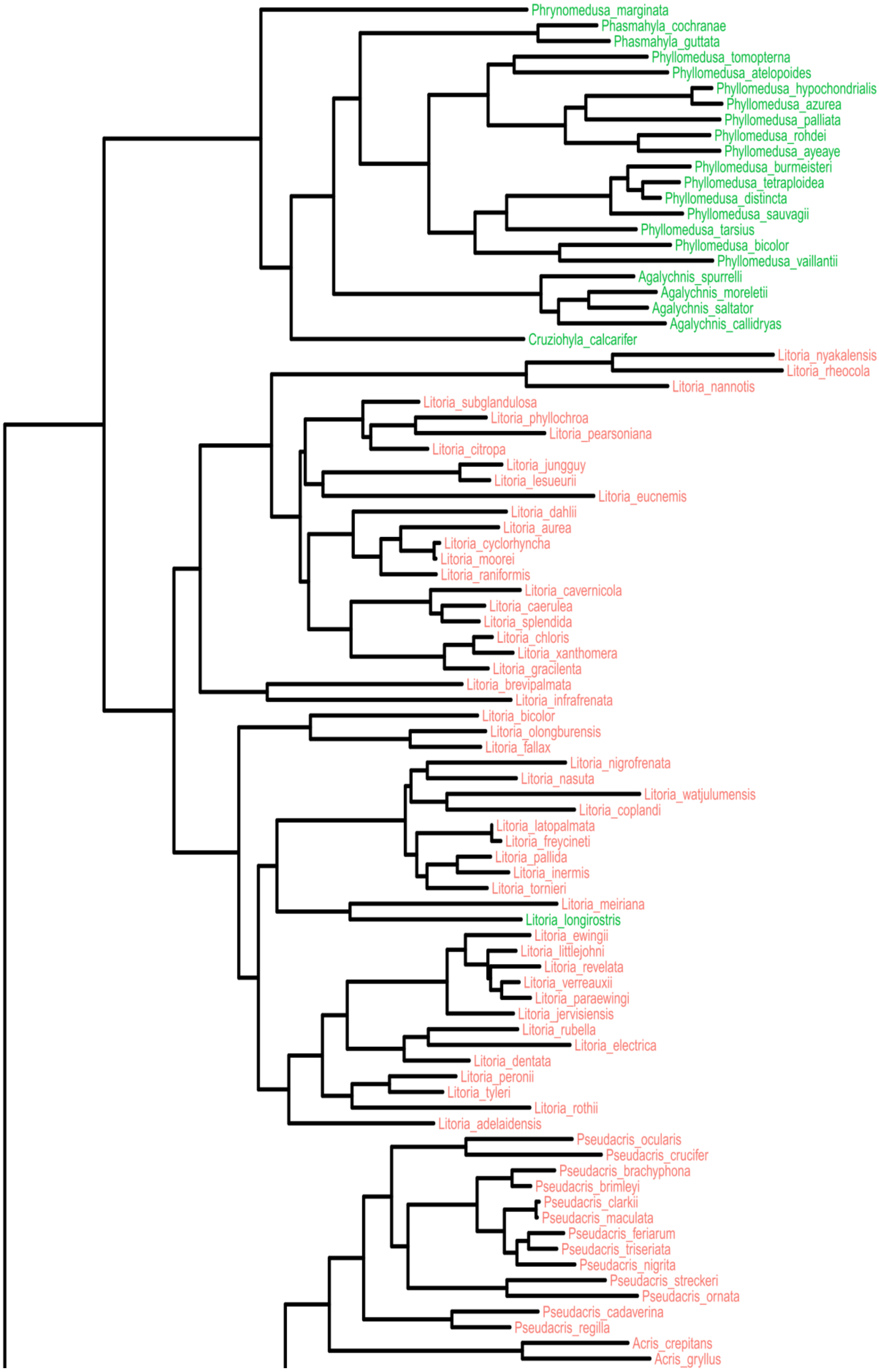
Supplemental Figure 1. Phylogeny of Anura extracted from Pyron & Wiens (2011) used in this study, with colored species according to spawning sites. Pink = aquatic; green = arboreal; blue = hidden; lilac = terrestrial.

Supplemental Figure 1. (continued).



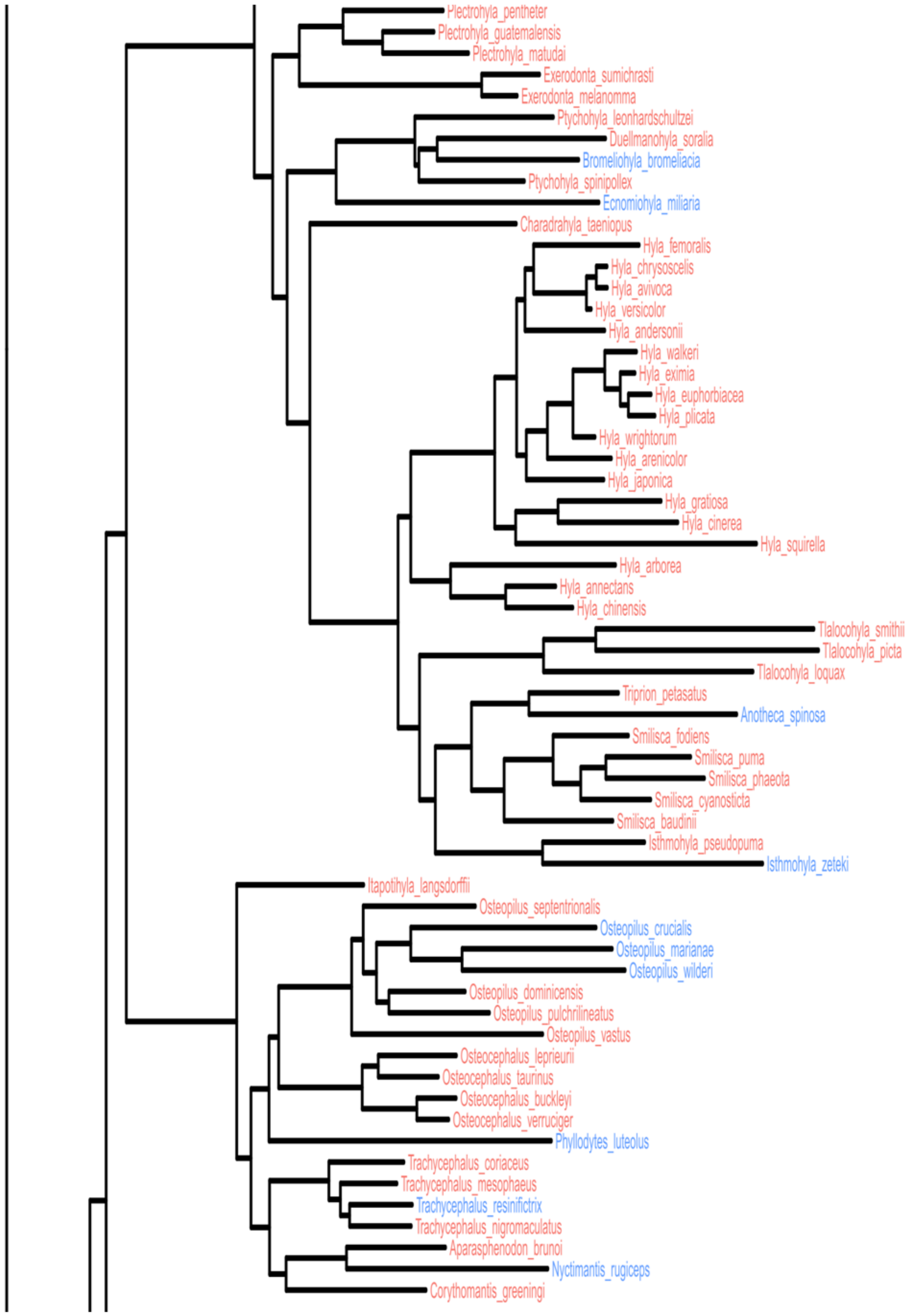
Supplemental Figure 1. (continued).



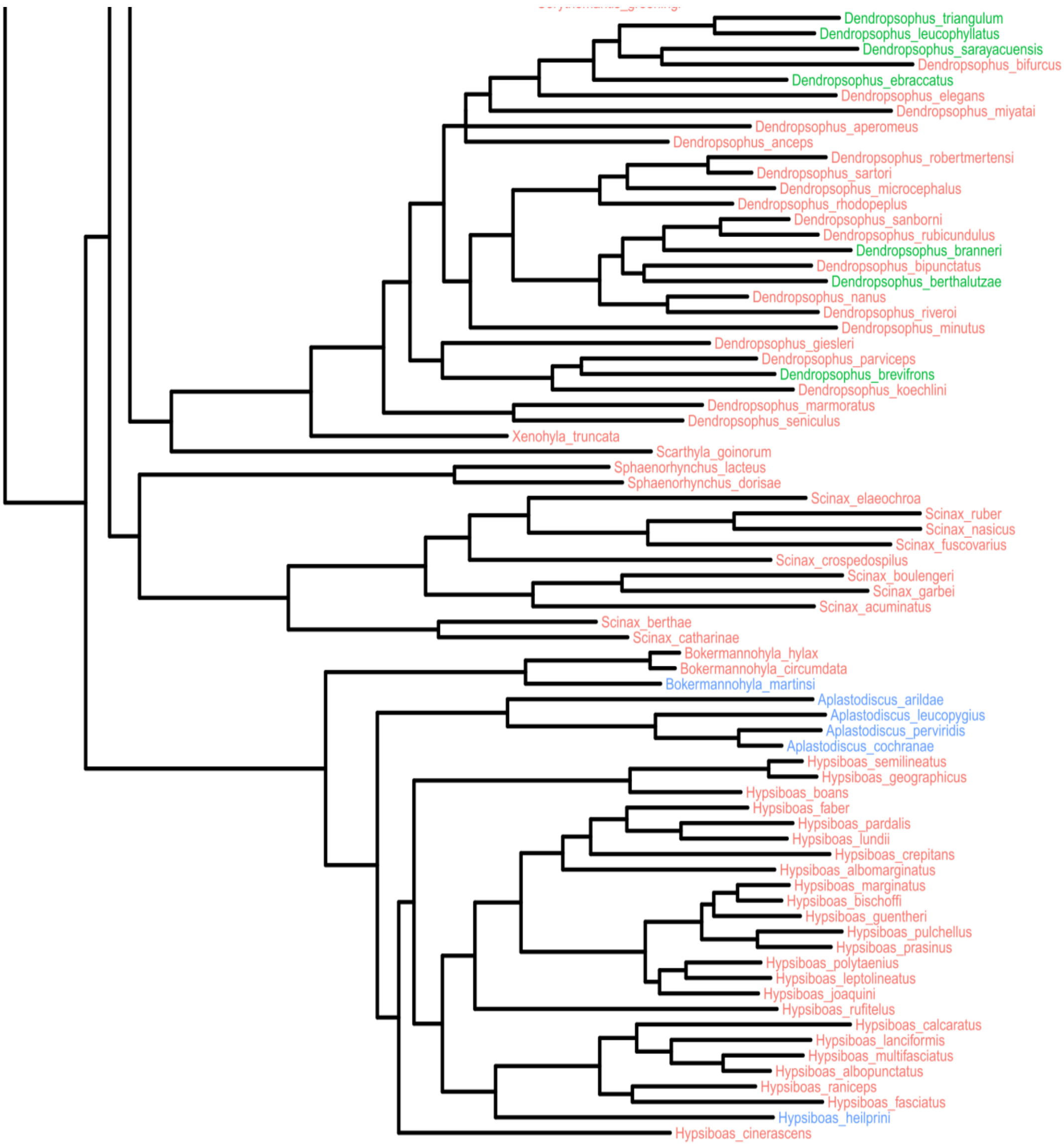


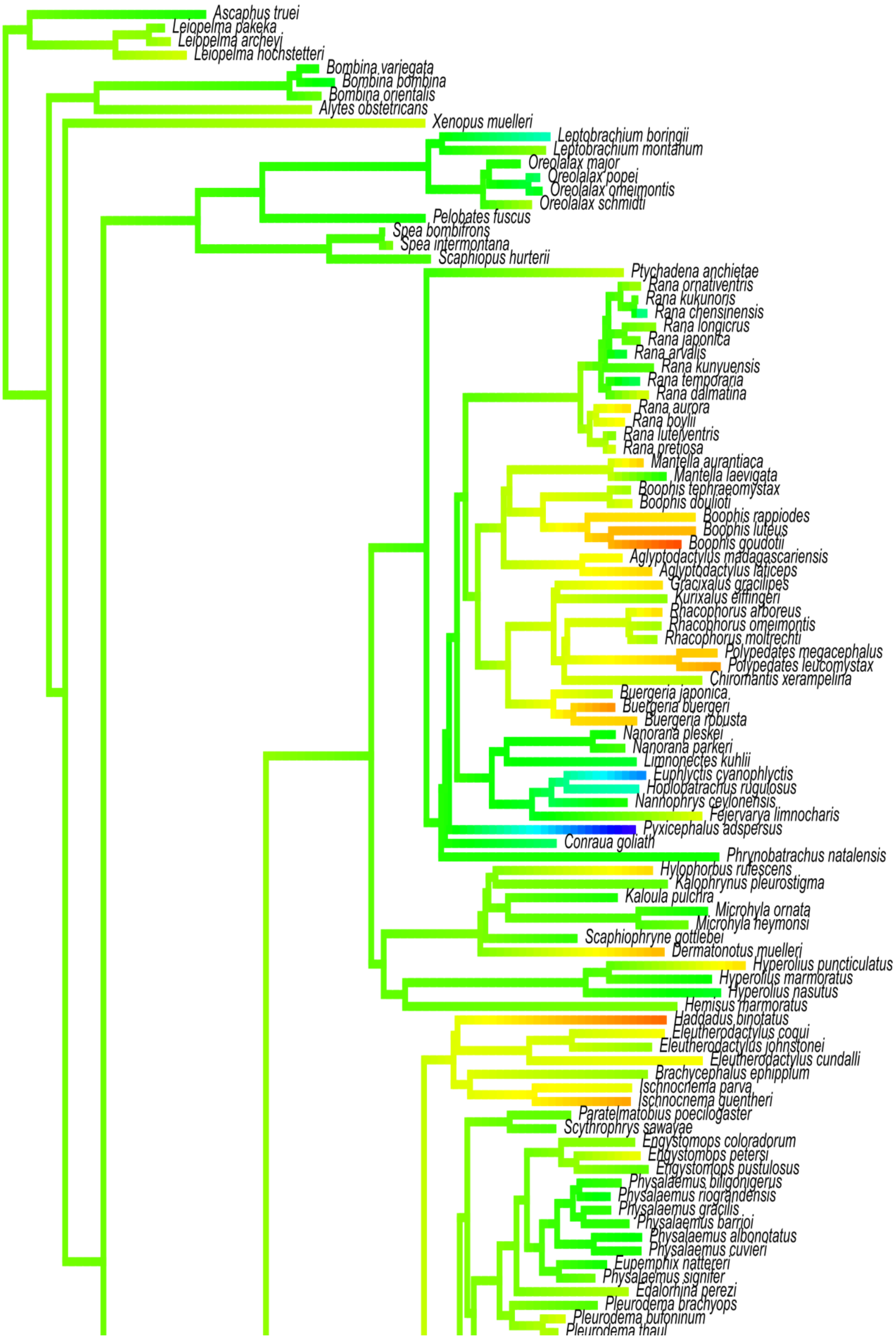
Supplemental Figure 2. Phylogeny of Hylidae extracted from Pyron & Wiens (2011) used in this study, with colored species according to spawning sites. Pink = aquatic; green = arboreal; blue = hidden

Supplemental Figure 2. (continued).



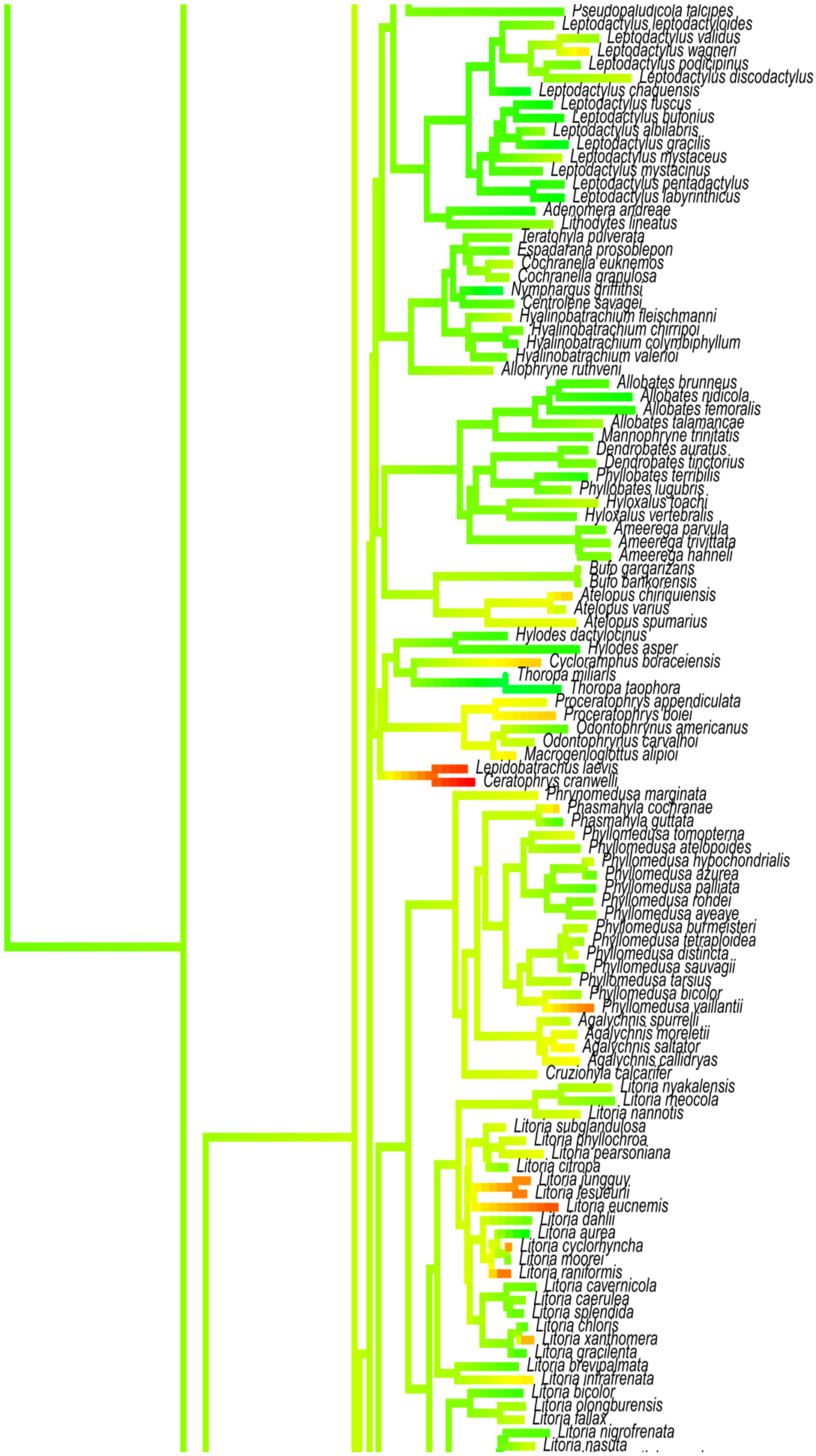
Supplemental Figure 2 (continued).





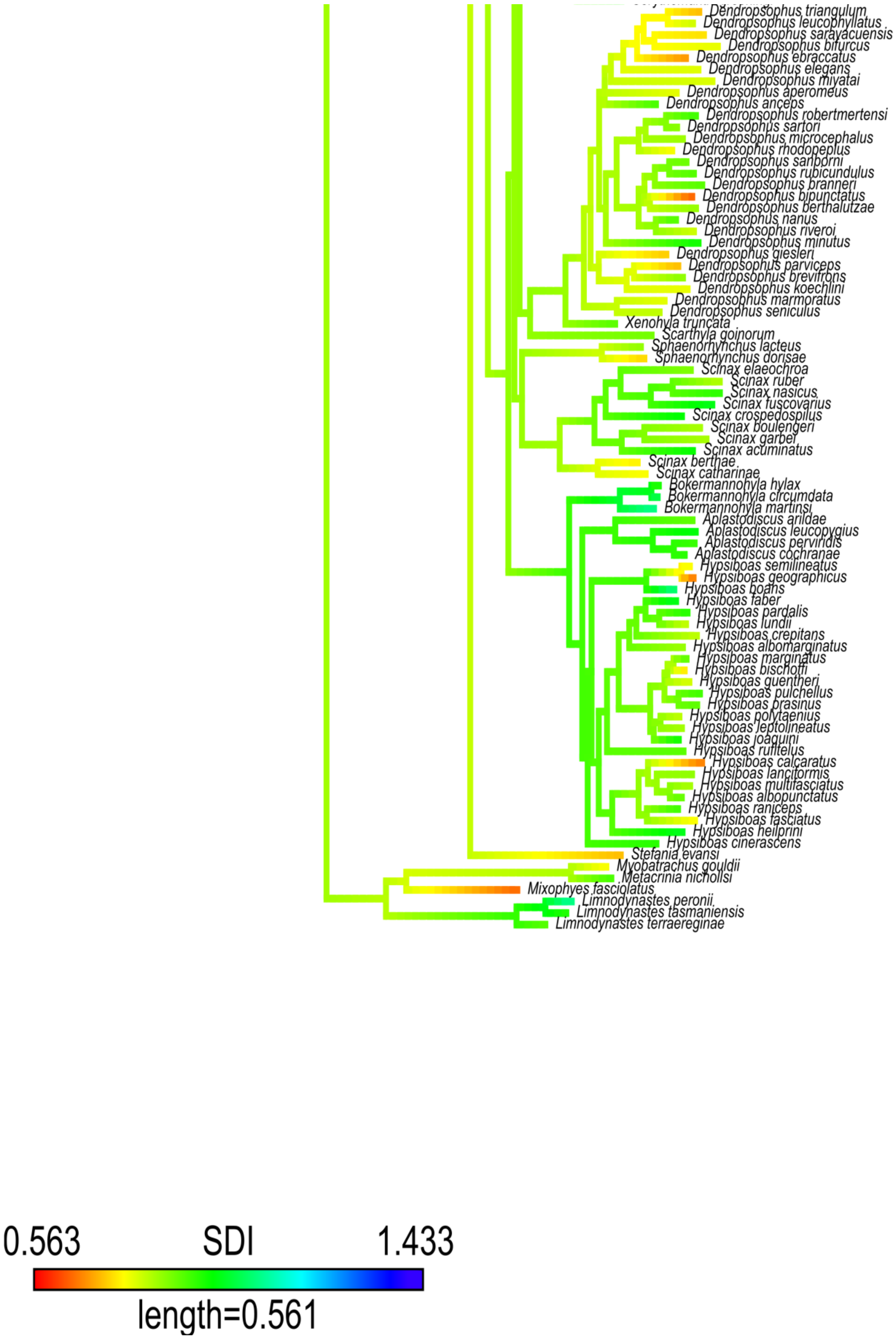
Supplemental Figure 3. Phylogeny of Anura extracted from Pyron & Wiens (2011) used in this study, with colored branches according to sexual dimorphism index (SDI; legend at the end of the figure).

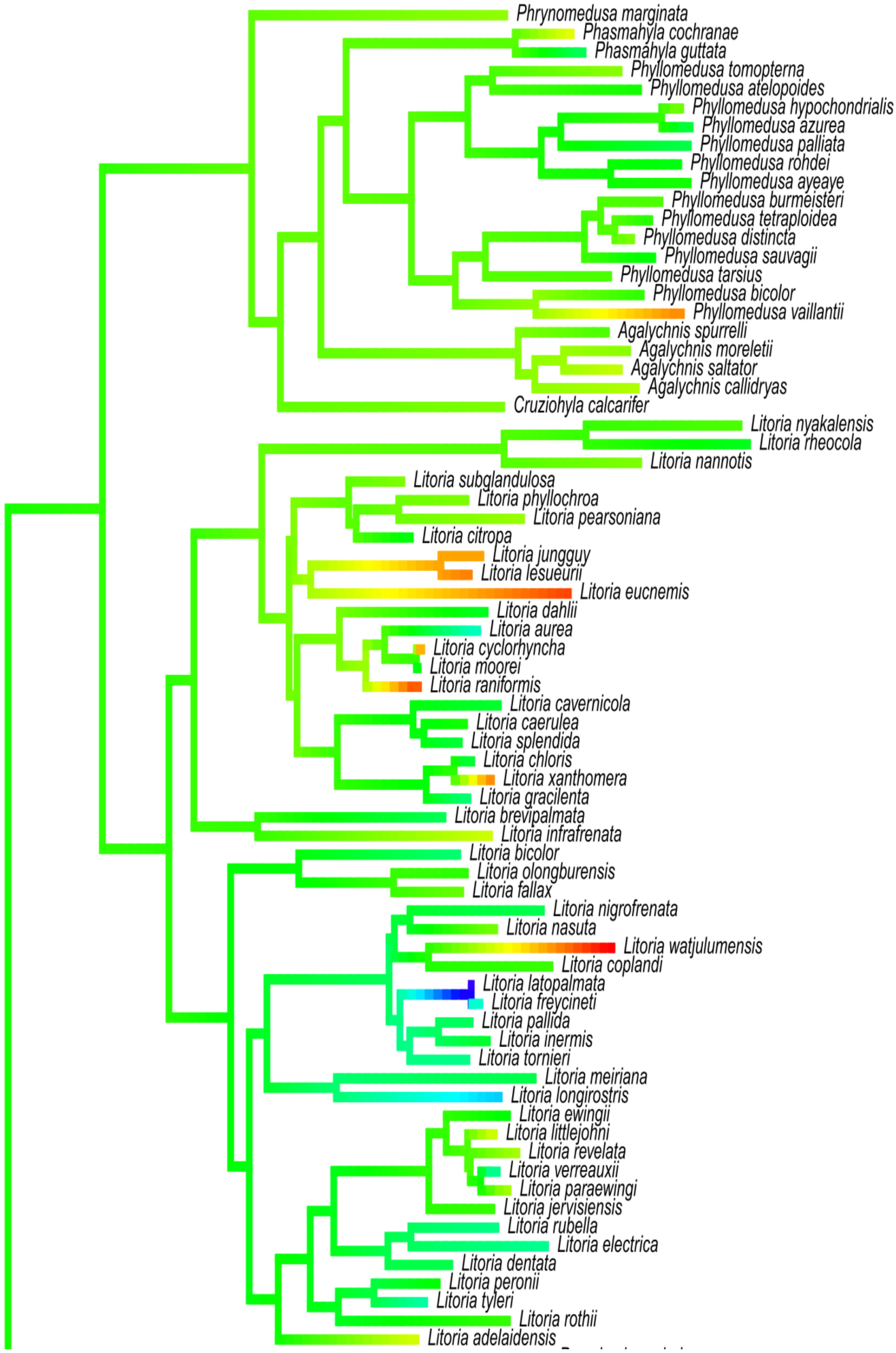
Supplemental Figure 3. (continued).



Supplemental Figure 3. (continued).

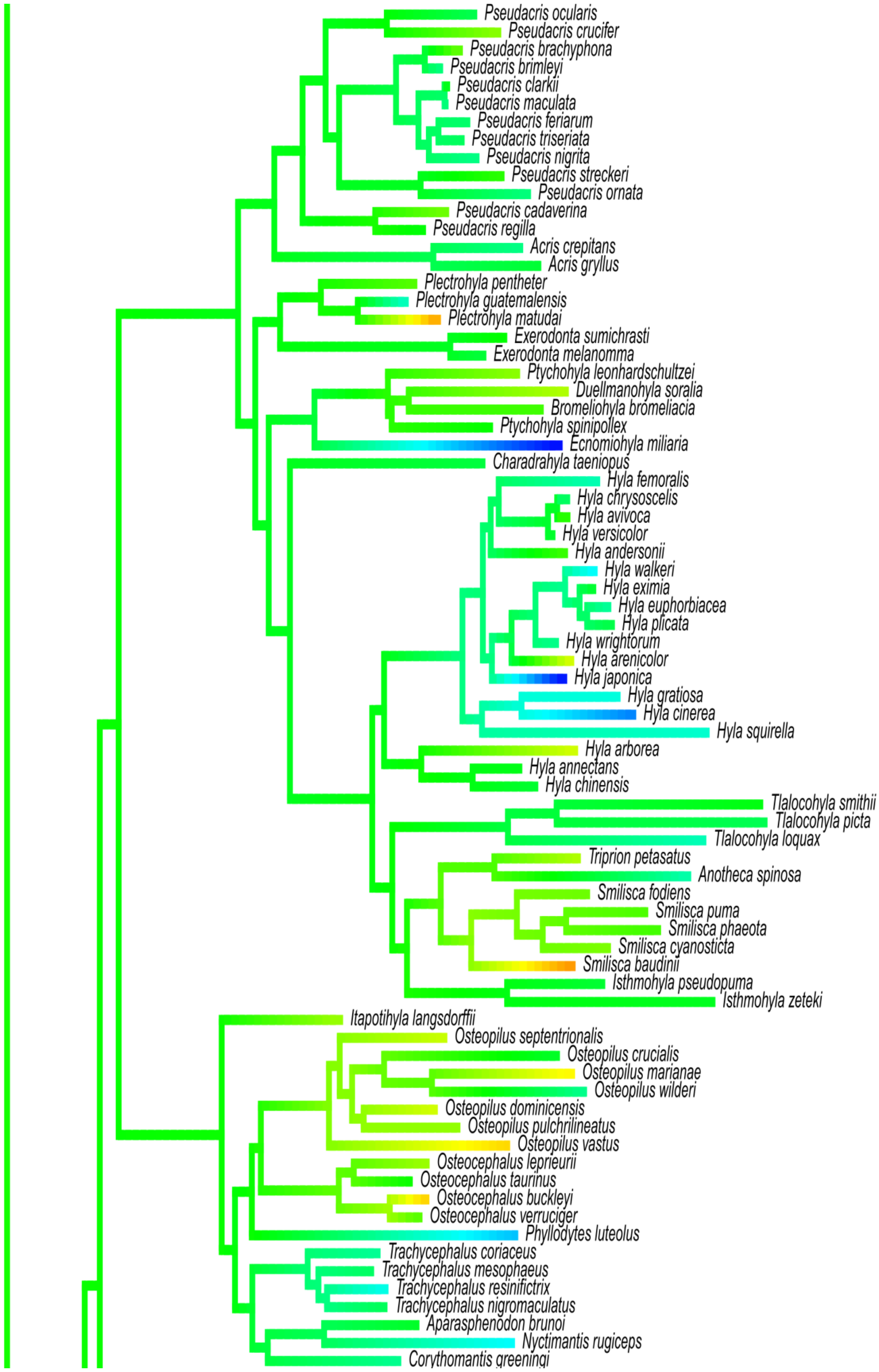
Supplemental Figure 3. (continued).



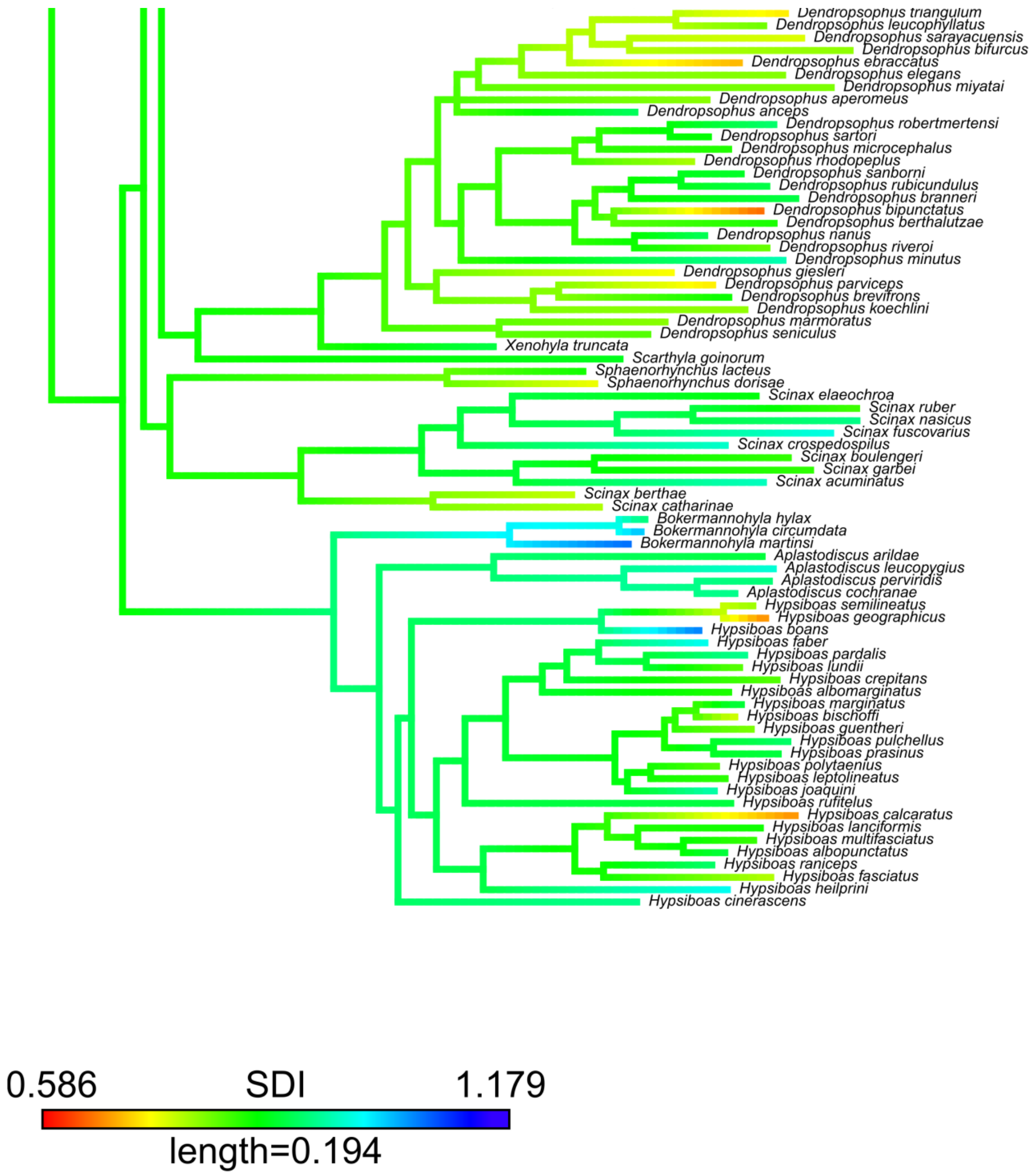


Supplemental Figure 4. Phylogeny of Hylidae extracted from Pyron & Wiens (2011) used in this study, with colored branches according to sexual dimorphism index (SDI; legend at the end of the figure).

Supplemental Figure 4. (continued).



Supplemental Figure 4. (continued).



Supplemental Tables 1 and 2

Supplemental Table 1. Complete dataset used in this study, with abbreviated references on the table and complete references at the end. Male SVL, female SVL and egg size/oocyte diameter are expressed in mm; *species with direct development.

Family	Species	Male SVL (mm)	Female SVL (mm)	Egg size / oocyte diameter (mm)	N eggs per clutch / N oocytes per female	Oviposition site	References
Allophrynidae	*Allophryne ruthveni*	22.6	27		300	aquatic	Duellman, 1997; Gottsberger and Gruber, 2004; La Marca et al, 2004
Alytidae	*Alytes obstetrican*	41.74	49.69		63.67	terrestrial	Stewart, 1967
Bombinatoridae	*Bombina orientalis*	42.1	47	2.29	165	aquatic	Márquez et al., 1997; Márquez, 1992; Ribeiro and Rebelo, 2011; Bosch and Boyero, 2004
Bombinatoridae	*Bombina bombina*	34.7	34.9	1.49	190	aquatic	Okada, 1966; Kuzmin, 1999; Kaplan, 1989; Kaplan, 1992
Bombinatoridae	*Bombina variegata*	41.7	43.48	1.99	72	aquatic	Kuzmin, 1999; Wells, 1977; Bülbül et al., 2018b; Bülbül et al., 2018C; Rafin´ska, 1991
Brachycephalidae	*Ischnocnema guentheri*	25.53	36.64		35	terrestrial*	Giasson, 2008; Haddad, 1991; Giaretta and Facure, 2008; Lutz, 1947
Brachycephalidae	*Ischnocnema parva*	15.67	19.86	1.1	20	terrestrial*	Giasson, 2008; Giaretta and Facure, 2008; Martins et al., 2010
Brachycephalidae	*Brachycephalus ephippium*	14.33	16.66	5.1	5	terrestrial*	Pombal-Jr, 1992; Pombal Jr et al., 1994
Bufonidae	*Atelopus spumarius*	27.5	35			aquatic	Rodriguez and Duellman, 1994; Jorge, 2014
Bufonidae	*Atelopus varius*	33	40.5		950	aquatic	Savage, 2002; Crump, 1988; Pounds and Crump, 1987
Bufonidae	*Atelopus chiriquiensis*	31	42.5	2.5	364	aquatic	Savage, 2002; Lindquist and Swihart, 1997
Bufonidae	*Bufo bankorensis*	86	99		3725	aquatic	Schimidt, 1927; Pope, 1931; Huang et al., 1996
Bufonidae	*Bufo gargarizans*	61.7	72.2		4000	aquatic	Fei et al., 2009; Yu and Guo, 2013
Centrolenidae	*Hyalinobatrachium valerioi*	21.8	24.3		35	arboreal	Savage, 2002; Kubicki, 2007; Vockenhuber et al., 2009
Centrolenidae	*Hyalinobatrachium colymbiphyllum*	25	26.8		50	arboreal	Savage, 2002; Kubicki, 2007; Savage, 2002; Hughey et al., 2017
Centrolenidae	*Hyalinobatrachium chirripoi*	25.5	29		70	arboreal	Kubicki, 2007; Kubicki, 2004

Centrolenidae	*Hyalinobatrachium fleischmanni*	22.4	27.5		30	arboreal	Savage, 2002; Kubicki 2007; Jacobson, 1985
Centrolenidae	*Centrolene savagei*	21.1	23.6			arboreal	Vargas-Salinas et al., 2014; Diaz-Gutierrez et al., 2013
Centrolenidae	*Nymphargus griffithsi*	24.1	23.4			arboreal	Lynch and Duellman, 1973; Duellman and Trueb, 1994; Duellman and Savitzky, 1976
Centrolenidae	*Cochranella granulosa*	25.8	30.5		55	arboreal	Savage, 2002; Kubicki, 2007; Delia et al., 2017
Centrolenidae	*Cochranella euknemos*	25.5	31		55	arboreal	Savage, 2002; Kubicki, 2007; Kubicki, 2007; Savage and Starrett, 1967
Centrolenidae	*Espadarana prosoblepon*	24.1	26.4		35.4	arboreal	Lynch and Duellman, 1973; Savage, 2002; Kubicki, 2007; Basto-Riascos et al., 2017; Jacobson, 1985
Centrolenidae	*Teratohyla pulverata*	26	29.5		42	arboreal	Savage, 2002; Delia et al., 2017
Ceratophryidae	*Ceratophrys cranwelli*	88.9	158		3696	aquatic	Perotti, 1997; Natale et al., 2011; Marangoni et al., 2009
Ceratophryidae	*Lepidobatrachus laevis*	73	120.5	2.5	1378	aquatic	Perotti, 1997; Amin et al., 2015; Springer and Schalk, 2016
Conrauidae	*Conraua goliath*	270	254	3.47	100	aquatic	Sabater-Pi, 1985; Sabater-Pi, 1985
Craugastoridae	*Haddadus binotatus*	34.5	53.1			terrestrial*	Dias et al., 2012; Haddad and Sazima, 1992; Canedo and Rickli, 2006
Cycloramphidae	*Thoropa taophora*	72.75	72.43		765.66	terrestrial	Hartmann, 2004; Giaretta and Facure, 2004; Consolmagno et al., 2016
Cycloramphidae	*Thoropa miliaris*	57.26	56.03	2.3	400	terrestrial	Feio, 2002; Giaretta and Facure, 2004
Cycloramphidae	*Cycloramphus boraceiensis*	38.66	53.01		81.75	terrestrial	Hartmann, 2004; Giaretta and Facure, 2003; Kakazu, 2009
Dendrobatidae	*Ameerega hahneli*	18	20.5		22	terrestrial	Rodriguez and Duellman, 1994; Gottsberger and Gruber, 2004; Haddad and Martins, 1994
Dendrobatidae	*Ameerega trivittata*	37.9	43.6		50	terrestrial	Silverstone, 1976; Duellman, 1996; Myers and Daly, 1979; Rodriguez and Duellman, 1994; Roithmair, 1994
Dendrobatidae	*Ameerega parvula*	19	21.2		8	terrestrial	Silverstone, 1976; Crump, 1974; Wells, 2007; Poelman et al., 2010
Dendrobatidae	*Hyloxalus vertebralis*	16.1	17.9	2.6	13	terrestrial	Coloma, 1995; Edwards, 1971; Hervas et al., 2015
Dendrobatidae	*Hyloxalus toachi*	23.1	28.2	2.4	11	terrestrial	Coloma, 1995; Quiguango-Ubillús and Coloma, 2008
Dendrobatidae	*Phyllobates lugubris*	19.2	22.2		18	terrestrial	Silverstone, 1976; Lötters et al., 2007; Weygoldt, 1987; Donnelly et al., 1990
Dendrobatidae	*Phyllobates terribilis*	41.1	43.2		15	terrestrial	Myers et al., 1978; Wells, 2007; Weygoldt, 1987
Dendrobatidae	*Dendrobates tinctorius*	41	46.5	4.2	5	terrestrial	Silverstone, 1975; Summers et al., 1999; Rojas and Pasukonis, 2019
Dendrobatidae	*Dendrobates auratus*	30.3	33.7	3.5	8	terrestrial	Silverstone, 1975, Summers, 1989; Dunn, 1941; Savage, 2002; Eens and Pinxten, 2000; Wells, 1978; Hervas et al., 2015

Dendrobatidae	*Mannophryne trinitatis*	23.1	25.6		10	terrestrial	Sexton, 1960; Jowers and Downie, 2005
Dendrobatidae	*Allobates talamancae*	20.4	24		18	terrestrial	Savage, 2002; Pröhl, 2005; Lechelt et al., 2014
Dendrobatidae	*Allobates femoralis*	25.8	27.3		22.7	terrestrial	Silverstonee, 1976; Crump, 1974; Hödl et al., 2004; Spring et al., 2019
Dendrobatidae	*Allobates nidicola*	19.6	20.2	2.4	4	terrestrial	Caldwell and Lima, 2003
Dendrobatidae	*Allobates brunneus*	17.9	19.6		17	terrestrial	Caldwell and Lima, 2003; Lima et al., 2009
Dicroglossidae	*Fejervarya limnocharis*	39	48.8		1560	aquatic	Inger, 1966; Chen, 1991; Ye et al., 1993; Xu and Li, 2013
Dicroglossidae	*Nannophrys ceylonensis*	46.6	48.7		12	hidden	Wickramasinghe et al., 2004
Dicroglossidae	*Hoplobatrachus rugulosus*	82.4	71.7		2000	aquatic	Chen, 1991; Huang et al., 1990; Vassilieva et al., 2017
Dicroglossidae	*Euphlyctis cyanophlyctis*	67	48		1000	aquatic	Gramapurohit et al., 2005; Khan and Malik, 1987; Tabassum et al., 2011
Dicroglossidae	*Limnonectes kuhlii*	55.6	54.9		80	aquatic	Yang, 1991; Chen, 1991; Tsuji, 2004; Tsuji and Lue, 2000
Dicroglossidae	*Nanorana parkeri*	45.7	49.4	2.18	189	aquatic	Hu et al., 1987; Lu et al., 2016
Dicroglossidae	*Nanorana pleskei*	36.6	37.3		96	aquatic	Ye et al., 1993; Wang et al., 2017
Eleutherodactylidae	*Eleutherodactylus cundalli*	32.3	41.7	4.2	48	terrestrial*	Diesel et al., 1995; Schwartz and Henderson, 1991
Eleutherodactylidae	*Eleutherodactylus johnstonei*	23.1	26.9		20	terrestrial*	Ortega et al., 2005; Savage, 2002; Ovaska and Hunte, 1992; Pers. Obs. C. F. B. Haddad
Eleutherodactylidae	*Eleutherodactylus coqui*	35.6	45.9		28	terrestrial*	Woolbright, 1989; Towsend et al., 1994; Duellman and Trueb, 1994; Wells, 1977
Hemiphractidae	*Stefania evansi*	45.8	63.9		23	terrestrial*	Kok et al., 2006; Duellman and Hoogmoed, 1984; Kok and Benjamin, 2007
Hemisotidae	*Hemisus marmoratus*	27.9	31.8		200	hidden	Rödel, 2000; Wager, 1965; Grafe et al., 2005
Hylidae	*Boana cinerascens*	39	41.2		426	aquatic	Telles et al., 2013; Crump, 1974; Telles et al., 2013
Hylidae	*Boana heilprini*	49.4	49.3		332	hidden	Landestoy, 2013; Trueb, 1974; Nali et al., 2014; Landestoy, 2013
Hylidae	*Boana fasciata*	35.6	46.2		569	aquatic	Crump, 1974; Duellman, 1996; Crump, 1974
Hylidae	*Boana raniceps*	55.7	60.2		1991	aquatic	Kopp et al., 2010; Santoro and Brandão, 2014; Prado, 2004; Prado et al., 2005; Kopp et al., 2010; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana albopunctata*	46.1	51.19			aquatic	Cardana 1995; Uetanabaro et al. 2008; de Sá et al., 2014
Hylidae	*Boana multifasciata*	48.7	57.98			aquatic	Azevedo-Ramos et al., 2004a; Summers et al., 2007; Cardana, 1995; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana lanciformis*	74.9	87		1617	aquatic	Crump, 1974

Hylidae	*Boana calcarata*	35.9	53.9		1143	aquatic	Summers et al., 2007; Gottsberger and Gruber, 2004; Crump, 1974; Summers et al., 2007
Hylidae	*Boana rufitela*	46.2	51.1			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Boana joaquini*	49	50.86			aquatic	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Garcia et al., 2003; Maneyro and Rosa, 2004; Saito, 2013
Hylidae	*Boana leptolineata*	28	33.12			aquatic	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Reinke and Deiques, 2010; Kwet and DiBernardo, 1999
Hylidae	*Boana polytaenia*	30.87	37.46		291.33	aquatic	Gridi-Papp, 1997
Hylidae	*Boana prasina*	47.6	52.73	1.56	916.2	aquatic	Haddad, 1991; C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Pombal JR and Haddad, 2005
Hylidae	*Boana pulchella*	45.8	49.5			aquatic	Maneyro and Rosa, 2004; Moreira et al., 2007; Lutz, 1973; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana guentheri*	36.5	45.5			aquatic	Moreira et al., 2007; Lutz, 1973
Hylidae	*Boana bischoffi*	43.205	57.25	1.98	859	aquatic	Pombal-Jr and Haddad 2005; Haddad, 1991; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana marginata*	48.4	53.5			aquatic	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Kwet, 2001
Hylidae	*Boana albomarginata*	49.01	57.45		1318	aquatic	Hartmann et al., 2010; Giasson and Haddad, 2007
Hylidae	*Boana crepitans*	53.9	65.5		2053	aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Stebbins and Hendrickson, 1959; Nascimento et al., 2015
Hylidae	*Boana lundii*	57.1	69.6			aquatic	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Kopp et al., 2010; Pers. Comm. C. M. Mazzarelli
Hylidae	*Boana pardalis*	61.75	65.21			aquatic	Giasson, 2008; Lutz, 1973; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana faber*	84	83.8	2.12	1986	aquatic	Martins and Haddad, 1988; Martins, 1993; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Boana boans*	116	107		3154	aquatic	Emerson, 1997; Duellman, 1997; Magnusson et al., 1999; Crump, 1974
Hylidae	*Boana geographica*	44.2	66.6		2797	aquatic	Crump, 1974; Bittar et al., 2016; Bitar et al. 2012
Hylidae	*Boana semilineata*	40.6	52			aquatic	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Hartmann, 2004
Hylidae	*Aplastodiscus cochranae*	45.2	47.8			hidden	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Garcia et al., 2001; Garcia and Kwet, 2004
Hylidae	*Aplastodiscus perviridis*	39.66	42.47		227	hidden	Haddad et al., 2005; Pers Comm. B. V. M. Berneck
Hylidae	*Aplastodiscus leucopygius*	39.69	40.19		219	hidden	Haddad, 1991; Zina, 2006; C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Haddad and Sawaya, 2000; Haddad and Prado, 2005; Haddad, 1991
Hylidae	*Aplastodiscus arildae*	36.14	40.1			hidden	Zina, 2006; Carvalho et al., 2006; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Bokermannohyla martinsi*	61.5	56			hidden	Lutz, 1973; Haddad et al., 2013; P.C. Eterovick pers. comm.

Hylidae	*Bokermannohyla circumdata*	61.29	58.53			aquatic	Giasson 2008, Pers. Obs. C. F. B. Haddad, Haddad and Sawaya 2000, C. P. A. Prado, Unpubl. Data, Malagoli 2013
Hylidae	*Bokermannohyla hylax*	56.44	60.14			aquatic	Giasson, 2008; Pers. Obs. C. F. B. Haddad
Hylidae	*Ololygon catharinae*	33	42.7			aquatic	Lutz, 1973; Silvano et al., 2004
Hylidae	*Ololygon berthae*	19	25			aquatic	Moreira et al., 2007; Lutz, 1973; Moreira et al., 2007
Hylidae	*Scinax acuminatus*	42	43.1		879	aquatic	Prado and Haddad, 2003; Prado 2004; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Scinax garbei*	35.4	42		550	aquatic	Crump, 1974
Hylidae	*Scinax boulengeri*	41.6	49.4		650	aquatic	Bevier, 1997; Solís et al., 2008a; Duellman and Dennis, 2001; Savage 2002
Hylidae	*Scinax crospedospilus*	30.54	31.14			aquatic	Pavan and Telles, 2004; Giasson, 2008; Pers. Obs. C. P. A. Prado
Hylidae	*Scinax fuscovarius*	47.6	47.8		1957	aquatic	Haddad, 1991; Uetanabaro et al., 2008; Rodrigues et al., 2005
Hylidae	*Scinax nasicus*	29.8	31.6		1584	aquatic	Perotti, 1997; Prado, 2004; Prado et al., 2005
Hylidae	*Scinax ruber*	32.6	39.1		591	aquatic	Bevier, 1997; Noronha et al., 2015; Crump, 1974; Duellman 1996; Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Scinax elaeochroa*	30.6	35			aquatic	Solís et al., 2008b; Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Donnelly and Guyer, 1994; Solís et al., 2008b
Hylidae	*Sphaenorhynchus dorisae*	28	38			aquatic	Toledo et al., 2007; Azevedo-Ramos et al., 2004b
Hylidae	*Sphaenorhynchus lacteus*	36.5	42.5			aquatic	Rodriguez and Duellman, 1994; Benicio et al., 2011
Hylidae	*Scarthyla goinorum*	19	21.5			aquatic	Rodriguez and Duellman, 1994
Hylidae	*Xenohyla truncata*	38	42			aquatic	Silva et al., 2008; Lutz, 1973; Silva et al., 2008
Hylidae	*Dendropsophus seniculus*	32.5	39.5			aquatic	Lutz, 1973; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus marmoratus*	39.1	49.3	1.7	979	aquatic	Crump, 1974; Noronha et al., 2015; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus koechlini*	20.5	26	1.1	325	aquatic	Rodriguez and Duellman, 1994
Hylidae	*Dendropsophus brevifrons*	18.5	21.4	1.3	81	arboreal	Crump, 1974; Duellman and Crump, 1974
Hylidae	*Dendropsophus parviceps*	16.8	23.4	1.05	234	aquatic	Crump, 1974; Duellman and Crump, 1974; Rivadeneira et al., 2018
Hylidae	*Dendropsophus giesleri*	25.16	34.52		190	aquatic	Hartmann, 2004; Hartmann et al., 2010
Hylidae	*Dendropsophus minutus*	26.7	27.6	1	211	aquatic	Prado, 2004; Arzabe, 1998; Giasson, 2008; Crump, 1974; Prado, Unpubl. Data; Summers et al., 2007; Hartmann et al., 2010
Hylidae	*Dendropsophus riveroi*	18.5	22.8			aquatic	Duellman, 1996; Touchon and Warkentin, 2008

Hylidae	*Dendropsophus nanus*	19.5	21.3		242	aquatic	Prado, 2004; Del-Grande, 1995; Zina et al., 2007
Hylidae	*Dendropsophus berthalutzae*	18.91	22.1	1	57	arboreal	Hartmann et al., 2010; Hartmann, 2004
Hylidae	*Dendropsophus bipunctatus*	16.5	25.5			aquatic	Lutz, 1973; Wogel and Pombal-Jr, 2007
Hylidae	*Dendropsophus branneri*	17.07	18.83		288	arboreal	Verdade et al., 2010; Baracho, 2015
Hylidae	*Dendropsophus rubicundulus*	20	22			aquatic	Lutz, 1973; Toledo, 2007
Hylidae	*Dendropsophus sanborni*	18.79	21.1		130	aquatic	Del-Grande, 1995
Hylidae	*Dendropsophus rhodopeplus*	20.7	26.7	1.1	285	aquatic	Crump, 1974; Duellman, 1996; Rodriguez and Duellman, 1994; Crump, 1974
Hylidae	*Dendropsophus microcephalus*	22.8	26.8		180	aquatic	Stebbins and Hendrickson, 1959; Duellman and Dennis, 2001; Stebbins and Hendrickson, 1959
Hylidae	*Dendropsophus sartori*	24.8	28.6			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Dendropsophus robertmertensi*	24.7	26.6			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Dendropsophus anceps*	37	40.3			aquatic	Lutz, 1973; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus aperomeus*	19.8	25			aquatic	Duellman, 1982
Hylidae	*Dendropsophus miyatai*	20	25			aquatic	Bartlett and Bartlett, 2003; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus elegans*	25.74	32.34	1.3	300	aquatic	Bastos and Haddad, 1996; Hartmann, 2004
Hylidae	*Dendropsophus ebraccatus*	25.1	36.5	1.3	155	arboreal	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Donnelly and Guyer, 1994; Gomez-Mestre et al., 2012
Hylidae	*Dendropsophus bifurcus*	25.1	31.8		186	aquatic	Crump, 1974
Hylidae	*Dendropsophus sarayacuensis*	25	33.5	2	113	arboreal	Crump, 1974; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus leucophyllatus*	33.9	42	1.5	587	arboreal	Crump, 1974; Savage, 2002; Touchon and Warkentin, 2008
Hylidae	*Dendropsophus triangulum*	25.4	35.4	1.6	501	arboreal	Crump, 1974; Duellman and Crump, 1974; Pers. Obs. C. F. B. Haddad
Hylidae	*Corythomantis greeningi*	73	77		700	aquatic	Silva et al., 2010; Loebmann, 2010; Jared et al., 1999; J. Zina pers. comm.
Hylidae	*Nyctimantis rugiceps*	61.9	61.3			hidden	Crump, 1974; Hödl, 1990; Duellman and Dennis, 2001; IUCN SSC Amphibian Specialist Group 2018. Nyctimantis rugiceps . The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T55765A85904075. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-1.RLTS.T55765A85904075.en. Downloaded on 09 February 2020.
Hylidae	*Aparasphenodon brunoi*	58.1	65.2	1.36		aquatic	Haddad and Sawaya, 2000; Teixeira et al., 2002; Silva et al., 2008; Mesquita et al., 2004; Gomez-Mesa et al., 2017

Hylidae	*Trachycephalus nigromaculatus*	83.56	91.06		aquatic	Abrunhosa et al., 2006; Práger, 2010; Pers. Comm. A. C. L. M. Práger
Hylidae	*Trachycephalus resinifictrix*	76	76	436	hidden	Lima et al., 2005; Summers et al., 2007; Gottsberger and Gruber, 2004; Lutz, 1973; Schiesari et al., 2003; La Marca et al., 2010.
Hylidae	*Trachycephalus mesophaeus*	63.31	68.54	2367	aquatic	Hartmann et al., 2010; Hartmann 2004
Hylidae	*Trachycephalus coriaceus*	58.5	61.5	1430	aquatic	Rodriguez and Duellman, 1994; Crump, 1974; Gottsberger and Gruber, 2004; Schiesari & Moreira 1996
Hylidae	*Phyllodytes luteolus*	23	22		hidden	Schineider and Teixeira, 2001; Bokerman, 1966; Langone et al., 2008; Giaretta, 1996; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Osteocephalus verruciger*	53	64.5		aquatic	Trueb and Duellman, 1971; Jungfer et al., 2013
Hylidae	*Osteocephalus buckleyi*	43.3	61.7	1600	aquatic	Trueb and Duellman, 1971; Jungfer and Weygoldt, 1999
Hylidae	*Osteocephalus taurinus*	69.9	81	2000	aquatic	Jungfer et al., 2013; Duellman, 1997; Trueb and Duellman, 1971; Lima et al., 2005
Hylidae	*Osteocephalus leprieurii*	44.7	57.1	848	aquatic	Jungfer and Hödl, 2002; Trueb and Duellman, 1971; Crump, 1974; Gottsberger and Gruber, 2004
Hylidae	*Osteopilus vastus*	96.7	136.9		aquatic	Wells, 2007; Galvis et al., 2014; Trueb, 1974; Wells, 2007
Hylidae	*Osteopilus pulchrilineatus*	31.6	40.1		aquatic	Trueb, 1974; Galvis et al., 2014
Hylidae	*Osteopilus dominicensis*	57.8	76.8		aquatic	Galvis et al., 2014; Trueb, 1974
Hylidae	*Osteopilus wilderi*	25.8	27.3		hidden	Lannoo et al., 1986; Dunn, 1926; Lehtinen and Nussbaum, 2003; Trueb 1974
Hylidae	*Osteopilus marianae*	28	38.7		hidden	Dunn, 1926; Lehtinen and Nussbaum, 2003; Trueb, 1974
Hylidae	*Osteopilus crucialis*	92.6	104		hidden	Rodriguez and Duellman, 1994; Lehtinen and Nussbaum, 2003; Trueb, 1974
Hylidae	*Osteopilus septentrionalis*	53.9	71.2	130	aquatic	Salinas, 2006; Trueb, 1974; Wright and Wright, 1949; Savage, 2002; Salinas, 2006
Hylidae	*Itapotihyla langsdorffii*	71.61	91.49	1741.5	aquatic	Hartmann, et al., 2010; Hartmann, 2004
Hylidae	*Isthmohyla zeteki*	22.5	25.4	24	hidden	Hertz et al., 2012; Lannoo et al., 1987; Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Lannoo et al., 1986
Hylidae	*Isthmohyla pseudopuma*	39.7	44.3	2150	aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Crump and Towsend, 1990
Hylidae	*Smilisca baudinii*	60.2	90	2225	aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Donnelly and Guyer, 1994
Hylidae	*Smilisca cyanosticta*	56	70	1147	aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Smilisca phaeota*	65	78	1829	aquatic	Savage, 2002
Hylidae	*Smilisca puma*	38	46		aquatic	Duellman, 1967; Savage, 2002; Duellman, 1967

Hylidae	*Smilisca fodiens*	49.4	61.1			aquatic	Wells, 1977; Duellman and Dennis, 2001; Pers. Obs. K. R. Zamudio; Wells, 1977
Hylidae	*Triprion spinosus*	61.1	63.4	1.8	316	hidden	Jungfer, 1996; Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Schiesari, et al., 2003
Hylidae	*Triprion petasatus*	54.6	70.7			aquatic	Duellman and Trueb, 1964; Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Tlalocohyla loquax*	39.3	40.5		250	aquatic	Savage, 2002; Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002
Hylidae	*Tlalocohyla picta*	20.2	22.1			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Tlalocohyla smithii*	24.3	27.7			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Hyla chinensis*	30.6	34.2		459	aquatic	Pope, 1931; Ye et al., 1993; Huang et al., 1990; Chen, 1991
Hylidae	*Hyla annectans*	34.2	38.8		90	aquatic	Liao and Lu, 2010; Duellman and Trueb, 1986; Yang, 1991, Ye et al., 1993; Liao and Lu, 2010; Duellman and Trueb, 1986; Ao and Bordoloi, 2000
Hylidae	*Hyla arborea*	24.8	33		1282	aquatic	Toledo, 2007; Chen, 1991; Kuzmin, 1999; Wells, 1977
Hylidae	*Dryophytes squirellus*	29.5	30		950	aquatic	Mitchell and Pague, 2014; Wright and Wright, 1949; Fellers, 1979
Hylidae	*Dryophytes cinereus*	53.1	48.9		875	aquatic	Mitchell and Prague, 2014; Garton and Brandon, 1975; Saenz et al., 2006; Gunzburger, 2006
Hylidae	*Dryophytes gratiosus*	58.5	59	1.39	867	aquatic	Emerson, 1997; Prestwich et al., 1989; Travis, 1983; Mitchell and Prague, 2014; Wright and Wright, 1949; Gunzburger and Travis, 2007
Hylidae	*Dryophytes japonicus*	32.7	28		920	aquatic	Kusano et al., 1991; Okada, 1966; Kuzmin, 1999; Hirai and Matsui, 2000
Hylidae	*Dryophytes arenicolor*	35.3	47.2			aquatic	Summers et al., 2007; Barber, 1999; Wright and Wright, 1949; Wells, 1977; Summers et al., 2007; Barber, 1999
Hylidae	*Dryophytes wrightorum*	34	36			aquatic	Wright and Wright, 1949
Hylidae	*Dryophytes plicatus*	39.7	43.8			aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Dryophytes euphorbiaceus*	34.7	36.4		774	aquatic	Luría-Manzano and Gutiérrez-Mayén, 2014; Duellman and Dennis, 2001; Luría-Manzano and Gutiérrez-Mayén, 2014
Hylidae	*Dryophytes eximius*	29.9	33.5		851	aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Hernández-Salinas, et al., 2018
Hylidae	*Dryophytes walkeri*	32	31.6			aquatic	Wilson et al., 2013; Duellman and Dennis, 2001; Wilson et al., 2013
Hylidae	*Dryophytes andersonii*	35.5	42.5		500	aquatic	Wright and Wright, 1949; Hulse et al., 2001; Wells, 1977
Hylidae	*Dryophytes versicolor*	41.5	46.5		1800	aquatic	Wright and Wright, 1949; Smith, 1950; Fellers, 1979; Gibbs and Breisch, 2001
Hylidae	*Dryophytes avivoca*	33.5	40.5		632	aquatic	Redmer et al., 1999; Wright and Wright, 1949; M. Redmer, unpublished data; Redmer et al., 1999

Hylidae	*Dryophytes chrysoscelis*	39.5	42	2000	aquatic	Toledo, 2007; Mitchell and Prague, 2014; Wright and Wright, 1949; Hulse et al., 2001; Fellers, 1979; Ritke and Semlitsch, 1991
Hylidae	*Dryophytes femoralis*	30.5	31.5		aquatic	Wright and Wright, 1949
Hylidae	*Charadrahyla taeniopus*	58	64.2		aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Summers et al., 2007; Serrano, 2018
Hylidae	*Ecnomiohyla miliaria*	81.6	69.7		hidden	McCranie et al., 2003; Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; McCranie et al., 2003
Hylidae	*Ptychohyla spinipollex*	37.1	42.8		aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Bromeliohyla bromeliacia*	27	32.4	14	hidden	Lee, 2000; Duellman and Dennis, 2001; Langone et al., 2008
Hylidae	*Duellmanohyla soralia*	29.3	38		aquatic	Pers. Comm. C. Vásquez-Almazán
Hylidae	*Ptychohyla leonhardschultzei*	31.6	39.9		aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Exerodonta melanomma*	27.1	30.1		aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Exerodonta sumichrasti*	26.2	30.2		aquatic	Summers et al., 2007; Duellman, 1970; Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Plectrohyla matudai*	33.1	49		aquatic	Duellman and Campbell, 1992; Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Plectrohyla guatemalensis*	47.5	48.6		aquatic	Summers et al., 2007; McCranie et al., 1987; Duellman and Campbell 1992
Hylidae	*Sarcohyla pentheter*	46.2	56.2		aquatic	Duellman and Dennis, 2001
Hylidae	*Acris gryllus*	22	24.5	232	aquatic	Wright and Wright, 1949; Stebbins, 1951
Hylidae	*Acris crepitans*	22.8	24.2	500	aquatic	Wright and Wright, 1949; Duellman and Dennis, 2001; Degenhardt et al., 1996; Smith, 1950; Wagner, 1989; Saenz et al., 2006; McCallum and Trauth, 2007
Hylidae	*Pseudacris regilla*	32.5	37.2	807	aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Wright and Wright, 1949; Wells, 1977
Hylidae	*Pseudacris cadaverina*	33	40.9		aquatic	Duellman and Dennis, 2001; Wells, 1977
Hylidae	*Pseudacris ornata*	30	32	30	aquatic	Wright and Wright, 1949; Seyle and Trauth, 1982
Hylidae	*Pseudacris streckeri*	33	39	450	aquatic	Wright and Wright, 1949; Wells, 1977
Hylidae	*Pseudacris nigrita*	24.5	26	59	aquatic	Caldwell, 1987; Wright and Wright, 1949; Stebbins, 1951
Hylidae	*Pseudacris triseriata*	26.5	28.8	449	aquatic	Summers et al., 2007; Emerson and Hess, 2001; Duffitt and Finkler, 2011; Wright and Wright, 1949; Morrison and Hero, 2003
Hylidae	*Pseudacris feriarum*	25.5	27.5		aquatic	Mitchell and Prague, 2014; Wright and Wright, 1949
Hylidae	*Pseudacris maculata*	25.5	27		aquatic	Wright and Wright, 1949
Hylidae	*Pseudacris clarkii*	24.5	28	1000	aquatic	Wright and Wright, 1949; Smith, 1950

Hylidae	*Pseudacris brimleyi*	27.92	29.8	300	aquatic	Wright and Wright, 1949; Gosner and Black, 1958; Mitchell, 1986; Brandt and Walker, 1933
Hylidae	*Pseudacris brachyphona*	24.6	30.3	950	aquatic	Hulse et al., 2001
Hylidae	*Pseudacris crucifer*	25.2	31.8	750	aquatic	Gibbs and Breisch, 2001; Emerson, 1997; Zimmitti, 1999; Mitchell and Prague, 2014; Wright and Wright, 1949; Hulse et al., 2001
Hylidae	*Pseudacris ocularis*	13.5	14.8		aquatic	Wright and Wright, 1949; Harper, 1939
Hylidae	*Litoria adelaidensis*	45	60		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria rothii*	48	57		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria tyleri*	48	50		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria peronii*	48.4	55.7	1078.8	aquatic	Tyler, 1978; Wells, 1977; Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria dentata*	40	44		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria electrica*	38	40		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria rubella*	32.9	34.9	507.5	aquatic	Tyler, 1978; Tyler, 1998; Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria jervisiensis*	37	44		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria paraewingi*	28	36		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria verreauxii*	33	34		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria revelata*	28	36		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria littlejohni*	51	68		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria ewingii*	40	46		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria longirostris*	27	26		arboreal	Tyler, 1978; Tyler, 1998, Tyler, 1985; Anstis, 2013; Anderson et al., 2010; McDonald and Storch, 1993
Hylidae	*Litoria meiriana*	20	22		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria tornieri*	34	36		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria inermis*	33	37		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria pallida*	34	37		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria freycineti*	40	49		aquatic	Summers et al., 2007; Byrne et al., 2002; Moore, 1961
Hylidae	*Litoria latopalmata*	39	32		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria coplandi*	36	43		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria watjulumensis*	41	70		aquatic	Byrne et al., 2002

Hylidae	*Litoria nasuta*	45	56		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria nigrofrenata*	42	46		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria fallax*	26	32		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria olongburensis*	28.7	34		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Litoria bicolor*	27	29		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Nyctimystes infrafrenatus*	102	135		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Nyctimystes brevipalmatus*	43	47		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea gracilenta*	42	45		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea xanthomera*	56	85		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea chloris*	62	68		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea splendida*	106	118		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea caerulea*	72.1	84	1800	aquatic	Moore, 1961; Tyler, 1983; Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea cavernicola*	51	57		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea raniformis*	65	104		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea moorei*	71	78		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea cyclorhynchus*	69	108		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea aurea*	91.8	93.9	6500	aquatic	Moore, 1961; Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea dahlii*	63	71		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea eucnemis*	48	77		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea lesueurii*	40	61		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea jungguy*	48	71		aquatic	Richards and Alford, 1992; Donnellan and Mahony, 2004
Hylidae	*Ranoidea citropa*	57	65		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea pearsoniana*	29	37		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea phyllochroa*	32	40		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea subglandulosa*	40	50		aquatic	Byrne et al., 2002; Gomez-Mestre et al., 2012
Hylidae	*Ranoidea nannotis*	52	65		aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Ranoidea rheocola*	38	43		aquatic	Byrne et al., 2002

Hylidae	*Ranoidea nyakalensis*	48	58			aquatic	Byrne et al., 2002
Hylidae	*Cruziohyla calcarifer*	52	65		80	arboreal	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Summers et al., 2007
Hylidae	*Agalychnis callidryas*	48.2	62.5		265	arboreal	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Wells, 1977; Donnelly and Guyer, 1994; Briggs, 2008; Emerson, 1997; Gomez-Mestre et al., 2008
Hylidae	*Agalychnis saltator*	43.3	57		46	arboreal	Duellman and Dennis, 2001; Savage, 2002; Roberts, 1994; Faivovich et al., 2010
Hylidae	*Agalychnis moreletii*	59	74.45		75	arboreal	Briggs, 2008; Faivovich et al., 2010; Emerson, 1997; Gomez-Mestre et al., 2008; Lee, 1996
Hylidae	*Agalychnis spurrelli*	62	75		67	arboreal	Duellman and Dennis, 2001; Gomez-Mestre et al., 2008; Faivovich et al., 2010; Scott and Starrett, 1974
Hylidae	*Phyllomedusa vaillantii*	52.1	78.8		1114	arboreal	Crump, 1974; Gottsberger and Gruber, 2004
Hylidae	*Phyllomedusa bicolor*	97	115		859.5	arboreal	Neckel-Oliveira and Wachlevski, 2004; Pers. Obs. C. F. B. Haddad; Rodriguez and Duellman, 1994
Hylidae	*Phyllomedusa tarsius*	86.9	104.9		548	arboreal	Crump, 1974
Hylidae	*Phyllomedusa sauvagii*	77.3	88.4		103	arboreal	Rodrigues et al., 2007
Hylidae	*Phyllomedusa distincta*	56	70	2.59	214	arboreal	Pombal-Jr and Haddad, 2005; Castanho, 1994; Pers. Obs. C. F. B. Haddad; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Phyllomedusa tetraploidea*	59.2	69.73	2.95	171	arboreal	C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Pombal-Jr and Haddad, 2005
Hylidae	*Phyllomedusa burmeisteri*	63.4	76.7		195	arboreal	Abrunhosa and Wogel, 2004; Haddad, 1991; C. P. A. Prado, Unpubl. Data
Hylidae	*Phyllomedusa ayeaye*	31.77	37.02		31	arboreal	Pers. Obs. R. C. Nali; Pers. Obs. C. F. B. Haddad; Pers. Comm. M. M. Borges
Hylidae	*Pithecophus rohdei*	38.9	44.4			arboreal	Wogel et al., 2005; Wogel et al., 2006
Hylidae	*Pithecopus palliatus*	42.1	46.3		60	arboreal	Crump, 1974
Hylidae	*Pithecopus azureus*	39	43		89	arboreal	Dias et al., 2012; Prado and Haddad, 2003; Prado, 2004; C. P. A. Prado, Unpubl. Data; Dias et al., 2012
Hylidae	*Pithecopus hypochondrialis*	35.2	44			arboreal	Lima et al., 2015; Duellman, 1997; Abrunhosa and Wogel, 2004; Lima et al., 2015
Hylidae	*Callimedusa atelopoides*	36.5	42.5		20	arboreal	Rodriguez and Duellman, 1994; Duellman et al., 1988
Hylidae	*Callimedusa tomopterna*	45.3	57.2		71	arboreal	Gottsberger and Gruber, 2004; Crump, 1974
Hylidae	*Phasmahyla guttata*	35.5	38.6			arboreal	Costa and Carvalho-e-Silva, 2008; Hartmann et al., 2010
Hylidae	*Phasmahyla cochranae*	33.5	45.15		32	arboreal	Haddad, 1991
Hylidae	*Phrynomedusa marginata*	30.56	38.71			arboreal	Giasson, 2008

Hylodidae	*Hylodes asper*	38.4	40.4			hidden	de Sá et al., 2018; de Sá et al., 2015; Nogueira-Costa and Wachlevski, 2015; Hartmann et al., 2010
Hylodidae	*Hylodes dactylocinus*	25.2	27			hidden	Narvaes and Rodrigues, 2005
Hyperoliidae	*Hyperolius nasutus*	22.3	22.2		200	aquatic	Stewart, 1967; Wager, 1965; Schiøtz, 2006; Rödel et al., 2006
Hyperoliidae	*Hyperolius marmoratus*	28.9	29.6		400	aquatic	Stewart, 1967; Channing, 2001; Dyson et al., 1998
Hyperoliidae	*Hyperolius puncticulatus*	25	33.5	1.8		arboreal	Channing, 2001; Chipman, 1999
Leiopelmatidae	*Leiopelma hochstetteri*	38	47	5.5	22	aquatic	Inger, 1954; Najera-Hillman, 2009
Leiopelmatidae	*Leiopelma archeyi*	31	37	4.5		*hidden	Bell, 1978; Bell et al., 2004; Summers et al., 2005; Bell, 2010
Leiopelmatidae	*Leiopelma pakeka*	38.26	43.1	6	1 a 19	*hidden	Bell, 1978; Bell et al., 2004; Summers et al., 2005; Bell, 2010
Leiopelmatidae	*Ascaphus truei*	47	49	6.1	47.8	aquatic	Bell, 2010
Leprodactylidae	*Lithodytes lineatus*	38.5	44.7			hidden	Noronha et al., 2015; Bernarde and Kokobum, 2009; Lima et al., 2005; Schlüter et al., 2009
Leprodactylidae	*Adenomera andreae*	23.3	24.1		9	hidden	Heyer, 1973; Crump, 1974; Lima et al., 2006
Leprodactylidae	*Leptodactylus labyrinthicus*	152.3	155		4099	aquatic	Salles, 2014; Silva et al., 2005; Zina and Haddad, 2005
Leprodactylidae	*Leptodactylus pentadactylus*	141.5	151.5		1000	hidden	Noronha et al., 2015; Hero and Galatti, 1990; Savage, 2002; Rivero, 1961, Rodriguez and Duellman, 1994; Duellman, 1997; Wells, 1977, Duellman and Trueb, 1994
Leprodactylidae	*Leptodactylus mystacinus*	52.9	57.9		401	hidden	Summers et al., 2007; Oliveira-Filho and Giaretta, 2008; Uetanabaro et al., 2008; Summers et al., 2007
Leprodactylidae	*Leptodactylus mystaceus*	45.1	54.8		281	hidden	Salles, 2014; Heyer, 1978; Crump, 1974; Salles, 2014
Leprodactylidae	*Leptodactylus gracilis*	43	43			hidden	Heyer, 1978
Leprodactylidae	*Leptodactylus albilabris*	35.2	40.7		138	hidden	Dent, 1956; Heyer, 1978; Schwartz and Henderson, 1991
Leprodactylidae	*Leptodactylus bufonius*	46	47.7		425	hidden	Salles, 2014; Faggioni, 2011; Salles, 2014
Leprodactylidae	*Leptodactylus fuscus*	42.6	43.6		214	hidden	Salles, 2014; Prado, 2004; Salles, 2014
Leprodactylidae	*Leptodactylus chaquensis*	71.3	71.3		4936	aquatic	Prado et al., 2002; Salles, 2014; Prado, 2004; Prado and Haddad, 2003; Prado et al., 2002; Salles 2014
Leprodactylidae	*Leptodactylus discodactylus*	27.4	33.6		234	aquatic	Heyer and Bellin, 1973; Duellman, 1978; Crump, 1974
Leprodactylidae	*Leptodactylus podicipinus*	35.2	39.5		2102	aquatic	Summers et al., 2007; Prado, 2004; Martins, 1996; Summers et al., 2007
Leprodactylidae	*Leptodactylus wagneri*	50	66.9		1740	aquatic	Heyer, 1994; Crump, 1974; Crump, 1974
Leprodactylidae	*Leptodactylus validus*	37.8	44.3			aquatic	Downie, et al., 1996; Heyer, 1994; Downie et al., 1996

Leprodactylidae	*Leptodactylus leptodactyloides*	40.9	47.5			aquatic	Rodrigues et al., 2011; Heyer, 1994; Duellman, 1996; Rodrigues et al., 2011
Leprodactylidae	*Pseudopaludicola falcipes*	14.8	16.3			aquatic	Laufer and Barreneche, 2008; Haddad and Cardoso, 1987
Leprodactylidae	*Pleurodema thaul*	41.7	49.7			aquatic	Duellman and Veloso, 1977; Faivovich et al., 2012
Leprodactylidae	*Pleurodema bufoninum*	45	56			aquatic	Duellman and Veloso, 1977; Faivovich et al., 2012
Leprodactylidae	*Pleurodema brachyops*	31.5	34.5			aquatic	Rodriguez, 2004; Faivovich et al., 2012; Rivero, 1961
Leprodactylidae	*Edalorhina perezi*	26.9	32.2		93	aquatic	Schlüter, 1990; Murphy, 2003; Duellman, 1996; Crump, 1974
Leprodactylidae	*Physalaemus signifer*	23.77	26.72		273	aquatic	Nascimento, 2003; Pupin et al., 2010
Leprodactylidae	*Eupemphix nattereri*	41.16	42.68	1.6	2516	aquatic	Nascimento, 2003; Uetanabaro et al., 2008; Giaretta and Facure, 2006
Leprodactylidae	*Physalaemus cuvieri*	27.97	29.18	1.37	558.5	aquatic	Prado, 2004; Pombal-Jr and Haddad, 2005; Nascimento, 2003; Haddad, 1991
Leprodactylidae	*Physalaemus albonotatus*	29.6	30.2		719	aquatic	Rodrigues et al., 2004; Prado, 2004
Leprodactylidae	*Physalaemus barrioi*	27.01	28.55			aquatic	Nascimento, 2003; Pers. Obs. C. F. B. Haddad
Leprodactylidae	*Physalaemus gracilis*	26.28	27.93		311	aquatic	Nascimento, 2003; Camargo et al., 2005; Pupin et al., 2010
Leprodactylidae	*Physalaemus riograndensis*	16.81	16.91			aquatic	Nascimento, 2003
Leprodactylidae	*Physalaemus biligonigerus*	36.2	38.7		9574	aquatic	Nascimento, 2003; Perotti, 1997; Pers. Obs. C. P. A. Prado; Pers. Comm. G. P. Faggioni
Leprodactylidae	*Engystomops pustulosus*	25.68	28.44		234.2	aquatic	Toledo, 2007; Nascimento, 2003; Ryan, 1983
Leprodactylidae	*Engystomops petersi*	24.27	31.01			aquatic	Cannatella and Duellman, 1984; Nascimento, 2003
Leprodactylidae	*Engystomops coloradorum*	18.77	21.62			aquatic	Cannatella and Duellman, 1984; Nascimento, 2003
Leprodactylidae	*Scythrophrys sawayae*	15.31	16.71		33	aquatic	Garcia, 1996
Leprodactylidae	*Paratelmatobius poecilogaster*	18.82	20.91			terrestrial	Domenico et al., 2014; Haddad and Prado, 2005; Giasson, 2008
Mantellidae	*Aglyptodactylus laticeps*	43.5	59	1.76	3636	aquatic	Inger, 1966; Dring, 1979; Alcala, 1986
Mantellidae	*Aglyptodactylus madagascariensis*	41	53		1600	aquatic	Glos, 2003; Glos and Linsenmair, 2004
Mantellidae	*Boophis goudotii*	50	80	2	1000	aquatic	Glaw and Vences, 2007; Glos and Linsenmair, 2004
Mantellidae	*Boophis luteus*	38.5	54	2	200	aquatic	Blommers-Schlosser, 1979;Glaw and Vences, 2007;Nussbaum et al., 2008
Mantellidae	*Boophis rappiodes*	24	32	2	260	aquatic	Blommers-Schlosser, 1979;Glaw and Vences, 2007;Nussbaum et al., 2008
Mantellidae	*Boophis doulioti*	38.5	48.3	1.22	3445	aquatic	Glos, 2003

Mantellidae	*Boophis tephraeomystax*	38.5	45.5			aquatic	Glos, 2003; Linsenmair and Glos, 2005
Mantellidae	*Mantella laevigata*	26.8	28.1	3.5		hidden	Blommers-Schlosser, 1979; Nussbaum et al., 2008
Mantellidae	*Mantella aurantiaca*	22	30		74	terrestrial	Vences et al., 1998; Heying, 2001
Megophryidae	*Oreolalax schmidti*	43.1	51		120	aquatic	Fei et al., 2009
Megophryidae	*Oreolalax omeimontis*	53.7	54.1		183	aquatic	Ye et al., 1993; Fei et al., 1999
Megophryidae	*Oreolalax popei*	65.2	61.9		350	aquatic	Fei et al., 2009; Shaffer et al., 1994
Megophryidae	*Oreolalax major*	64.6	67.5			aquatic	Ye et al. 1993; Fei et al., 1999
Megophryidae	*Leptobrachium montanum*	52.1	60.2			aquatic	Fei et al., 2009
Megophryidae	*Leptobrachium boringii*	76.7	66.8		298	hidden	Ye et al., 1993; Zheng et al., 2010
Microhylidae	*Dermatonotus muelleri*	52.84	74.15		10991	aquatic	Perotti, 1997; Marangoni et al., 2009; Fabrezi et al., 2012
Microhylidae	*Scaphiophryne gottlebei*	28.91	30.85		182	aquatic	Rosa et al., 2011; Mercurio and Andreone, 2006; Rosa et al., 2011
Microhylidae	*Microhyla heymonsi*	19.8	22.2		157	aquatic	Yang, 1991; Chen, 1991; Huang et al., 1990; Sheridan, 2009
Microhylidae	*Microhyla ornata*	23.2	23.9	0.97	225	aquatic	Yang, 1991; Ye et al., 1993; Pope, 1931; Chen, 1991; Huang et al., 1990; Shimizu and Ota, 2003
Microhylidae	*Kaloula pulchra*	60.9	63.6		4126	aquatic	Fei et al., 2009
Microhylidae	*Kalophrynus pleurostigma*	40.4	44.8		4000	arboreal	Inger, 1966; Pope, 1931; Malkmus and Dehling, 2008; Lim and Ng, 1991
Microhylidae	*Hylophorbus rufescens*	30	40.5		13	terrestrial*	Zweifel, 1956; Bickford, 2004
Myobatrachidae	*Limnodynastes terraereginae*	69	76			aquatic	Parker, 1940; Roberts and Seymour, 1989
Myobatrachidae	*Limnodynastes tasmaniensis*	33.2	34.9	1.5	400	aquatic	Horton, 1982; Edwards et al., 2004; Parker, 1940; Schaube, 2004; Wilson et al., 2013; Horton, 1982; Roberts and Seymour, 1989; Littlejohn et al., 1993
Myobatrachidae	*Limnodynastes peronii*	51.7	46.6		850	aquatic	Hengl and Burgin, 2002; Schauble, 2004; Barker et al., 1995; Wells, 1977; Seebacher and Grigaltchik, 2014
Myobatrachidae	*Mixophyes fasciolatus*	63	97		970	terrestrial*	Stratford et al., 2010; Parker, 1940; Morrison and Hero, 2003; Stratford et al., 2010
Myobatrachidae	*Metacrinia nichollsi*	23	25	4.8	27	terrestrial*	Parker, 1940; Anstis, 2008
Myobatrachidae	*Myobatrachus gouldii*	44	57	5.1	40	hidden	Vertucci et al., 2017; Parker, 1940; Barker et al., 1995; Nokhbatolfoghahai et al., 2010; Roberts, 1981
Odontophrynidae	*Macrogenioglottus alipioi*	82.05	108.48			aquatic	Hartmann, 2004; Hartmann et al., 2010
Odontophrynidae	*Odontophrynus carvalhoi*	54.2	66			aquatic	Costa et al., 2017

Odontophrynidae	*Odontophrynus americanus*	46.01	51		4000	aquatic	Giaretta, 1994; Uetanabaro et al., 2008; Grenat et al., 2012
Odontophrynidae	*Proceratophrys boiei*	48.18	65.81	1.85	1296	aquatic	Giasson, 2008; Canelas and Bertoluci, 2007; Giaretta and Facure, 2008; Pombal-Jr and Haddad, 2005
Odontophrynidae	*Proceratophrys appendiculata*	49.49	63.18	3.4	841.7	aquatic	Giasson, 2008; Boquimpani-Freitas et al., 2002; Dias et al., 2013
Pelobatidae	*Pelobates fuscus*	41.1	42.6		1740	aquatic	Wright and Wright, 1949; Stebbins, 1951; Wells, 1977
Phrynobatrachidae	*Phrynobatrachus natalensis*	27.5	28.5		650	aquatic	Stewart, 1967; Wager, 1965; Wager,1930
Pipidae	*Xenopus muelleri*	58	72			aquatic	Rabb and Rabb, 1963; Rabb and Rabb, 1962
Ptychadenidae	*Ptychadena anchietae*	51	62			aquatic	Channing, 2001; Barbault, 1984; Mertens, 1938; Akef and Schneider, 1995
Pyxicephalidae	*Pyxicephalus adspersus*	203	115		4000	aquatic	Cook et al., 2001; Wager, 1965; Wells, 1977; Yetman et al., 2012; Yetman and Ferguson, 2011; Balinsky and Balinsky, 1954
Ranidae	*Rana pretiosa*	56	69.8	2.31	997	aquatic	Yang, 1991
Ranidae	*Rana luteiventris*	63.3	72.1		2400	aquatic	Fei et al., 2009; Licht, 1971
Ranidae	*Rana boylii*	56	73		980	aquatic	Greene and Funk, 2009; Maxell et al., 2003; Bull and Hayes, 2001; Reaser, 2000
Ranidae	*Rana aurora*	54.85	73.58		800	aquatic	Nussbaum et al., 1983; Stebbins, 1951; Wright and Wright, 1949; Wheeler et al., 2018
Ranidae	*Rana dalmatina*	45.2	56.7		1068	aquatic	Pope,1931; Kuzmin, 1999
Ranidae	*Rana temporaria*	64.2	61.2		2247	aquatic	Okada, 1966; Maeda and Matsui, 1990
Ranidae	*Rana kunyuensis*	40.9	44.8		918	aquatic	Pope, 1931; Kuzmin, 1999
Ranidae	*Rana arvalis*	60	58		1599	aquatic	Fei et al., 2009; Chen et al., 2012
Ranidae	*Rana japonica*	48.1	53.7		1500	aquatic	Inger and Bacon, 1968; Kuzmin,, 1999; Wells, 1977; Loman and Andersson, 2007; Sas et al., 2007
Ranidae	*Rana longicrus*	41.5	47.9		400	aquatic	Ye et al., 1993
Ranidae	*Rana chensinensis*	48	41.9		1400	aquatic	Fei et al., 2009
Ranidae	*Rana kukunoris*	56.3	61.9	2.24	1350	aquatic	Okada, 1966; Inger and Bacon, 1968; Ye et al., 1993; Lu et al., 2009; Chen et al., 2012
Ranidae	*Rana ornativentris*	49.3	58.5		12000	aquatic	Fei et al., 2009; Chen and Lu, 2011; Lu et al., 2008
Rhacophoridae	*Buergeria robusta*	49.1	67.1			aquatic	Huang et al., 2001
Rhacophoridae	*Buergeria buergeri*	40.05	58.9		386.5	aquatic	Ueda et al., 1998; Fukuyama and Kusano, 1992
Rhacophoridae	*Buergeria japonica*	25.5	31.1		600	aquatic	Huang et al., 2001; Okada, 1966; Haramura, 2008
Rhacophoridae	*Chiromantis xerampelina*	63	76		192	arboreal	Jennions and Passmore 1993

Rhacophoridae	*Polypedates leucomystax*	43.5	62.7		337	arboreal	Inger, 1966; Yang, 1991; McKay, 2006; Yorke, 1983; Feng and Narins, 1991; Rognes, 2015
Rhacophoridae	*Polypedates megacephalus*	49	67.1	2.19	362	aquatic	Fei et al., 2009; Li et al., 2017; Rognes, 2015
Rhacophoridae	*Zhangixalus moltrechti*	42.1	49.8		180	arboreal	Fei et al., 2009; Chang et al., 2014
Rhacophoridae	*Zhangixalus omeimontis*	64.7	76.7		650	arboreal	Liao and Lu, 2011; Liao and Lu, 2010; Luo et al., 2016
Rhacophoridae	*Zhangixalus arboreus*	60.3	81.4		288	arboreal	Okada, 1966; Pope, 1931; Kasuya et al., 1996; Kusano and Hatanaka, 2006
Rhacophoridae	*Kurixalus eiffingeri*	32.8	38		79	hidden	Fei et al., 2009; Chuang et al., 2019
Rhacophoridae	*Gracixalus gracilipes*	22	29.5	2.1	5	arboreal	Yang, 1991; Rowley et al., 2015
Scaphiopodidae	*Scaphiopus hurterii*	58	63	2.3		aquatic	Saenz et al., 2006; Wells, 1977; Richmond, 1947; Bragg, 1944
Scaphiopodidae	*Spea intermontana*	50.5	57.2		325	aquatic	Wright and Wright, 1949; Wells, 1977
Scaphiopodidae	*Spea bombifrons*	45	48.5		462	aquatic	Wright and Wright, 1949; Nussbaum et al., 1983; Stebbins, 1951; Wells 1977

References from Supplemental **Table 1**. Complete references from the dataset used in this study.

Abrunhosa, P. A. and Wogel, H. 2004. Breeding behavior of the leaf-frog *Phyllomedusa burmeisteri* (Anura: Hylidae). Amphibia-Reptilia 25:125-135.

Abrunhosa, P. A., Wogel, H. and Pombal-Jr, J. P. 2006. Anuran temporal occupancy in a temporal pond from the Atlantic rain forest, south-eastern Brazil. Herpetological Journal 16:115-122.

Akef, M. S. and Schneider, A. H. 1995. Calling behavior and mating call pattern in the Mascarene Frog, *Ptychadena mascareniensis*, (Amphibia, Anura, Ranidae) in Egypt. Journal of African Zoology 109:225-229.

Alcala, A. C. 1986. Guide to Philippine Flora and Fauna: Amphibians and Reptiles. Natural Resources Management Center and University of the Philippines, Manilla.

Amin, N. M., Womble, M., Ledon-Rettig, C., Hull, M., Dickinson, A. and Nascone-Yoder, N. 2015. Budgett's frog (*Lepidobatrachus laevis*): A new amphibian embryo for developmental biology. Developmental Biology 405:291-303.

Anderson, A. S., Monasterio, C. and Schoo, L. 2010. Breeding behaviour of the poorly known Australian hylid frog *Litoria longirostris*. Herpetofauna 40:9-12.

Anstis, M. 2008. Direct development in the Australian myobatrachid frog *Metacrinia nichollsi* from Western Australia. Records of the Western Australian Museum 24:133-150.

Anstis, M. 2013. Tadpoles and Frogs of Australia. New Holland Publishers, Chatswood, NSW.

Ao, M. and Bordoloi, S. 2000. Annual breeding cycle and spawning behaviour of *Hyla annectans* Jerdon 1870 in Nagaland, India. Current Science 79:943-945.

Arzabe, C. 1998. Anfíbios anuros em fragmentos de mata atlântica no nordeste do Brasil. Ph.D. dissertation, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná state, Brazil.

Azevedo-Ramos, C., Coloma, L. A.. Ron, S Castro, F. Rueda, J. V. Hoogmoed, M. Icochea, J. and Angulo, A. 2004b. *Sphaenorhynchus dorisae*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 19 May 2015.

Azevedo-Ramos, C., La Marca, E., Andrade, G. and Hoogmoed, M. 2004a. *Hypsiboas multifasciatus*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 20 March 2015.

Baracho, É. B. D. O. 2015. História natural e repertório acústico de *Dendropsophus branneri* (Cochran, 1948) (Anura, Hylidae) no Nordeste brasileiro (Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Barbault, R. 1984. Stratégies de reproduction et démographie de quelques amphibiens anoures tropicaux. Oikos 43:77-87.

Barber, P. 1999. Phylogeography of the canyon treefrog, *Hyla arenicolor* (Cope) based on mitochondrial DNA sequence data. Molecular Ecology 8:547-562.

Barker, J., Grigg, G. C. and Tyler, M. J. 1995. A Field Guide to Australian Frogs. New South Wales, Surrey Beatty and Sons.

Bartlett, R. D. and Bartlett, P. 2003. Reptiles and Amphibians of the Amazon. University Press of Florida, Gainesville.

Basto-Riascos, M. C., López-Caro, J. and Vargas-Salinas, F. 2017. Reproductive ecology of the glass frog *Espadarana prosoblepon* (Anura: Centrolenidae) in an urban forest of the Central Andes of Colombia. Journal of Natural History 51:2535-2550.

Bastos, R. P. and Haddad, C. F. B. 1996. Breeding activity of the Neotropical treefrog *Hyla elegans* (Anura, Hylidae). Journal of Herpetology 30:355–360.

Bell, B. D. 1978. Observations on the ecology and reproduction of the New Zealand native frogs. Herpetologica 34:340-354.

Bell, B. D. 2010. The threatened leiopelmatid frogs of New Zealand: natural history integrates with conservation. Herpetological Conservation and Biology 5:515-528.

Bell, B. D., Carver, S., Mitchell, N. J. and Pledger, S. 2004. The recent decline of a New Zealand endemic: how and why did populations of Archey's frog *Leiopelma archeyi* crash over 1996–2001?. Biological Conservation 120:189-199.

Benício, R. A., Silva, G. R. and Fonseca, M. G. 2011. Amphibia, Anura, Hylidae, *Sphaenorhynchus lacteus* (Daudin, 1800): First record of the genus and species for the state of Piauí, Brazil. Check List 7:196-197.

Bernarde, P. S. and Kokubum, M. N. D. C. 2009. Seasonality, age structure and reproduction of *Leptodactylus* (*Lithodytes*) *lineatus* (Anura, Leptodactylidae) in Rondônia state, southwestern Amazon, Brazil. Iheringia, Série Zoologia 99:368–372.

Bevier, C. R. 1997. Breeding activity and chorus tenure of two Neotropical hylid frogs. Herpetologica 53:297-311.

Bickford, D. P. 2004. Differential parental care behaviors of arboreal and terrestrial microhylid frogs from Papua New Guinea. Behavioral Ecology and Sociobiology 55:402–409.

Bitar, Y. O. C., Pinheiro, L. P. C., Abe, P. S. and Santos-Costa, M. C. 2012. Species composition and reproductive modes of anurans from a transitional Amazonian forest, Brazil. Zoologia 29:19–26.

Blommers-Schlosser, R. M. A. 1979. Biosystematics of the Malagasy frogs II. The genus *Boophis* (Rhacophoridae). Bijdragen tot de Dierkunde 19:261-312.

Bokermann, W. C. A. 1966. O gênero *Phyllodytes* Wagler, 1830 (Anura, Hylidae). Anais da Academia Brasileira de Ciências 38:335-344.

Boquimpani-Freitas, L., Rocha C. F. D. and Sluys, M. V. 2002. Ecology of the horned leaf-frog *Proceratophrys appendiculata* (Leptodactylidae), in an insular Atlantic rain-forest area of southeastern Brazil. Journal of Herpetology 36:318-322.
Bosch, J. and Boyero, L. 2004. Reproductive stage and phonotactic preferences of female midwife toads (*Alytes cisternasii*). Behavioral Ecology and Sociobiology 55:251-256.
Bragg, A. N. 1944. Breeding habits, eggs, and tadpoles of *Scaphiopus hurterii*. Copeia 230-241.
Brandt, B. B. and Walker, C. F. 1933. A new species of *Pseudacris* from the southeastern United States. Occasional Papers of the Museum of Zoology, University of Michigan 272:1-9.
Briggs, V. S. 2008. Mating patterns of red-eyed treefrogs, *Agalychnis callidryas* and *A. moreletii*. Ethology 114:489–498.
Bülbül, U., Kurnaz, M., Eroğlu, A. İ., Koç, H. and Kutrup, B. 2018a. Restricted distribution area, threat conditions and additional two new localities of *Bombina variegata* (l., 1758)(Anura: Bombinatoridae) in turkey. Russian Journal of Herpetology 25:3.
Bulbul, U., Kutrup, B., Eroglu, A. I., Koc, H., Kurnaz, M. and Odabas, Y. 2018b. Life history traits of a Turkish population of the Yellow-bellied Toad, *Bombina variegata* (Linnaeus, 1758) (Anura: Bombinatoridae). Herpetozoa 31:11-19.
Bull, E. L. and Hayes, M. P. 2001. Post-breeding season movements of Columbia spotted frogs (*Rana luteiventris*) in northeastern Oregon. Western North American Naturalist 61:16.
Byrne, P. G., Roberts, J. D. and Simmons. L. W. 2002. Sperm competition selects for increased testes mass in Australian frogs. Journal of Evolutionary Biology 15:347–355.
Caldwell, J. P. 1987. Demography and life history of two species of chorus frogs (Anura: Hylidae) in South Carolina. Copeia 1987:114-127.
Caldwell, J. P. and Lima, A. P. 2003. A new Amazonian species of *Colostethus* (Anura: Dendrobatidae) with a nidicolous tadpole. Herpetologica 59:219-234.
Camargo, A., Naya, D. E. Canavero, A. Rosa, I. and Maneyro, R. 2005. Seasonal activity and the body-size fecundity relationship in a population of *Physalaemus gracilis* (Boulenger, 1883) (Anura, Leptodactylidae) from Uruguay. Annales Zoologici Fennici 42:513–521.
Campbell, J. A. 1998. Amphibians and Reptiles of Northern Guatemala, the Yucatan, and Belize. Oklahoma, University of Oklahoma Press.
Canedo, C. and Rickli, E. 2006. Female reproductive aspects and seasonality in the reproduction of *Eleutherodactylus binotatus* (Spix, 1824) (Amphibia, Leptodactylidae) in an Atlantic rainforest fragment, Southeastern Brazil. Herpetological Review 37:149-150.
Canelas, M. A. S. and Bertoluci, J. 2007. Anurans of the Serra do Caraça, southeastern Brazil: species composition and phenological patterns of calling activity. Iheringia, Série Zoologia 97:21–26.
Cannatella, D. C. and Duellman, W. E. 1984. Leptodactylid frogs of the *Phyasalaemus pustulosus* group. Copeia 1984:902-921.
Cardana, B. R. 1995. Considerações taxonômicas sobre as espécies de *Hyla* do grupo *albopunctata* (Amphibia, Anura, Hylidae). Master's dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.
Carvalho, R. R. Jr., Galdino, C. A. B. and Nascimento, L. B. 2006. Notes on the courtship behavior of *Aplastodiscus arildae* (Cruz and Peixoto, 1985) at an urban forest fragment in Southeastern Brazil (Amphibia, Anura, Hylidae). Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro 64:247-254.
Castanho, L. M. 1994. História Natural de *Phyllomedusa distincta*, na Mata Atlântica do Município de Sete Barras, Estado de São Paulo (Amphibia, Anura, Hylidae). Master's dissertation, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo State, Brazil.
Chang, Y. M., Tseng, W. H., Chen, C. C., Huang, C. H., Chen, Y. F. and Hatch, K. A. 2014. Winter breeding and high tadpole densities may benefit the growth and development of tadpoles in a subtropical lowland treefrog. Journal of Zoology 294:154-160.
Channing, A. 2001. Amphibians of Central and Southern Africa. Cornell University Press, Ithaca.
Chen, B. H. 1991. The Amphibian and Reptilian Fauna of Anhui. Publishing House of Science and Technology, Hefei, Anhui.
Chen, W. and Lu, X. 2011. Sex recognition and mate choice in male *Rana kukunoris*. The Herpetological Journal 21:141-144.
Chen, W., Wu, Q.G., Su, Z.X. and Lu, X. 2012. Age, body size and clutch size of *Rana kunyuensis*, a subtropical frog native to China. The Herpetological Journal 22:203-206.
Chipman, A. D., Haas, A. and Khaner, O. 1999. Variations in anuran embryogenesis: yolk-rich embryos of *Hyperolius puncticulatus* (Hyperoliidae). Evolution & Development 1:49-61.
Chipman, A. D., Haas, A. and Khaner, O. 1999. Variations in anuran embryogenesis: yolk-rich embryos of *Hyperolius puncticulatus* (Hyperoliidae). Evolution & development 1:49-61.
Chuang, M.F., Borzée, A. and Kam, Y.C. 2019. Attendance to egg clutches by male *Kurixalus eiffingeri* increases hatching success and decreases predation by invasive slugs (*Parmarion martensi*) in Taiwan. Ethology 125:40-46.
Coloma, L. A. 1995. Ecuadorian frogs of the genus *Colostethus* (Anura: Dendrobatidae). University of Kansas. Museum of Natural History. Miscellaneous Publication 87:1-72.
Consolmagno, R. C., Requena, G. S., Machado, G. and Brasileiro, C. A. 2016. Costs and benefits of temporary egg desertion in a rocky shore frog with male-only care. Behavioral Ecology and Sociobiology 70:785-795.

Cook, C. L., Ferguson, J. W. H. and Telford, S. R. 2001. Adaptive male parental care in the giant bullfrog, *Pyxicephalus adspersus*. Journal of Herpetology 35:310-315.
Costa, E. F., Nascimento, F. C., Júnior, M. M. and Santos, E. M. 2017. Aspectos de vida de *Odontophrynus carvalhoi* Savage & Cei, 1965 (Amphibia, Anura, Odontophrynidae) em um brejo de altitude no nordeste brasileiro. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 39:2.
Costa, P. N. and Carvalho-e-Silva, A. M. P. T. 2008. Ontogenia e aspectos comportamentais da larva de *Phasmahyla guttata* (Lutz, 1924) (Amphibia, Anura, Hylidae). Biota Neotropica 8:219–224.
Crump, M. L. 1974. Reproductive strategies in a tropical community. Miscellaneous publication - University of Kansas, Museum of Natural History 61:1–68.
Crump, M. L. 1988. "Aggression in Harlequin Frogs: male-male competition and a possible conflict of interest between the sexes." Animal Behaviour 36:1064-1077.
Crump, M. L. and Townsend, D. S. 1990. Random mating by size in a Neotropical treefrog *Hyla pseudopuma*. Herpetologica 46:383-386.
de Sá, F, Pupin, N. and Haddad, C. F. B. 2018.. Notes on agonistic communication by the Neotropical torrent frog *Hylodes meridionalis* (Hylodidae). Herpetology Notes 11:919-923.
de Sá, F. P., Canedo, C., Lyra, M. L. and Haddad, C. F. 2015. A new species of *Hylodes* (Anura, Hylodidae) and its secretive underwater breeding behavior. Herpetologica 71:58-71.
de Sá, F. P., Zina, J. and Haddad, C. F. 2014. Reproductive dynamics of the Neotropical treefrog *Hypsiboas albopunctatus* (Anura, Hylidae). Journal of Herpetology 48:181-185.
Degenhardt, W. G., Painter, C. W. and Price, A. W. 1996. Amphibians and Reptiles of New Mexico. University of New Mexico Press, Albuquerque.
Del-Grande, M. L. 1995. Estudo comparado da biologia reprodutiva de *Hyla nana* e de *Hyla sanborni* (Amphibia, Anura, Hylidae), em Corumbataí, estado de São Paulo. Master's dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.
Delia, J., Bravo- Valencia, L. and Warkentin, K. M. 2017. Patterns of parental care in Neotropical glassfrogs: fieldwork alters hypotheses of sex- role evolution. Journal of Evolutionary Biology 30:898-914.
Dent, J. N. 1956. Observations on the life history and development of *Leptodactylus albilabris*. Copeia 4:207–210.
Dias, T. M., Maragno, F. P., Prado, C. P. A. and Cechin, S. Z. 2012. *Phyllomedusa azurea* (Hylidae: Phyllomedusinae). Multimale spawning. Herpetological Review 43:634.
Diaz-Gutierrez, N., Vargas-Salinas, F., Rivera-Correa, M., Rojas-Morales, J. A., Escobar-Lasso, S., Velasco, J. A. and Amezquita, A. 2013. Description of the previously unknown advertisement call and tadpole of the Colombian endemic glassfrog *Centrolene savagei* (Anura: Centrolenidae). Zootaxa 3686:289-296.
Diesel, R., Baurle, H. and Vogel, P. 1995. Cave breeding and froglet transport: a novel pattern of anuran brood. Care in the Jamaican frog, *Eleutherodactylus cundalli*. Copeia 1995:354-360.
Domenico, E. A., Haddad, C. F. B. and Zaher, H. 2014. Natural History of *Paratelmatobius gaigeae* (Amphibia, Anura, Leptodactylidae): Description of the tadpole and advertisement call. Journal of Herpetology 48:430-433.
Donnellan, S. C. and Mahony. M. J. 2004. Allozyme, chromosomal and morphological variability in the *Litoria lesueuri* species group (Anura: Hylidae) including a description of a new species. Australian Journal of Zoology 52:1–28.
Donnelly, M. A. and Guyer, C. 1994. Patterns of reproduction and habitat use in an assemblage of Neotropical hylid frogs. Oecologia 98:291-302.
Donnelly, M. A., Guyer, C. and de Sá, R. O. 1990. "The tadpole of a dart poison frog, *Phyllobates lugubris* (Anura: Dendrobatidae)." Proceedings of the Biological Society of Washington 103:427-431.
Downie, J. R. 1996. A new example of female parental behaviour in *Leptodactylus validus*, a frog of the leptodactylid *'melanonotus'* species group. Herpetological Journal 6:32-34.
Dring, J. C. M. 1979. Amphibians and reptiles from northern Trengganu, Malaysia, with descriptions of two new geckos, *Cnemaspis* and *Cyrtodactylus*. Bulletin of the British Museum 34:181-240.
Duellman, W. E. 1967. "Courtship isolating mechanisms in Costa Rican hylid frogs." Herpetologica 23:169-183.
Duellman, W. E. 1970. The Hylid frogs of Middle America. Monograph of the Museum of Natural History University of Kansas 1–753.
Duellman, W. E. 1972. A review of the neotropical frogs of the *Hyla bogotensis* group. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 11:1-31.
Duellman, W. E. 1978. The biology of an equatorial herpetofauna in Amazonian Ecuador. Miscellaneous Publications of the University of Kansas 65:1-352.
Duellman, W. E. 1982. A new species of small yellow *Hyla* from Peru (Anura: Hylidae). Amphibia-Reptilia 3:153-160.
Duellman, W. E. 1989. New species of hylid frogs from the Andes of Columbia and Venezuela. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 131:1-12.
Duellman, W. E. 1996. Anuran amphibians from a seasonally dry forest in southeastern Peru and comparisons of the anurans among sites in the upper Amazon Basin. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 180:1-34.
Duellman, W. E. 1997. Amphibians of La Escalera Region, southeastern Venezuela: Taxonomy, Ecology and Biogeography. Scientific Papers 2:1-52.
Duellman, W. E. and Campbell, J. A. 1992. Hylid frogs of the genus *Plectrohyla*: Systematics and phylogenetic relationships. Miscellaneous publications. University of Michigan. Museum of Zoology 181:1–32.

Duellman, W. E. and Crump, M. L. 1974. Speciation in frog of the *Hyla parviceps* group in the upper Amazon Basin. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 23:1-40.

Duellman, W. E. and D. M. Dennis. 2001. The hylid frogs of Middle America. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Kansas.

Duellman, W. E. and Hoogmoed. M. S. 1984. The taxonomy and phylogenetic relationships of the hylid frog genus *Stefania*. The University of Kansas Muesum of Natural History 75:1-39.

Duellman, W. E. and Savitzky, A. H. 1976. Aggressive behavior in a centrolenid frog, with comments on territoriality in anurans. Herpetologica 401-404.

Duellman, W. E. and Trueb, L. 1964. The biology of the hylid frog *Triprion petasatus*. Copeia 1964:308-321.

Duellman, W. E. and Trueb, L. 1986. Biology of Amphibians. McGraw-Hill, New York.

Duellman, W. E. and Trueb, L. 1994. Biology of Amphibians. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London.

Duellman, W. E. and Veloso, A. 1977. Phylogeny of *Pleurodema* (Anura: Leptodactylidae): a biogeographic model. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 64:1-46.

Duellman, W. E., Cadle, J. E. and Cannatella, D. C. 1988. A new species of terrestrial *Phyllomedusa* (Anura: Hylidae) from southern Peru. Herpetologica 44:91-95.

Duffitt, A. D. and Finkler, M. S. 2011. Sex-related differences in somatic stored energy reserves of *Pseudacris crucifer* and *Pseudacris triseriata* during the early breeding season. Journal of Herpetology 45:224-229.

Dunn, E. R. 1926. Additional frogs from Cuba. Occasional papers of the Boston Society of Natural History 5:209-215.

Dunn, E. R. 1941. Notes on *Dendrobates auratus*. Copeia 1941:88-92.

Dyson, M. L., Henzi, S. P., Halliday, T. R. and Barrett, L. 1998. Success breeds success in mating male reed frogs (*Hyperolius marmoratus*). Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences 265:1417-1421.

Edwards, D. L., Mahony, M. J. and Clulow, J. 2004. Effect of sperm concentration, medium osmolality and oocyte storage on artificial fertilisation success in a myobatrachid frog (*Limnodynastes tasmaniensis*). Reproduction, Fertility and Development 16:347-354.

Edwards, S. R. 1971. Taxonomic notes on South American *Colostethus* with descriptions of two new species (Amphibia, Dendrobatidae). Proceedings of the Biological Society of Washington 84:147-162.

Eens, M. and Pinxten, R. 2000. Sex-role reversal in vertebrates: behavioral and endocrinological accounts. Behavioral Processes 51:135-147.

Emerson, S. B. 1997. Testis size variation in frogs: testing the alternatives. Behavioral Ecology and Sociobiology 41:227–235.

Emerson, S. B. and Hess, D. L. 2001. Glucocorticoids, androgens, testis mass, and the energetics of vocalization in breeding male frogs. Hormones and Behavior 39:59–69.

Fabrezi, M., Quinzio, S., Goldberg, J. and De Sá, R. O. 2012. The development of *Dermatonotus muelleri* (Anura: Microhylidae: Gastrophryninae). Journal of Herpetology 46:363-381.

Faggioni, G. P. 2011. História natural, esforço reprodutivo e relações de tamanho-fecundidade em *Leptodactylus bufonius* (Anura: Leptodactylidae) no Chaco, Mato Grosso do Sul, Brasil. Master's dissertation, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brazil.

Faivovich, J., Ferraro, D. P., Basso, N. G., Haddad, C. F. B., Rodrigues, M. T., Wheeler, W. C. and Lavilla, E. O. 2012. A phylogenetic analysis of *Pleurodema* (Anura: Leptodactylidae: Leiuperinae) based on mitochondrial and nuclear gene sequences, with comments on the evolution of anuran foam nests. Cladistics 28:460–482.

Faivovich, J., Haddad, C. F. B., Baêta, D., Jungfer, K. H., Alvares, G. F. R., Brandão, R. A., Sheil, C., Barrientos, L. S., Barrio-Amoros, C. L., Cruz, C. A. G. and Wheeler, W. C. 2010. The phylogenetic relationships of the charismatic poster frogs, Phyllomedusinae (Anura, Hylidae). Cladistics 25:1–35.

Fei, L., Ye, C. Y., Huang, Y. S., Liu, M. Y., Wang, Y. S. and Li, J. 1999. Atlas of Amphibians of China. Henan Publishing House of Science and Technology, Zhengzhou.

Feio, R. N. 2002. Revisão taxonômica do gênero *Thoropa* Cope, 1865 (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). Ph.D. dissertation, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro State, Brazil.

Fellers, G. M. 1979. Aggression, territoriality and mating behavior in North American treefrogs. Animal Behavior 27:107-119.

Feng, A. S. and Narins, P. M. 1991. Unusual mating behavior of Malaysian treefrogs, *Polypedates leucomystax*. Naturwissenschaften 78:362-365.

Fukuyama K. and Kusano, T. 1992. Factors affecting breeding activity in a stream-breeding frog, *Buergeria buergeri*. Journal of Herpetology 26:88–91.

Galvis, P. A., Sánchez-Pacheco, S. J., Ospina-Sarria, J. J., Anganoy-Criollo, M., Gil, J. and Rada, M. 2014. Hylid Tadpoles from the Caribbean Island of *Hispaniola*: Ontogeny, Description and Comparison of External Morphology. South American Journal of Herpetology 9:154-169.

Garcia, P. C. A. 1996. Recaracterização de *Scythrophrys sawayae* (Cochran, 1953) baseada em morfologia, osteologia e aspectos da miologia e história natural (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). Master's dissertation, Instituto de Biociências, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul State, Brazil.

Garcia, P. C. A. and Kwet, A. 2004. *Aplastodiscus cochranae*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 25 May 2015.

Garcia, P. C. A. Caramaschi, U. and Kwet, A. 2001. O status taxonômico de *Hyla cochranae* Mertens e recaracterização de Aplastodiscus A. Lutz (Anura, Hylidae). Revista Brasileira de Zoologia 18:1197-1218.

Garcia, P. C. A., Vinciprova, G. and Haddad, C. F. B. 2003. The taxonomic status of *Hyla pulchella joaquini* B. Lutz, 1968 (Anura: Hylidae), with description of tadpole, vocalization, and comments on its relationships. Herpetologica 52:350-364.

Garton, J. S. and Brandon, R. A. 1975. Reproductive ecology of the green treefrog, *Hyla cinerea*, in southern Illinois (Anura: Hylidae). Herpetologica 31:150-161.

Giaretta, A. A. 1994. Utilização de recursos e potencial reprodutivo dos leptodactilídeos (Amphibia – Anura) de uma floresta semidecídua de altitude no sudeste do Brasil. Master's dissertation, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo State, Brazil.

Giaretta, A. A. 1996. Reproductive specializations of the bromeliad hylid frog *Phyllodytes luteolus*. Journal of Herpetology 30:96-97.

Giaretta, A. A. and Facure, K. G. 2004. Reproductive ecology and behavior of *Thoropa miliaris* (Spix, 1824) (Anura, Leptodactylidae, Telmatobiinae). Biota Neotropica 4:1-9.

Giaretta, A. A. and Facure, K. G. 2006. Terrestrial and communal nesting in *Eupemphix nattereri* (Anura, Leiuperidae): interactions with predators and pond structure. Journal of Natural History 40:2577-2587.

Giaretta, A. A. and Facure, K. G. 2008. Reproduction and habitat of ten Brazilian frogs (Anura). Contemporary Herpetology 3:1-4.

Giaretta, A. A. and Kokubum, M. N. C. 2003. A new species of *Pseudopaludicola* (Anura, Leptodactylidae) from northern Brazil. Zootaxa 383:1–8.

Giasson, L. O. M. 2008. Atividade sazonal e uso do ambiente por anfíbios da mata atlântica no alto da Serra do Mar. Ph.D. dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.

Giasson, L. O. M. and Haddad, C. F. B. 2007. Mate choice and reproductive biology of *Hypsiboas albomarginatus* (Anura: Hylidae) in the Atlantic Forest, Southeastern Brazil. South American Journal of Herpetology 2:157–164.

Gibbs, J. P. and Breisch, A. R. 2001. Climate warming and calling phenology of frogs near Ithaca, New York, 1900–1999. Conservation Biology 15:1175-1178.

Glaw, F. and Vences, M. 2007. A field guide to the amphibians and reptiles of Madagascar. Cologne: Vences and Glaw Verlag.

Glos, J. 2003. The amphibian fauna of the Kirindy dry forest in western Madagascar. Salamandra 39:75–90.

Glos, J. and Linsenmair, K. E. 2004. Descriptions of the Tadpoles of *Aglyptodactylus laticeps* and *Aglyptodactylus securifer* from Western Madagascar, with Notes on Life History and Ecology. Journal of Herpetology 38:131-137.

Gomez-Mesa, L., Pereira-Ribeiro, J., Ferreguetti, A. C., Almeida-Santos, M., Bergallo, H. G. and Rocha, C. F. 2017. Ecological and reproductive aspects of *Aparasphenodon brunoi* (Anura: Hylidae) in an ombrophilous forest area of the Atlantic Rainforest Biome, Brazil. Zoologia (Curitiba) 34.

Gomez-Mestre, I., Pyron, R. A. and Wiens, J. J. 2012. Phylogenetic analyses reveal unexpected patterns in the evolution of reproductive modes in frogs. Evolution 66:3687–3700.

Gomez-Mestre, I., Wiens, J. J. and Warkentin, K. M. 2008. Evolution of adaptive plasticity: risk-sensitive hatching in neotropical leaf-breeding treefrogs. Ecological Monographs 78:205-224.

Gosner, K. L. and Black, I. H. 1958. Observations on the life history of Brimley's chorus frog. Herpetologica 13:249-254.

Gottsberger, B. and Gruber, E. 2004. Temporal partitioning of reproductive activity in a neotropical anuran community. Journal of Tropical Ecology 20:271-280.

Grafe, T. U., Kaminsky, S. K. and Linsenmair, K. E. 2005. Terrestrial larval development and nitrogen excretion in the afro-tropical pig-nosed frog, *Hemisus marmoratus*. Journal of Tropical Ecology 21; 219-222.

Gramapurohit, N. P., Shanbhag, B. A. and Saidapur, S. K. 2005. Post-metamorphic growth, sexual maturation and body size dimorphism in the skipper frog, *Euphlyctis cyanophlyctis* (Schneider). Herpetological Journal 15:113-119.

Greene, A. E. and Funk, W. C. 2009. Sexual selection on morphology in an explosive breeding amphibian, the Columbia spotted frog (*Rana luteiventris*). Journal of Herpetology 43:244-251.

Grenat, P. R., Zavala Gallo, L. M., Salas, N. E. and Martino, A. L. 2012. Reproductive behaviour and development dynamics of *Odontophrynus cordobae* (Anura, Cycloramphidae). Journal of Natural History 46:1141-1151.

Gridi-Papp, M. 1997. Reprodução de anuros (Amphibia) em duas lagoas de altitude na Serra da Mantiqueira. Master's dissertation, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo State, Brazil.

Gunzburger M. S. 2006. Reproductive ecology of the green treefrog (*Hyla cinerea*) in Northwestern Florida. American Midland Naturalist 155:321–329.

Gunzburger, M. S. and Travis, J. 2007. Egg clutch characteristics of the barking treefrog, *Hyla gratiosa*, from North Carolina and Florida. Herpetological Review 38:22-24.

Haddad C. F. B. and Sazima I. 1992. Anfíbios da Serra do Japi. In: MORELATTO LPC (Ed), História Natural da Serra do Japi: ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil, Campinas: Unicamp e Fapesp, Brasil, p. 188-211.

Haddad, C. F. and Martins, M. 1994. Four species of Brazilian poison frogs related to *Epipedobates pictus* (Dendrobatidae): taxonomy and natural history observations. Herpetologica 282-295.

Haddad, C. F. B. 1991. Ecologia reprodutiva de uma comunidade de anfíbios anuros na Serra do Japi, Sudeste do Brasil. Ph.D. dissertation, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo State, Brazil.

Haddad, C. F. B. and Cardoso, A. J. 1987. Taxonomia de Três espécies de *Pseudopaludicola* (Anura, Leptodactylidae). Papéis Avulsos de Zoologia 36:287–300.

Haddad, C. F. B. and Prado, C. P. A. 2005. Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic forest of Brazil. BioScience 55:207–217.

Haddad, C. F. B., Toledo, L. F., Prado, C. P. A., Loebmann, D., Gasparini, J. L. and Sazima, I. 2013. Guia dos Anfíbios da Mata Atlântica: Diversidade e Biologia / Guide to the Amphibians of the Atlantic Forest: Diversity and Biology. São Paulo: Anolis Books.

Haddad, C. F., Faivovich, J. and Garcia, P. C. 2005. The specialized reproductive mode of the treefrog *Aplastodiscus perviridis* (Anura: Hylidae). Amphibia-Reptilia 26:87-92.

Haramura, T. 2008. Experimental test of spawning site selection by *Buergeria japonica* (Anura: Rhacophoridae) in response to salinity level. Copeia 2008:64-67.

Harper, F. 1939. Distribution, taxonomy, nomenclature, and habits of the little treefrog (*Hyla ocularis*). American Midland Naturalist 22:134–149.

Hartmann, M. T. 2004. Biologia reprodutiva de uma comunidade de anuros (Amphibia) na mata atlântica (Picinguaba, Ubatuba, SP). Ph.D. dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.

Hartmann, M. T., Hartmann, P. A. and Haddad, C. F. B. 2010. Reproductive modes and fecundity of an assemblage of anuran amphibians in the Atlantic rainforest, Brazil. Iheringia, Série Zoologia 100:207-215.

Hengl, T. and Burgin, S. 2002. Reproduction and larval growth of the urban dwelling Brown Striped Marsh Frog *Limnodynastes peronii*. Australian Zoologist 32:62-68.

Hernández-Salinas, U., Ramírez-Bautista, A., Stephenson, B. P., Cruz-Elizalde, R., Berriozabal-Islas, C. and Balderas-Valdivia, C. J. 2018. Amphibian life history in a temperate environment of the Mexican Plateau: dimorphism, phenology and trophic ecology of a hylid frog, *Hyla eximia* (= *Dryophytes eximius*). PeerJ 6:e5897.

Hero, J. M. and Galatti, U. 1990. Characteristics distinguishing *Leptodactylus pentadactylus* and *L. knudseni* in the Central Amazon Rainforest. Journal of Herpetology 24:226-228.

Hertz, A., Batista, A. and Köhler, G. 2012. Description of the previously unknown advertisement call of *Isthmohyla zeteki* (Anura, Hylidae). Herpetology Notes 5:355-359.

Hervas, F., Torres, K. P., Montenegro-Larrea, P. and del Pino, E. M. 2015. Development and gastrulation in *Hyloxalus vertebralis* and *Dendrobates auratus* (Anura: Dendrobatidae). Amphibian & Reptile Conservation 8:121-135.

Heyer, W. R. 1973. Systematics of the Marmoratus group of the frog genus *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae). Natural History Museum 25:1-50.

Heyer, W. R. 1978. Systematics of the fuscus group of the frog genus *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae). National History Museum of Los Angeles County 29:1-85.

Heyer, W. R. 1994. Variation within the *Leptodactylus podicipinus-wagneri* complex of frogs (Amphibia: Leptodactylidae). Smithsonian Contributions to Zoology 546.

Heyer, W. R. and Bellin. M. S. 1973. Ecological notes on five sympatric *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae) from Ecuador. Herpetologica 29:66-72.

Heying, H. E. 2001. Social and reproductive behaviour in the Madagascan poison frog, *Mantella laevigata*, with comparisons to the dendrobatids. Animal Behaviour 61:567-577.

Hirai, T. and Matsui, M. 2000. Feeding Habits of the Japanese Tree Frog, *Hyla japonica*, in the Reproductive Season. Zoological Sciences 17: 977-982.

Hödl, W. 1990. An analysis of foam nest construction in the neotropical frog *Physalaemus ephippifer* (Leptodactylidae). Copeia 547-554.

Hödl, W., Amézquita, A. and Narins, P. M. 2004. The role of call frequency and the auditory papillae in phonotactic behavior in male dart-poison frogs *Epipedobates femoralis* (Dendrobatidae). Journal of Comparative Physiology A. 190:823–829.

Horton, P. 1982. Precocious reproduction in the Australian frog *Limnodynastes tasmaniensis*. Herpetologica 486-489.

Hu, S. Q., Fei, L., Hu, Q. X., Huang, Q. Y., Huang, Y. Z., Jiang, Y. M., Tian, W. S., Ye, C. Y. and. Zhao. E. M. 1987. The Series of the Scientific Expedition to the Qinghai-Xizang Plateau. Science Press, Beijing.

Huang, M. H., Jin, Y. L. and Cai, C. M. 1990. Fauna of Zhejiang: Amphibia, Reptilia. Zhejiang Science and Technology Publishing House, Hangzhou.

Huang, W. S., Lee, J. K. and Ho, C. H. 2001. Reproductive patterns of two sympatric rhacophorid frogs, *Buergeria japonica* and *B. robusta*, with comments on anuran breeding seasons in Taiwan. Zoological Science 18:63–70.

Huang, W. S., Lin, J. Y., and Yu, J. Y. L. 1996. The male reproductive cycle of the toad, *Bufo bankorensis*, in Taiwan. Zoological Studies-Taipei 35:128-137.

Hughey, M. C., Delia, J., and Belden, L. K. 2017. Diversity and stability of egg- bacterial assemblages: The role of paternal care in the glassfrog *Hyalinobatrachium colymbiphyllum*. Biotropica 49:792-802.

Hulse, A. C., McCoy, D. J. and Densky, E. J. 2001. Amphibians and Reptiles of Pennsylvania and the Northeast. Comstock Publishing Associates, Cornell University Press, Ithaca.

Inger, R. F. 1954. Systematics and Zoogeography of Philippine Amphibia. Fieldiana: Zoology 33:181-531.

Inger, R. F. 1966. The systematics and zoogeography of the Amphibia of Borneo. Fieldiana: Zoology 52:1-402.
Inger, R. F. and Bacon, J. P. Jr. 1968. Annual reproduction and clutch size in rain forest frogs from Sarawak. Copeia 968:602-606.
Jacobson, S. K. 1985. Reproductive behavior and male mating success in two species of glass frogs (Centrolenidae). Herpetologica 396-404.
Jared, C., Antoniazzi, M. M., Katchburian, E., Toledo, R. C. and Freymüller, E. 1999. "Some aspects of the natural history of the casque-headed tree frog *Corythomantis greeningi* Boulenger (Hylidae)." Annales des Sciences Naturelles - Zoologie et Biologie Animale 20:105-115.
Jennions, M. D., Backwell, P. R. Y. and Passmore, N. I. 1992. Breeding behavior of the African frog *Chiromantis xerampelina*: Multiple spawning and polyandry. Animal Behaviour 44:1091-1100.
Jorge, R. F. 2014. Fatores determinantes dos padrões de distribuição e densidade de *Allobates sumtuosus* (Dendrobatidae) e *Atelopus spumarius* (Bufonidae) em duas bacias de drenagem em uma área de floresta de terra-firme na Amazônia central.
Jowers, M. J. and Downie, J. R. 2005. Tadpole deposition behavior in male stream frogs *Mannophryne trinitatis* (Anura: Dendrobatidae). Journal of Natural History 39:3013-3027.
Jungfer, K. H. 1996. "Reproduction and parental care of the crowned tree frog, *Anotheca spinosa*." Herpetologica 52:25-32.
Jungfer, K. H. and Hödl, W. 2002. A new species of *Osteocephalus* from Ecuador and a redescription of *O. leprieurii* (Dumeril & Bibron, 1841) (Anura: Hylidae). Amphibia-Reptilia 23:21–46.
Jungfer, K. H. and Weygoldt, P. 1999. Biparental care in the tadpole-feeding Amazonian treefrog *Osteocephalus oophagus*. Amphibia-Reptilia 20:235–249.
Jungfer, K. H., Faivovich, J., Padial, J. M., Castroviejo-Fisher, S., Lyra M. M. et al. 2013. Systematics of spiny-backed treefrogs (Hylidae: *Osteocephalus*): an Amazonian puzzle. Zoologica Scripta 42:351–380.
Kakazu, S. 2009. Dieta de *Cycloramphus boraceiensis* (Anura; Cycloramphidae) em riachos da Mata Atlântica, litoral norte do Estado de São Paulo, sudeste do Brasil.
Kaplan, R. H. 1989. Ovum size plasticity and maternal effects on the early development of the frog, *Bombina orientalis* Boulenger, in a field population in Korea. Functional Ecology 597-604.
Kaplan, R. H. 1992. Greater maternal investment can decrease offspring survival in the frog *Bombina orientalis*. Ecology 73:280-288.
Kasuya, E., Hirota, M. and Shigehara, H. 1996. Reproductive behavior of the Japanese treefrog, *Rhacophorus arboreus* (Anura: Rhacophoridae). Researches on Population Ecology 38:1-10.
Khan, M. S. and Malik, S. A. 1987. Reproductive strategies in a subtropical anuran population in arid Punjab, Pakistan. Biologia 33:279-303.
Kok, P. J. and Benjamin, P. 2007. *Stefania evansi* (Groete Creek carrying frog): froglet carrying. Herpetological Bulletin 100:38-39.
Kok, P. J. R., Bourne, G. R., Benjamin, P. and Lenglet, G. L. 2006. *Stefania evansi* (Groete Creek carrying frog): reproduction. Herpetological Review 37:212-213.
Kopp, K., Signorelli, L. and Bastos, R. P. 2010. Distribuição temporal e diversidade de modos reprodutivos de anfíbios anuros no Parque Nacional das Emas e entorno, estado de Goiás, Brasil. Iheringia, Série Zoologia 100:192-200.
Kubicki, B. 2004. Rediscovery of *Hyalinobatrachium chirripoi* (Anura: Centrolenidae) in southeastern Costa Rica. Revista de Biología Tropical 52:214-218.
Kubicki, B. 2007. Glass Frogs of Costa Rica. Santo Domingo de Heredia, Costa Rica: Instituto Nacional de Biodiversidad.
Kusano, T., Sakai, A. and Hatanaka, S. 2006. Ecological functions of the foam nests of the Japanese treefrog, *Rhacophorus arboreus* (Amphibia, Rhacophoridae). The Herpetological Journal 16:163-169.
Kusano, T., Toda, M. and Fukuyama, K. 1991. Testes size and breeding systems in Japanese anurans with special reference to large testes in the tree-frog, *Rhacophorus arboreus* (Amphibia: Rhacophoridae). Behavioral Ecology and Sociobiology 29:27-31.
Kuzmin, S. L. 1999. The Amphibians of the Former Soviet Union. Pensoft Publishers, Sofia.
Kwet, A. 2001. Frösche im brasilianischen Araukarienwald— Anurengemeinschaft des Araukarienwaldes von Rio Grande do Sul: Diversität, Reproduktion und Ressourcenaufteilung. Natur und Tier - Verlag, Münster.
Kwet, A. and Di-Bernardo, M. 1999. Pró-Mata-Anfíbios. Amphibien. Amphibians. EDIPUCRS, Porto Alegre.
La Marca, E., Azevedo-Ramos, C., and C. L. B. Amorós. 2004. *Allophryne ruthveni*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59659A11965583. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59659A11965583.en. Downloaded on 05 May 2020.
La Marca, E., Azevedo-Ramos, C., Reynolds, R., Coloma, L. A., and S. Ron. 2010. *Trachycephalus resinifictrix*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T55823A11373135. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-2.RLTS.T55823A11373135.en. Downloaded on 05 May 2020.
Landestoy, M. A. 2013. Observations on the breeding behavior of the Hispaniolan green treefrog, *Hypsiboas heilprini*. IRCF Reptiles & Amphibians 20:160–165.
Langone, J. S., Segalla, M. V., Bornschein, M. and de Sá, R. O. 2008. A new reproductive mode in the genus *Melanophryniscus* Gallardo, 1961 (Anura: Bufonidae) with description of a new species from the state of Paraná, Brazil. South American Journal of Herpetology 3:1-9.
Lannoo, M. J., Townsend, D. S. and Wassersug R. 1987. Larval life in the leaves: arboreal tadpole types, with special attention to the morphology, ecology, and behavior of the oophagous *Osteopilus brunneus* (Hylidae) larva. Fieldiana Zoology 38:1–31.

Laufer, G. and Barreneche, J. M. 2008. Re-description of the tadpole of *Pseudopaludicola falcipes* (Anura: Leiuperidae), with comments on larval diversity of the genus. Zootaxa 1760:50–58.
Lechelt, S., HöDL, W. and Ringler, M. 2014. The role of spectral advertisement call properties in species recognition of male *Allobates talamancae* (COPE, 1875). Herpetozoa 26:139-150.
Lee, J. C. 2000. A Field Guide to the Amphibians and Reptiles of the Maya World. Cornell University Press, Ithaca.
Lee, J.C. 1996. The Amphibians and Reptiles of the Yucatan Peninsula. Cornell University Press, Ithaca, New York.
Lehtinen, R. M. and Nussbaum, R. A. 2003. Parental care: A phylogenetic perspective. Pages 343-387 in B. G. M. Jamieson, ed. Reproductive Biology and Phylogeny of Anura. Science Publishers, Inc., Enfield.
Li, Z., Cheng, C. and Liao, W. B. 2017. No evidence for trade-off between clutch size and egg size in the spot-legged treefrog (*Polypedates megacephalus*). North-Western Journal of Zoology 13:1.
Liao, W. B. and Lu, X. 2010. Age structure and body size of the Chuanxi tree toad *Hyla annectans chuanxiensis* from two different elevations (China). Zoologischer Anzeiger 248:255–263.
Liao, W. B. and Lu, X. 2011. Male mating success in the Omei treefrog (*Rhacophorus omeimontis*): the influence of body size and age. Belgian Journal of Zoology 141:3-12.
Licht, L. E. 1971. Breeding habits and embryonic thermal requirements of the frogs, *Rana aurora aurora* and *Rana pretiosa pretiosa*, in the Pacific Northwest. Ecology 52:116-124.
Lim, K. K. P. and Ng, P. K. L. 1991. Nepenthiphilous larvae and breeding habits of the sticky frog, *Kalophrynus pleurostigma* Tschudi (Amphibia: Microhylidae). Raffles Bulletin of Zoology 39:C214.
Lima, A. P., Caldwell, J. P. and Strussmann, C. 2009. Redescription of *Allobates brunneus* (Cope) 1887 (Anura: Aromobatidae: Allobatinae), with a description of the tadpole, call, and reproductive behavior. Zootaxa 1988:1-16.
Lima, A. P., Magnusson, W. E., Menin, M., Erdtmann, L. K., Rodrigues, D. J., Keller, C. and Hödl, W. 2006. Guide to the frogs of Reserva Adolpho Ducke. Manaus, INPA.
Lima, J. R., Galatti, U., Lima, C. J., Fáveri, S. B., Vasconcelos, H. L. and Neckel‐ Oliveira, S. 2015. Amphibians on Amazonian land‐ bridge islands are affected more by area than isolation. Biotropica 47:369-376.
Lima, L. P., Bastos, R. P. and Giaretta, A. A. 2005. A new *Scinax* Wagler, 1830 of the *S. rostratus* group from Central Brazil (Amphibia, Anura, Hylidae). Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro 62:505-512.
Lindquist, E. D. and Swihart, D. W. 1997. *"Atelopus chiriquiensis* (Chiriqui Harlequin Frog). Mating behaviour and egg-laying." Herpetological Review 3:145-146.
Linsenmair, K. E. and Glos, J. 2005. Description of the tadpoles of *Boophis doulioti* and *B. xerophilus* from Western Madagascar with notes on larval life history and breeding ecology. Amphibia-Reptilia 26:459-466.
Loebmann, D. 2010. Herpetofauna do Planalto da Ibiapaba, Ceará: composição, aspectos reprodutivos, distribuição espaço-temporal e conservação. Ph.D. dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.
Loman, J. and Andersson, G. 2007. Monitoring brown frogs *Rana arvalis* and *Rana temporaria* in 120 south Swedish ponds 1989–2005. Mixed trends in different habitats. Biological Conservation 135:46-56.
Lötters, S., Jungfer, K., Henkel, F. W. and W. Schmidt. 2007. Poison frogs: Biology, species & captive care. Frankfurt, Edition Chimaira.
Lu, X., Ma, X., Fan, L., Hu, Y., Lang, Z., Li, Z. and Guo, W. 2016. Reproductive ecology of a Tibetan frog *Nanorana parkeri* (Anura: Ranidae). Journal of Natural History 50:2769-2782.
Lu, X., Ma, X., Li, Y. and Fan, L. 2009. Breeding behavior and mating system in relation to body size in *Rana chensinensis*, a temperate frog endemic to northern China. Journal of Ethology 27:391-400.
Lu, X., Zeng, X. I. A. N. H. A. I., Du, B. and Nie, C. H. U. A. N. 2008. Reproductive ecology of *Rana kukunoris* NIKOLSKII, 1918, a high-altitude frog native to the Tibetan Plateau. Herpetozoa 21:67-77.
Luría-Manzano, R. and Gutiérrez-Mayén, G. 2014. Reproduction and diet of *Hyla euphorbiacea* (Anura: Hylidae) in a pine-oak forest of southeastern Puebla, Mexico. Vertebrate Zoology 64:207-213.
Lutz, B. 1947. Trends towards non-aquatic and direct development in frogs. Copeia 1947:242-252.
Lutz, B. 1973. Brazilian Species of Hyla. University of Texas Press, Austin and London.
Lynch, J. and Duellman, W. E. 1973. A review of the centrolenid frogs of Ecuador, with descriptions of new species. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 16:1-66.
Maeda, N. and Matsui, M. 1990. Frogs and Toads of Japan, 2nd edition. Tokyo, Bun-Ichi Sogo Shuppan.
Magnusson, W. E., Lima, A. P., Hero, J. M. and Araújo, M. C. 1999. The rise and fall of a population of *Hyla boans*: Reproduction in a Neotropical Gladiator Frog. Journal of Herpetology 33:647–656.
Malkmus, R. and Dehling, J. M. 2008. Anuran amphibians of Borneo as phytotelm-breeders–a synopsis. Herpetozoa 20:165-172.
Maneyro, R. and da Rosa, I. 2004. Temporal and spatial changes in the diet of *Hyla pulchella* (Anura, Hylidae) in southern Uruguay. Phyllomedusa 3:101–113.
Marangoni, F., Schaefer, E., Cajade, R. and Tejedo, M. 2009. Growth-mark formation and chronology of two neotropical anuran species. Journal of Herpetology 43:546-550.
Márquez, R. 1992. Terrestrial paternal care and short breeding seasons: Reproductive phenology of the midwife toads *Alytes obstetricans* and *A. cisternasii*. Ecography 15:279-288.
Márquez, R., Esteban, M. and Castanet, J. 1997. Sexual size dimorphism and age in the midwife toads *Alytes obstetricans* and *A. cisternasii*. Journal of Herpetology 31:52–59.

Martins, A. C. J., Kiefer, M. C., Siqueira, C. C., Van Sluys, M., Menezes, V. A. and Rocha, C. F. 2010. Ecology of *Ischnocnema parva* (Anura: Brachycephalidae) at the Atlantic rainforest of Serra da Concórdia, state of Rio de Janeiro, Brazil. Zoologia 27:2.

Martins, I. A. 1996. Biologia reprodutiva de *Leptodactylus podicipinus* (Cope,1862) (Anura, Leptodactylidae) na região noroeste do Estado de São Paulo. Master's dissertation, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, SP, Brazil.

Martins, M. 1993. Observations on the reproductive behaviour of the smith frog, *Hyla faber*. Herpetological Journal 3:31–34.

Martins, M. and Haddad. C. F. B. 1988. Vocalizations and reproductive behaviour in the smith frog, *Hyla faber* Wied (Amphibia: Hylidae). Amphibia-Reptilia 9:49–60.

Maxell, B.A., Werner, J. K., Hendricks, P. and Flath, D. 2003. Herpetology in Montana: a history, status summary, checklists, dichotomous keys, accounts for native, potentially native, and exotic species, and indexed bibliography. Olympia, WA: Society for Northwestern Vertebrate Biology. Northwest Fauna 5:1-138.

McCallum, M. L. and Trauth, S. E. 2007. Physiological tradeoffs between immunity and reproduction in the Northern cricket frog (*Acris crepitans*). Herpetologica 63: 269-274.

McCranie, J. R., Townsend, J. H. and Wilson, L. D. 2003. *Hyla miliaria* (Anura: Hylidae) in Honduras, with notes on calling site. Caribbean Journal of Science 39:398–399.

McCranie, J. R., Wilson, L. D. and Williams, K. L. 1987. *Plectrohyla guatemalensis* reproduction. Herpetological Review 18:72.

McDonald, K. R. and Storch, D. 1993. A new reproductive mode for an Australian hylid frog. Memoirs of the Queensland Museum 34: 200.

McKay, J. L. 2006. A Field Guide to the Amphibians and Reptiles of Bali. Florida, Krieger Publishing Company.

Mercurio, V. and Andreone, F. 2006. The tadpoles of *Scaphiophryne gottlebei* (Microhylidae: Scaphiophryninae) and *Mantella expectata* (Mantellidae: Mantellinae) from Isalo Massif, south-central Madagascar. Alytes-Paris 23:81.

Mertens, R. 1938. Herpetologische Ergebnisse einer Reise nach Kamerun. Abhandlungen der senckenbergischen naturforschenden Gesellschaft 442:1-52.

Mesquita, D. O., Costa, G. C. and Zatz, M. G. 2004. Ecological aspects of the casque-headed frog *Aparasphenodon brunoii* (Anura, Hylidae) in a Restinga habitat in southeastern Brasil. Phyllomedusa 3:51-59.

Mitchell, J. C. 1986. Life history patterns in a central Virginia frog community. Virginia Journal of Science 37:262–271.

Mitchell, J. C. and Pague, C. A. 2014. Filling gaps in life-history data: clutch size for 21 species of North American anurans. Herpetology Conservation Biology 3, 495-501.

Moore, J. A. 1961. The Frogs of Eastern New South Wales. American Museum of Natural History, New York.

Moreira, L. F. B., Machado, I. F., Lace, A. R. G. M. and Maltchik, L. 2007. Calling period and reproductive modes in an anuran community of a temporary pond in Southern Brazil. South American Journal of Herpetology 2:129–135.

Morrison, C. and Hero, J, M. 2003. Geographic variation in life-history characteristics of amphibians: a review. Journal of Animal Ecology 72:270-279.

Murphy, J. F., Simandle, E. T. and Becker, D. E. 2003. Population status and conservation of the black toad, *Bufo exsul*. Southwestern Naturalist 48:54-60.

Myers, C. W. and Daly, J. W. 1979. A name for the poison frog of Cordillera Azul, Eastern Peru, with notes on its biology and skin toxins (Dendrobatidae). American Museum Novitates 2674:1-24.

Myers, C. W., Daly, J. W. and Malkin, B. 1978. A dangerously toxic new frog (*Phyllobates*) used by Embera Indians of western Colombia, with discussion of blowgun fabrication and dart poisoning. Bulletin of the American Museum of Natural History 161:309-365.

Najera-Hillman, E. 2009. *Leiopelma hochstetteri* Fitzinger 1861 (Anura: Leiopelmatidae) habitat ecology in the Waitakere Ranges, New Zealand (Doctoral dissertation, Auckland University of Technology).

Nascimento, A. P. B., Almeida, A., Lantyer-Silva, A. S. F. and Zina, J. 2015. Biologia reprodutiva de *Hypsiboas crepitans* (Amphibia, Anura, Hylidae). Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 271-291.

Nascimento, L. B. 2003. Revisão taxonômica dos grupos de espécies do gênero *Physalaemus* Fitzinger, 1826 (Anura, Leptodactylinae). Ph.D. dissertation, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro State, Brazil.

Natale, G. S., Alcalde, L., Herrera, R., Cajade, R,. Schaefer, E. F., Marangoni, F. and Trudeau, V. L. 2011. Underwater acoustic communication in the macrophagic carnivorous larvae of *Ceratophrys ornata* (Anura: Ceratophryidae). Acta Zoologica 92:46-53.

Neckel-Oliveira, S. and Wachlevski, M. 2004. Predation on the Arboreal Eggs of Three Species of *Phyllomedusa* in Central Amazônia. Journal of Herpetology 38:244–248.

Nogueira-Costa, P., Almeida-Santos, P., Segadilha, J. L. and Rocha, C. F. D. 2016. Predation on egg clutch of *Bokermannohyla circumdata* (Anura: Hylidae) by the crab *Trichodactylus fluviatilis* (Crustacea: Trichodactylidae). Herpetology Notes 9:323-324.

Nokhbatolfoghahai, M., Mitchell, N. J. and Downie, J. R. 2010. Surface ciliation and tail structure in direct-developing frog embryos: a comparison between *Myobatrachus gouldii* and *Pristimantis* (= *Eleutherodactylus*) *urichi*. The Herpetological Journal 20:59-68.

Noronha, J. C., Lima, M. M., Velasquez, C. L., Almeida, E. J. and Rodrigues, A. B. D 2015. Update of anurans species of São Nicolau farm, Mato Grosso, Brazil. Scientific Electronic Archives 8:1.

Nussbaum, R., Brodie, E. D. Jr. and Storm, R. M. 1983. Amphibians and Reptiles of the Pacific Northwest. University Press of Idaho, Idaho.
Okada, Y. 1966. Fauna Japonica Anura (Amphibia). Tokyo Electrical Engineering College Press, Tokyo.
Oliveira-Filho, J. C. and Giaretta, A. A. 2008. Biologia reprodutiva de *Leptodactylus mystacinus* (Anura, Leptodactylidae) com notas sobre o canto de corte de outras espécies de *Leptodactylus*. Iheringia, Série Zoologia [online] 98:508–515.
Ortega J. E., Serrano, V. H. and Ramírez-Pinilla, M. P. 2005. Reproduction of an introduced population of *Eleutherodactylus johnstonei* at Bucaramanga, Colombia. Copeia 2005:642–648.
Ovaska, K. and Hunte, W. 1992. Male mating behavior of the frog *Eleutherodactylus johnstonei* (Leptodactylidae) in Barbados, West Indies. Herpetologica 48:40-49.
Parker, H. W. 1940. The Australiasian frogs of the family Leptodactylidae. Novitates Zoologicae 42:1-105.
Pavan, D. and Telles, A. M. 2004, *Scinax crospedospilus*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 25 May 2015.
Perotti, M. G. 1997. Modos reproductivos y variables reproductivas cuantitativas de un ensamble de anuros del Chaco semiárido, Salta, Argentina. Revista Chilena de Historia Natural 70:277-288.
Poelman, E. H., Verkade, J. C., van Wijngaarden, R. P., and Félix-Novoa, C. 2010. Descriptions of the tadpoles of two poison frogs, *Ameerega parvula* and *Ameerega bilinguis* (Anura: Dendrobatidae) from Ecuador. Journal of Herpetology 44:409-418.
Pombal Jr, J. P., Sazima, I. and Haddad, C. F. 1994. Breeding behavior of the pumpkin toadlet, *Brachycephalus ephippium* (Brachycephalidae). Journal of Herpetology 516-519.
Pombal-Jr, J. P. 1992. História natural de *Brachycephalus ephippium* (Anura, Brachycephalidae), na região de Campinas, estado de São Paulo. Master's dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.
Pombal-Jr, J. P. and Haddad, C. F. B. 2005. Estratégia e modos reprodutivos de anuros (Amphibia) em uma poça permanente na Serra de Paranapiacaba, Sudeste do Brasil. Papéis Avulsos de Zoologia 45:201–213.
Pope, C. H. 1931. Notes on Amphibians from Fukien, Hainan and other parts of China. Bulletin of the American Museum of Natural History 61:307-611.
Pounds, J. A. and Crump, M. L. 1987. Harlequin frogs along a tropical montane stream: aggregation and the risk of predation by frog-eating flies. Biotropica 306-309.
Prado, C. P. A. 2004. Estratégias reprodutivas em uma comunidade de anfíbios anuros no Pantanal, MS. Ph.D. dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.
Prado, C. P. A. and Haddad, C. F. B. 2003. Testes size in Leptodactylid frogs and occurrence of multimale spawning in the genus *Leptodactylus* in Brazil. Journal of Herpetology 37:354–362.
Prado, C. P. A., Uetanabaro, M. and Hadad, C. F. B. 2002. Description of a new reproductive mode in *Leptodactylus* (Anura, Leptodactylidae), with a review of the reproductive specialization toward terrestriality in the genus. Copeia 2002:1128-1133.
Prado, C. P. A., Uetanabaro, M. and Haddad. C. F. B. 2005. Breeding activity patterns, reproductive modes, and habitat use by anurans (Amphibia) in a seasonal environment in the Pantanal, Brazil. Amphibia-Reptilia 26:211–221.
Práger, A. C. L. M. 2010. Pressões seletivas e o dimorfismo sexual em tamanho em anuros da família Hylidae. Undergraduate thesis, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, SP, Brazil.
Prestwich, K. N., Brugger, K. E. and Topping, M. 1989. Energy and communication in three species of hylid frogs: power input, power output and efficiency. Journal of Experimental Biology 144:53–80.
Pröhl, H. 2005. Territorial behavior in dendrobatid frog. Journal of Herpetology 39:354-365.
Pupin, N. C., Gasparini, J. L., Bastos, R. P., Haddad, C. F. B. and Prado, C. P. A. 2010. Reproductive biology of an endemic *Physalaemus* of the Brazilian Atlantic forest and the trade-off between clutch and egg size in terrestrial breeders of the *P. signifer* group. Herpetological Journal 20:147–156.
Quiguango- Ubillús, A., and Coloma, L. A. 2008. Notes on behaviour, communication and reproduction in captive *Hyloxalus toachi* (Anura: Dendrobatidae), an Endangered Ecuadorian frog. International Zoo Yearbook 42:78-89.
Rabb, G. B. and Rabb, M. S. 1962. On the behavior and breeding biology of the African pipid frog *Hymenochirus boettgeri*. Sonderdruck aus Zeitschrift fur Tierpsychologie 20:215-241.
Rabb, G. G. and Rabb, M. S. 1963. Additional observations on breeding behavior of the Surinam toad, *Pipa pipa*. Copeia 1963:636-642.
Rafin´ska, A. 1991. Reproductive biology of the fire-bellied toads, *Bombina bombina* and *B. variegata* (Anura, Discoglossidae): egg size, cluch size and larval period length differences. Biological Journal of the Linnean Society 43:197–210.
Reaser, J. K. 2000. Demographic analysis of the Columbia spotted frog (*Rana luteiventris*): case study in spatiotemporal variation. Canadian Journal of Zoology 78:1158-1167.
Redmer, M., Brown, L. E. and Brandon, R. A. 1999. Natural history of the bird-voiced treefrog (*Hyla avivoca*) and green treefrog (*Hyla cinerea*) in southern Illinois. Bulletin of the Illinois Natural History Survey 36:37–66.
Reinke, M. and Deiques, C. H. 2010. História natural da espécie *Hypsiboas leptolineatus* (Anura: Hylidae) no Parque Nacional de Aparados da Serra, RS, Brasil. Neotropical Biology and Conservation 5:188-196.
Ribeiro, J. and Rebelo, R. 2011. Survival of Alytes cisternasii tadpoles in stream pools: a capture-recapture study using photo-identification. Amphibia-Reptilia 32:365-374.

Richards, S. J. and Alford, R. A. 1992. Nest construction by an Australian rainforest frog of the *Litoria lesueuri* complex (Anura: Hylidae). Copeia 1992:1120-1123.
Richmond, N. D. 1947. Life history of *Scaphiopus holbrookii holbrookii* (Harlan). Part I: larval development and behavior. Ecology 28:53-67.
Ritke, M. E. and Semlitsch, R. D. 1991. Mating behavior and determinants of male mating success in the gray treefrog, *Hyla chrysoscelis*. Canadian Journal of Zoology 69:246-250.
Rivadeneira, C. D., Venegas, P. J. and Ron, S. R. 2018. Species limits within the widespread Amazonian treefrog *Dendropsophus parviceps* with descriptions of two new species (Anura, Hylidae). ZooKeys 726:25–77.
Rivero, J. A. 1961. Salientia of Venezuela. Bulletin Museum Comparative Zoology 126:1–207.
Roberts, J. D. 1981. Terrestrial breeding in the Australian leptodactylid frog *Myobatrachus gouldii* (Gray). Wildlife Research 8:451-462.
Roberts, J. D. and Seymour, R. S. 1989. Non-foamy egg masses in *Limnodynastes tasmaniensis* (Anura: Myobatrachidae) from South Australia. Copeia 1989:488-492.
Roberts, W. E. 1994. Explosive breeding aggregations and parachuting in a neotropical frog, *Agalychnis saltator*. Journal of Herpetology 28:193–199.
Rödel, M. O. 2000. Herpetofauna of West Africa, Vol. I. Amphibians of the West African Savanna. Frankfurt, Edition Chimaira.
Rödel, M. O., Lampert, K. P. and Linsenmair, K. E. 2006. Reproductive biology of the West African savannah frog *Hyperolius nasutus* Günther, 1864 (Amphibia: Anura: Hyperoliidae). Herpetozoa 19:3-12.
Rodrigues, A. P., Giaretta, A. A., da Silva, D. R. and Facure, K. G. 2011. Reproductive features of three maternal-caring species of *Leptodactylus* (Anura: Leptodactylidae) with a report on alloparental care in frogs. Journal of Natural History 45:2037–2047.
Rodrigues, D. J., Uetanabaro, M. and Lopes, F. S. 2004. Reproductive strategies of *Physalaemus nattereri* (Steindachner, 1863) and *P. albonotatus* (Steindachner, 1862) at Serra da Bodoquena, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. Revista Española de Herpetología 18:63-73.
Rodrigues, D. J., Uetanabaro, M. and Lopes, F. S. 2005. Reproductive patterns of *Trachycephalus venulosus* (Laurenti, 1768) and *Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925) from the Cerrado, Central, Brazil. Journal of Natural History 39:3217-3226.
Rodrigues, D. J., Uetanabaro, M. and Lopes, F. S. 2007. Breeding biology of *Phyllomedusa azurea* Cope, 1862 and *P. sauvagii* Boulenger, 1882 (Anura) from the Cerrado, Central Brazil. Journal of Natural History 41:1841-1851.
Rodriguez, L. O. and Duellman, W. E. 1994. Guide to the frogs of the Iquitos region, Amazonian Peru. Lawrence: Natural History Museum, University of Kansas.
Rognes, K. 2015. Revision of the frog fly genus *Caiusa* Surcouf, 1920 (Diptera, Calliphoridae), with a note on the identity of *Plinthomyia emimelania* Rondani, 1875. Zootaxa 3952:1-80.
Roithmair, M. E. 1994. Male territoriality and female mate selection in the dart-poison frog *Epipedobates trivittatus* (Denderobatidae, Anura). Copeia 1994:107-115.
Rojas, B. and Pasukonis, A. 2019. From Habitat Use to Social Behavior: Natural History of a Voiceless Poison Frog, *Dendrobates tinctorius*. BioRxiv 515122.
Rosa, G., Mercurio, V., Crottini, A. and Andreone, F. 2011. Explosion into the canyon: an insight into the breeding aggregation of *Scaphiophryne gottlebei* Busse & Böhme, 1992. North-Western Journal of Zoology 7:329-333.
Rowley, J., Dau, V.Q., Hoang, H.D., Nguyen, T.T., Le, D.T.T. and Altig, R. 2015. The breeding biologies of three species of treefrogs with hyperextended vocal repertoires (*Gracixalus*; Anura: Rhacophoridae). Amphibia-Reptilia 36:277-285.
Ryan, M. J. 1983. Sexual selection and communication in a neotropical frog, *Physalaemus pustulosus*. Evolution 37:261-272.
Sabater-Pi, J. 1985. Contribution to the biology of the giant frog (*Conraua goliath*, Boulenger). Amphibia-Reptilia 6:143-153.
Saenz, D., Fitzgerald, L. A., Baum, K. A. and Conner, R. N. 2006. Abiotic correlates of anuran calling phenology: The importance of rain, temperature, and season. Herpetological Monographs 20:64-82.
Saito, E. N. 2013. Características ecológicas dos anuros ameaçados de extinção na Floresta Atlântica Subtropical do Brasil. Master's dissertation, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Florianópolis, Santa Catarina state, Brazil.
Salinas, F. V. 2006. Breeding behavior and colonization success of the Cuban treefrog *Osteopilus septentrionalis.* Herpetologica 62:398-408.
Salles, N. M. E. 2014. Características dos espermatozoides em espécies de *Leptodactylus* (Anura, Leptodactylidae). Master's dissertation, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, São Paulo state, Brazil.
Santoro, G. R. C. C., and Brandão, R. A. 2014. Reproductive modes, habitat use, and richness of anurans from Chapada dos Veadeiros, Central Brazil. North-Western Journal of Zoology 10:365–373.
Sas, I., Kovacs, E.H., Szeibel, N., Radu, N.R., Toth, A. and Ferenti, S. 2007. The populations of *Rana arvalis* Nills. 1842 from the Ier Valley (The Western Plain, Romania), Part II: sex ratio and body size distribution of some populations. Herpetologica 1:38-44.
Savage, J. M. 2002. The Amphibians and Reptiles of Costa Rica. The University of Chicago Press, Chicago and London.
Savage, J. M. and Starrett, P. H. 1967. A new fringe-limbed tree-frog (family Centrolenidae) from lower Central America. Copeia 604-609.

Schauble, C. S. 2004. Variation in body size and sexual dimorphism across geographical and environmental space in the frogs *Limnodynastes tasmaniensis* and *L. peronii*. Biological Journal of the Linnean Society 82:39-56.

Schiesari, L. C. and Moreira, G. 1996. The tadpole of *Phrynohyas coriacea* (Hylidae) with comments on the species' reproduction. Journal of Herpetology 30:404-407.

Schiesari, L., Gordo, M. and Hödl. W. 2003. Treeholes as calling, breeding and developmental sites for the Amazonian canopy Frog, *Phrynohyas resinifictrix* (Hylidae). Copeia 2003:263-272.

Schineider, J. A. P. and Teixeira, R. L. 2001. Relacionamento entre anfíbios anuros e bromélias da restinga de Regência, Linhares, Espírito Santo, Brasil. Iheringia, Série Zoologia 91:41-48.

Schiøtz, A. 2006. "Reflections on the *Hyperolius nasutus* group." Alytes, 24:61-71.

Schlüter, A. 1990. Reproduction and tadpole of *Edalorhina perezi* (Amphibia, Leptodactylidae). Studies on Neotropical Fauna and Environment 25:49–56.

Schlüter, A., Löttker, P. and Mebert, K. 2009. Use of an active nest of the leaf cutter ant *Atta cephalotes* (Hymenoptera: Formicidae) as a breeding site of *Lithodytes lineatus* (Anura: Leptodactylidae). Herpetology Notes 2:101–105.

Schmidt, K. P. 1927. Notes on Chinese Amphibians. Bulletin of the American Museum of Natural History 54:553-575.

Schwartz, A. and Henderson, R. W. 1991. Amphibians and Reptiles of the West Indies: Descriptions, Distributions and Natural History. University of Florida Press, Gainesville.

Scott, N. J. and Starrett, A. 1974. "An unusual aggregation of frogs, with notes on the ecology of *Agalychnis spurrelli* (Anura: Hylidae)." Bulletin of the Southern California Academy of Sciences 73:86-94.

Seebacher, F. and Grigaltchik, V. S. 2014. Embryonic developmental temperatures modulate thermal acclimation of performance curves in tadpoles of the frog *Limnodynastes peronii*. PLoS One 9:e106492.

Serrano, J. M. S. 2018. The amplexus and encounter calls and notes on the reproductive behavior of the Porthole Frog (*Charadrahyla taeniopus*). Herpetology Notes 11:819-823.

Sexton, O. J. 1960. Some aspects of the behavior and of the territory of a dendrobatid frog, *Prostherapis trinitatis*. Ecology 41:107-115.

Seyle, C. W., Jr. and Trauth, S. E. 1982. Life history notes: *Pseudacris ornata* (ornate chorus frog). Reproduction. Herpetological Review 13:45.

Shaffer, H. B., Inger, R. F., Wu, G. F., and Zhao, E. M. 1994. Morphological variation and ecological distribution of co-occurring larval forms of *Oreolalax* (Anura: Pelobatidae). Amphibia-Reptilia 15:109-121.

Sheridan, J. A. 2009. Reproductive variation corresponding to breeding season length in three tropical frog species. Journal of Tropical Ecology 25:583-592.

Shimizu, S. and Ota, H. 2003. Normal Development of *Microhyla ornata*. Current Herpetology 22:73-90.

Silva, G. L., dos Santos, E. M. and Gomes, J. P. 2010. Predação de ovos de *Corythomantis greeningi* Boulenger, 1896 (Anura, Hylidae) por *Solenopsis invicta* Buren, 1972 (Formicidae: Myrmicinae). Biotemas 23:153-156.

Silva, H. R., Carvalho A. L. G. and Bittencourt-Silva, G. B. 2008. Frogs of Marambaia: A naturally isolated Restinga and Atlantic Forest remnant of southeastern Brazil. Biota Neotropica 8:4.

Silva, W. R., Giaretta, A. A. and Facure, K. 2005. On the natural history of the pepper frog *Leptodactylus labyrinthicus* (Anura, Leptodactylidae). Journal of Natural History 39:555-566.

Silvano, D., Garcia, P. and Segalla, M. V. 2004. *Scinax catharinae*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 25 May 2015.

Silverstone, P. A. 1975. A revision of the poison-arrow frogs of the genus *Dendrobates* Wagler. Natural History Museum of Los Angeles County Science Bulletin 21:37-40.

Silverstone, P. A. 1976. A revision of the poison-arrow frogs of the genus *Phyllobates* Bibron in Sagra (family Dendrobatidae). Natural History Museum of Los Angeles County Science Bulletin 27:1-53.

Smith. H. M. 1950. Handbook of amphibians and reptiles of Kansas. University of Kansas, Museum of Natural History, Miscellaneous Publication 9:1-356.

Solís, F., Ibáñez, R., Chaves, G., Savage, J., Jaramillo, C., Fuenmayor, Q., Lynch, J., Castro, F. and Bolaños, F. 2008a. *Scinax boulengeri*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 25 May 2015.

Solís, F., Ibáñez, R., Jaramillo, C., Chaves, G., Savage, J., Köhler, G., Jungfer, K., Bolívar, W. and Bolaños, F. 2008b. *Scinax elaeochrous*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.3. http://www.iucnredlist.org. Downloaded on 25 May 2015.

Spring, S., Lehner, M., Huber, L. and Ringler, E. 2019. Oviposition and father presence reduce clutch cannibalism by female poison frogs. Frontiers in Zoology 16:8.

Springer, L. E. and Schalk, C. M. 2016. *Lepidobatrachus laevis*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (CAAR).

Stebbins, R. C. 1951. Amphibians of Western North America. University of California Press, Berkeley.

Stebbins, R. C. and Hendrickson, J. R. 1959. Field studies of amphibians in Colombia, South America. Univeristy of California Publications in Zoology 56:497-540.

Stewart, M. M. 1967. Amphibians of Malawi. State University of New York, Albany.

Stratford, D., Grigg, G., McCallum, H. and Hines, H. 2010. Breeding ecology and phenology of two stream breeding myobatrachid frogs (*Mixophyes fleayi* and *M. fasciolatus*) in south-east Queensland. Australian Zoologist 35:189-197.

Stratford, D., Grigg, G., McCallum, H. and Hines, H. 2010. Breeding ecology and phenology of two stream breeding myobatrachid frogs (*Mixophyes fleayi* and *M. fasciolatus*) in south-east Queensland. Australian Zoologist 35:189-197.

Summers, K., Mckeon, C. S., Heying, H., Hall, J. and Patrick, W. 2007. Social and environmental influences on egg size evolution in frogs. Journal of Zoology 271:225–232.

Summers, K., Sea McKeon, C. and Heying, H. 2005. The evolution of parental care and egg size: a comparative analysis in frogs. Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences 273:687-692.

Summers, K., Weigt, L. A., Boag, P. and Bermingham, E. 1999. The evolution of female parental care in poison frogs of the genus *Dendrobates*: evidence from mitochondrial DNA sequences. Herpetologica 254-270.

Tabassum, F., Rais, M., Anwar, M., Mehmood, T., Hussain, I. and Khan, S. A. 2011. Abundance and breeding of the common skittering frog (*Euphlyctis cyanophlyctis*) and bull frog (*Hoplobatrachus tigerinus*) at Rawal Lake, Islamabad, Pakistan. Asian Herpetological Research 2:245-250.

Teixeira, R. L., Schineider, J. A. P. and Almeida, G. I. 2002. The occurrence of amphibians in bromeliads from a Southeastern Brazilian restinga habitat, with special reference to *Aparasphenodon brunoi* (Anura, Hylidae). Brazilian Journal of Biology 62:263–268.

Telles, D. O. C., Vaz, S. A. F. and Menin, M. 2013. Reproductive biology, size and diet of *Hypsiboas cinerascens* (Anura: Hylidae) in two urban forest fragments in Central Amazonia, Brazil. Phyllomedusa: Journal of Herpetology 12:69-76.

Toledo, L. F. 2007. Predação e defesa em anuros: revisão, descrição e evolução. Ph.D. dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.

Toledo, L. F., Garcia, P. C. A., Lingnau, R. and Haddad, C. F. B. 2007. A new species of *Sphaenorhynchus* (Anura: Hylidae) from Brazil. Zootaxa 1658:57-68.

Touchon, J. and Warkentin, K. M. 2008. Reproductive mode plasticity: aquatic and terrestrial oviposition in a treefrog. Proceedings of the National Academy of Sciences 105:7495–7499.

Townsend, D. S., Stewart, M. M. and Pough. F. H. 1984. Male parental care and its adaptive significance in a Neotropical frog. Animal Behaviour 32:421-431.

Travis, J. 1983. Variation in developmental patterns of larval anurans in temporary ponds. I. Persistant variation within a *Hyla gratiosa* population. Evolution 37:496-512.

Trueb, L. 1974. Systematic relationships of Neotropical horned frogs, Genus *Hemiphractus* (Anura: Hylidae). Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas 29:1-60.

Trueb, L. and Cannatella, D. C. 1986. Systematics, morphology, and phylogeny of genus *Pipa* (Anura: Pipidae). Herpetologica 412-449.

Trueb, L. and Duellman, W. E. 1971. A synopsis of Neotropical Hylid frogs Genus *Osteochphalus*. Occasional Papers of the Museum of Natural History, The University of Kansas, Lawrence, Kansas. 29:1-47.

Tsuji, H. 2004. Reproductive ecology and mating success of male *Limnonectes kuhlii*, a fanged frog from Taiwan. Herpetologica 60:155-167.

Tsuji, H. and Lue, K. 2000. The reproductive ecology of female *Rana* (*Limnonectes*) *kuhlii*, a fanged frog of Taiwan, with particular emphasis on multiple clutches. Herpetologica 56:153–165.

Tyler, M. J. 1978. Amphibians of South Australia. Government Printer, Adelaide.

Tyler, M. J. 1985. Reproductive modes in Australian amphibians. Pages 265–267 in G. Grigg, R. Shine, and H. Ehmann, ed. The biology of Australasian frogs and reptiles. Surrey Beatty and Sons, Chipping Norton, NSW.

Tyler, M. J. 1998. Australian frogs: A natural history. Cornell University Press, New York.

Tyler, M. J., Shearman, D. J., Franco, R., O'Brien, P., Seamark, R. F. and Kelly, R. 1983. Inhibition of gastric acid secretion in the gastric brooding frog, *Rheobatrachus silus*. Science 220:609-610.

Ueda, H., Hasegawa, Y. and Marunouchi, J. 1998. Geographical differentiation in a Japanese stream-breeding frog, *Buergeria buergeri*, elucidated by morphometric analyses and crossing experiments. Zoological Sciences 15:615-622.

Uetanabaro, M., Prado, C. P. A., Rodrigues, D. J., Gordo, M. and Campos, Z. 2008. Guia de Campo dos Anuros do Pantanal e Planaltos de Entorno. Mato Grosso do Sul, Ed. UFMS.

Vargas-Salinas, F., Quintero-Ángel, A., Osorio-Domínguez, D., Rojas-Morales, J. A., Escobar-Lasso, S., Gutiérrez-Cárdenas, P. D. A and Amézquita, A. 2014. Breeding and parental behaviour in the glass frog *Centrolene savagei* (Anura: Centrolenidae). Journal of Natural History 48:1689-1705.

Vassilieva, A. B., Sinev, A. Y. and Tiunov, A. V. 2017. Trophic segregation of anuran larvae in two temporary tropical ponds in southern Vietnam. Herpetological Journal 27:2.

Vences, M., Glaw, F. and Bohme, W. 1998. Evolutionary correlates of microphagy in alkaloid-containing frogs (Amphibia: Anura). Zoologischer Anzeiger 236:217-230.

Verdade, V. K., Dixo, M. and Curcio, F. F. 2010. Os riscos de extinção de sapos, rãs e pererecas em decorrência das alterações ambientais. Estudos Avançados 24:161-172.

Vertucci, S., Pepper, M., Edwards, D. L., Roberts, J. D., Mitchell, N. and Keogh, J. S. 2017. Evolutionary and natural history of the turtle frog, *Myobatrachus gouldii*, a bizarre myobatrachid frog in the southwestern Australian biodiversity hotspot. PloSone 12:e0173348.

Vockenhuber, E. A., Hödl, W. and Amézquita, A. 2009. Glassy fathers do matter: egg attendance enhances embryonic survivorship in the glass frog *Hyalinobatrachium valerioi*. Journal of Herpetology 43:340-345.

Wager, V. A. 1965. The Frogs of South Africa. Purnell and Sons, Cape Town.

Wager, V.A. 1930. The breeding habits and life-histories of two rare south african amphibia.—I. *Hylambates natalensis* A. Smith. II. *Natalobatrachus bonebergi* Hewitt and Methuen. Transactions of the Royal Society of South Africa 19:79-91.

Wagner, W. E. Jr. 1989. Graded aggressive signals in Blanchard's cricket frog: vocal responses to opponent proximity and size. Animal Behavior 38:1025-1038.

Wang, G., Gong, Y. Z., Han, J. F., Li, C., and Xie, F. 2017. Oviposition site selection of the Plateau frog (*Nanorana pleskei*) in the Zoige Wetland, China. Asian Herpetological Research 8:269-274.

Wells, K. D. 1977. The social behavior of anuran amphibians. Animal Behavior 25:666-693.

Wells, K. D. 1978. Courtship and parental behavior in a Panamanian poison-arrow frog (*Dendrobates auratus*). Herpetologica 148-155.

Wells, K. D. 2007. The ecology and behavior of amphibians. University of Chicago Press, Chicago.

Weygoldt, P. 1976. Notes on the biology and ethology of *Pipa carvalhoi* Mir. Rib. 1937 (Anura, Pipidae). Zeitschrift fur Tierpsychologie 40:80-99.

Weygoldt, P. 1987. Evolution of parental care in dart poison frogs (Amphibia: Anura: Dendrobatidae). Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research 25:51-67.

Wheeler, C. A., Lind, A. J., Welsh Jr, H. H. and Cummings, A. K. 2018. Factors that Influence the Timing of Calling and Oviposition of a Lotic Frog in Northwestern California. Journal of Herpetology 52:289-298.

Wickramasinghe, D. D., Oseen, K. L., Kotagama, S. W. and Wassersug, R. J. 2004. The terrestrial breeding biology of the ranid rock frog *Nannophrys ceylonensis*. Behaviour 141:899-913.

Wilson, J. N., Bekessy, S., Parris, K. M., Gordon, A., Heard, G. W., and Wintle, B. A. 2013. Impacts of climate change and urban development on the spotted marsh frog (*Limnodynastes tasmaniensis*). Austral Ecology 38:11-22.

Wogel, H. and Pombal-Jr, J. P. 2007. Comportamento reprodutivo e seleção sexual em *Dendropsophus bipunctatus* (Spix, 1824) (Anura, Hylidae). Papéis Avulsos de Zoologia 47:165-174.

Wogel, H., Abrunhosa, P. A. and Pombal-Jr, J. P. 2005. Breeding behaviour and mating success of *Phyllomedusa rohdei* (Anura, Hylidae) in south-eastern Brazil. Journal of Natural History 39:2035-2045.

Wogel, H., Abrunhosa, P. A. and Pombal-Jr, J. P. 2006. Chorus organization of the leaf-frog *Phyllomedusa rohdei* (Anura, Hylidae). The Herpetological Journal 16:21-27

Woolbright, L. L. 1989. Sexual dimorphism in *Eleutherodactylus coqui*: selection pressures and growth rates. Herpetologica 45:68–74.

Wright, A. H. and Wright, A. A. 1949. Handbook of Frogs and Toads of the United States and Canada. Ithaca, Comstock Publishing Associates.

Xu, F. and Li, Y. 2013. Oviposition site selection by rice frogs on Taohua Island and the nearby mainland. The Herpetological Journal 23:51-53.

Yang, D. T. 1991. The Amphibia-Fauna of Yunnan. China Forestry Publishing House, Beijing.

Ye, C. Y., Fei, L. and Hu, S. Q. 1993. Rare and Economic Amphibians of China. Sichuan Science and Technology publishing House, Chengdu.

Yetman, C. A. and Ferguson, J. W. H. 2011. Spawning and non-breeding activity of adult giant bullfrogs (*Pyxicephalus adspersus*). African Journal of Herpetology 60:13-29.

Yetman, C. A., Mokonoto, P. J. and Ferguson, W. H. 2012. Conservation implications of the age/size distribution of Giant Bullfrogs (*Pyxicephalus adspersus*) at three peri-urban breeding sites. The Herpetological Journal 22:23-32.

Yorke, C. D. 1983. Survival of embryos and larvae of the frog *Polypedates leucomystax* in Malaysia. Journal of Herpetology 235-241.

Yu, T. L. and Guo, Y. S. 2013. Differential response to abiotic conditions, predation risk, and competition determine breeding site selection by two anuran species. Animal Cells and Systems 17:127-132.

Zheng, Y., Li, S., Fu, J. and Deng, D. 2010. Aspects of the breeding biology of the Omei mustache toad (*Leptobrachium boringii*): polygamy and paternal care. Amphibia-Reptilia 31:183-194.

Zimmitti, S. J. 1999. Individual variation in morphological, physiological, and biochemical features associated with calling in spring peepers (*Pseudacris crucifer*). Physiological and Biochemical Zoology 72:666–676.

Zina, J. 2006. Ecologia e biologia reprodutiva de duas espécies simpátricas do gênero *Aplastodiscus* na Serra do Japi, município de Jundiaí, estado de São Paulo. Master's dissertation, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo State, Brazil.

Zina, J. and Haddad, C. F. B. 2005. Reproductive activity and vocalizations of *Leptodactylus labyrinthicus* (Anura: Leptodactylidae) in southeastern Brazil. Biota Neotropica 5:119-129.

Zina, J., Ennser, J., Pinheiro, S. C. P., Haddad, C. F. B. and Toledo, L. F. 2007. Taxocenose de anuros de uma mata semidecídua do interior do Estado de São Paulo e comparações com outras taxocenoses do Estado, sudeste do Brasil. Biota Neotropica 7:49-58.

Zweifel, R. G. 1956. Notes on microhylid frogs, genus *Cophixalus*, from New Guinea. American Museum Novitates 1785

.

Supplemental Table 2. Mean, standard deviation (SD) and range of number of eggs per clutch for anuran species (all families) and Hylidae species in the three categories of oviposition sites.

	N eggs Anura			N eggs Hylidae		
Oviposition site	Mean	SD	Range	Mean	SD	Range
Aquatic	1324.34	1802.02	22– 12000	1048.23	980.81	30 – 6500
Arboreal	296.17	649.16	5 – 4000	232.90	279.92	20–1114
Hidden	233.75	232.82	9 – 1000	224	157.69	14 – 436
Terrestrial	96.41	227.22	4 –970	NA	NA	NA

5 CONCLUSÕES

No primeiro capítulo, onde descrevemos a biologia reprodutiva da perereca *Dendropsophus haddadi*, encontramos que a espécie apresenta atividade noturna. O macho vocaliza para atrair a fêmea e exibe sinais visuais, um comportamento não comum em espécies noturnas. Além disso, cuidado parental foi observado em uma fêmea de *D. haddadi* que juntou os ovos da desova com suas patas traseiras, e depois ficou em cima dos ovos de outra desova por cerca de 20 minutos. Esta foi a primeira observação deste comportamento para o gênero.

No segundo capítulo, investigamos a relação entre variação no dimorfismo sexual em tamanho (SSD), fecundidade e locais de oviposição em anuros. Não houve diferenças no SSD entre as espécies de anuros e nem entre os hilídeos que ovipositam em diferentes locais (desova aquática, arborícola, terrestre e escondida). Porém, em espécies que desovam em locais escondidos, o dimorfismo sexual em tamanho foi menor, com machos e fêmeas apresentando tamanhos similares. Isto poderia ser explicado pelo fato de haver uma limitação para casais em amplexo e desovas nesses espaços restritos. Além disso, em muitas espécies com desovas escondidas, as fêmeas não carregam os machos em amplexo. Desta forma, sugerimos que em espécies com desovas escondidas deve haver uma menor pressão para o aumento da fecundidade e das fêmeas, atenuando o SSD.

Como esperado, a fecundidade nas espécies arborícolas, tanto para Anura quanto para Hylidae, foi menor que a das espécies aquáticas. Para os anuros, a fecundidade nas espécies arborícolas foi semelhante à das espécies com desovas terrestres e escondidas. Para os hilídeos, a fecundidade das espécies arborícolas foi semelhante à das espécies com desovas escondidas. No entanto, os hilídeos com desovas arborícolas mostraram uma tendência a ter uma menor fecundidade. Nossos resultados sugerem que a arborealidade pode restringir a fecundidade, devido aos custos relacionados ao transporte dos machos pelas fêmeas durante o amplexo e a oviposição.

Neste trabalho, concluímos que os locais de oviposição podem influenciar a fecundidade e o tamanho das fêmeas, consequentemente, afetar o dimorfimo sexual em tamanho em anuros em diferentes esacalas evolutivas. No entanto, a ausência de dados básicos de história natural, tais como locais de oviposição e tamanho e número de ovos, para um grande número de espécies de anuros, dificulta a realização de estudos que buscam investigar e testar hipóteses sobre a evolução dos modos reprodutivos e dimorfismo sexual em anuros. Desta forma, estudos descritivos de aspectos da história natural das espécies ainda são necessários, pois eles são a base para entendermos os processos e mecanismos envolvidos na evolução de muitos aspectos da biologia de anuros.